

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSO* EM LETRAS
NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

ROSANA TAÍS ROSSA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE DESCENDENTES DE
IMIGRANTES ITALIANOS DE PINHO DE BAIXO, IRATI, PARANÁ**

GUARAPUAVA

2017

ROSANA TAÍS ROSSA

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE DESCENDENTES DE
IMIGRANTES ITALIANOS DE PINHO DE BAIXO, IRATI, PARANÁ**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção de grau de Mestre em Letras, Curso de
Pós-Graduação em Letras, área de concentração
Interfaces entre Língua e Literatura, da
UNICENTRO.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. LOREMI LOREGIAN-
PENKAL

GUARAPUAVA

2017

Ficha elaborada pela Biblioteca da Unicentro-Guarapuava, Campus Santa Cruz
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva CRB 1544-9

R823c **Rossa, Rosana Tais**
Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de
Pinho de Baixo, Irapé, Paraná / Rosana Tais Rossa.– Guarapuava:
Unicentro, 2017.
xii, 145 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste,
Programa de Pós-Graduação em Letras; área de concentração: Interfaces
entre Língua e Literatura.
Orientadora: Profa. Dra. Loremi Loregian-Penkaj;
Banca examinadora: Profa. Dra. Luciana Lanhi Balthazar, Profa. Dra.
Lucelene Terezinha Franceschini.

Bibliografia

1. Crenças. 2. Atitudes Linguísticas. 3. Pinho de Baixo. 4. Sociolinguística
Variacionista. 6. Língua Italiana. 7. Imigrantes Italianos. I. Título. II. Programa
de Pós-Graduação em Letras.

CDD 20. ed. 401.41098162



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL



TERMO DE APROVAÇÃO

Rosana Taís Rossa

**"Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo,
Irati/PR"**

Dissertação aprovada em 31/10/2017 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Loremi Loregian Penkal - UNICENTRO - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Luciana Lanhi Balthazar - UFPR - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Lucelene Terezinha Franceschini - UNICENTRO - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2017

Ao meu Deus, que é acima tudo e todos, pela sua incrível graça e infalível amor.

Ao Roberto, meu irmão, por ser meu maior exemplo de vida e superação e me impulsionar a sempre alçar voos maiores. Você é meu tudo!

A todos os imigrantes italianos que, ao adentrarem ao Brasil, promoveram a escritura de novas linhas na nossa história.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor, Único e Suficiente Salvador, Jesus Cristo, por tudo o que tem feito e irá fazer em minha vida. Pela proteção, sabedoria, saúde, conforto e coragem de enfrentar os desafios que sempre se puseram em meu caminho. Obrigada por me capacitar e acompanhar cada um dos meus passos.

Aos meus pais, Airton e Marli, por toda a dedicação que tiveram com meus estudos, desde a minha infância até hoje. Sei que sempre estarão comigo. Obrigada pelas orações, pela paciência, pelo investimento e por todas as lágrimas que derramaram quando eu estive longe. Eu amo vocês!

Ao Roberto, meu único irmão, por ser meu porto seguro. É para o teu abraço apertado e sincero que eu corro quando a pressão me sufoca. Obrigada por retribuir minhas crises de irritação com um largo sorriso e por nunca deixar de ser quem você é: especial em todos os sentidos. Te amo além da vida!

À minha professora, orientadora e amiga desde a graduação, professora Loremi Loregian-Penkal. Agradeço por todos os ensinamentos que me proporcionou, pela mansidão com a qual sempre encarou meus erros, pelo equilíbrio com que sempre entendeu minhas inconstâncias e por tão prontamente me ouvir, me corrigir e me mostrar o melhor caminho. Você foi uma das minhas melhores professoras e quero ter você sempre por perto!

Às professoras doutoras Lucelene e Luciana, que tão prontamente aceitaram o convite para compor minha banca de qualificação e defesa. A leitura atenta e as sugestões de vocês permitiram que eu ampliasse minha visão sobre o tema e enriquecesse minha pesquisa. Obrigada pelo tempo que dispensaram com o meu texto e por todas as suas valiosas considerações.

Aos colegas do mestrado pelo tempo de convivência e por todos os conhecimentos compartilhados. Em especial, agradeço à Carolina pela companhia nas viagens para Guarapuava e à Simone por todos os momentos vividos na pensão, dividindo nosso tempo entre estudos, filmes, séries, músicas e bate-papo. Vocês me ensinaram muito. Obrigada!

A todos os professores que conheci e tive o prazer de interagir durante o Mestrado. Suas instruções ficarão para sempre gravadas em minha memória.

Agradeço à Universidade Estadual do Centro-Oeste pela acolhida que sempre recebi e pela excelente formação que tive nesses seis anos em que fui aluna dessa instituição. Que Deus preserve nossa UNICENTRO!

Ao Mestrado em Letras da UNICENTRO, por me permitir aprender tantas coisas e ampliar meus horizontes para a docência, para a pesquisa científica e, principalmente, por me propiciar esse tempo de crescimento pessoal.

Em especial, agradeço aos meus pais na fé, Pastor João e Pastora Janete, por suas incessantes orações por mim e por estarem sempre perto da minha família.

Às minhas líderes espirituais, Jully e Viviana, por tudo o que me ensinam, pelos conselhos, orações, risadas e momentos intensos de comunhão umas com as outras e, mais que tudo, com o nosso Paizinho. Amo vocês!

À minha irmã do coração, Michele, por entrar na minha vida de uma forma tão sutil e ter se tornado imprescindível.

À Ana Caroline, minha amiga da faculdade, com quem dividi inúmeras tristezas e alegrias, compartilhei conhecimentos, aprendi milhares de coisas e conheci minhas séries e músicas preferidas. Você tem parte nisto, amiga!

À Luana, Vanessa e Maria Amanda por estarem ao meu lado e serem minhas eternas amigas. Quero vocês sempre por perto!

Ao Yago, meu amor, por ter despertado em mim sentimentos tão lindos e sinceros. Obrigada por compreender minhas ausências, minhas crises de humor e me tornar uma pessoa melhor. Te amo mais do que você imagina.

Aos meus amigos e familiares que não foram mencionados aqui, mas que de alguma forma participam da minha vida e me ajudam a ser uma pessoa melhor. Muito obrigada!

Aos meus informantes, por terem deixado de lado suas atividades cotidianas para participar da minha pesquisa e contribuir para este estudo, o qual não teria nenhum sentido se não fosse por vocês. Serei grata perpetuamente.

“Ó Senhor Deus, a tua palavra dura para sempre; ela é firme como o céu. A tua fidelidade permanece em todas as gerações; tu colocaste a terra no seu lugar, e ela fica firme. De acordo com as tuas ordens todas as coisas permanecem até hoje, pois tudo te obedece”.

Salmos 119: 89-91 – Bíblia Sagrada

ROSSA, Rosana Taís. **Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo, Irati, Paraná.** Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Guarapuava, 2017. Dissertação de Mestrado.

RESUMO: Este trabalho, fundamentado nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e nos estudos sobre Crenças e Atitudes linguísticas, tem como objetivo principal apresentar e analisar crenças e atitudes linguísticas positivas e negativas de descendentes de imigrantes italianos da comunidade de Pinho de Baixo, localizada na zona rural de Irati/PR. Considerando que essa localidade é formada majoritariamente por descendentes de imigrantes e sabendo que as influências da cidade estão adentrando cada vez mais o campo, buscamos entender como a população percebe a língua portuguesa com sotaque e expressões em língua italiana falada pela comunidade, bem como compreender de que maneira reage a essa língua. O presente trabalho se divide em cinco capítulos: o primeiro capítulo discute a função da língua na sociedade, os primeiros estudos linguísticos, como a Sociolinguística surgiu e como se ramificou; o segundo capítulo discorre acerca dos tipos de variação linguística e a metalinguagem usada para se referir a elas, além de expor o conceito, processo e consequências da mudança linguística e discutir o preconceito linguístico; no terceiro capítulo do trabalho exploramos as crenças e atitudes linguísticas, estudando-as individualmente, de acordo com a concepção de que crença consiste em pensamento e atitude manifesta-se pela ação. Ainda nesse capítulo, tecemos algumas reflexões sobre identidade, cultura e representação; no quarto capítulo apresentamos o contexto da imigração italiana no Brasil, a comunidade pesquisada e nossos informantes. Explicamos quais métodos utilizamos para realizar a investigação e listamos as perguntas que utilizamos nas entrevistas. Por fim, no último capítulo, mostramos a análise dos dados, intercalando dados quantitativos e excertos das entrevistas. Entre os resultados percebidos no decorrer da investigação, podemos destacar que a língua italiana falada antigamente pelos moradores está acabando, já que hoje apenas uma pequena parte da comunidade ainda tem práticas cotidianas que envolvem esta língua. O grupo folclórico formado pelos moradores de Pinho de Baixo busca resgatar a cultura italiana, mas a forte interferência da urbanização tem dificultado essa tarefa.

Palavras-chave: Crenças e Atitudes Linguísticas; Pinho de Baixo; Sociolinguística Variacionista; Língua italiana; Imigrantes italianos.

ROSSA, Rosana Taís. **Beliefs and linguistic Attitudes of Italian immigrants from Pinho de Baixo, Irati, Parana State.** State University of Central-West - UNICENTRO, Guarapuava, 2017. Master's Dissertation.

ABSTRACT: This work, based on the assumptions of the Variacionist Sociolinguistics and the studies about beliefs and linguistic Attitudes, has as its main objective to present and analyze positive and negative linguistic beliefs and attitudes of descendants of Italian immigrants from the community of Pinho de Baixo, located in the countryside of Irati / PR. Considering that this locality is formed mainly by descendants of immigrants and due to the fact that the influences of the city are increasingly entering the countryside, we seek to understand how the population perceives the Portuguese language with the Italian accent and expressions in the Italian language spoken by the members of the community, as well as to understand the way it reacts to this language. The text is divided into five chapters: the first chapter discusses the role of language in society, the first linguistic studies, how Sociolinguistics arose and how it branched out; the second chapter discusses the types of linguistic variation and the metalanguage used to refer to them, and also exposes the concept, process and consequences of linguistic change and discusses linguistic prejudice; in the third chapter of the work we explore linguistic beliefs and attitudes, studying them individually, according to the conception that belief consists of thought and attitude is manifested by action. Still in this chapter, we lead some reflections about identity, culture and representation; in the fourth chapter we present the context of Italian immigration in Brazil, the investigated community and our informants. We explain the methods we used to conduct the research and list the questions we applied in interviews. Finally, in the last chapter, we show the analysis of the data, intercalating quantitative data and interviews excerpts. Among the results obtained during the investigation, we can highlight that the Italian language formerly spoken by the residents is ending, whereas today only a small part of the community still has daily practices that involve this language. The folk group formed by the residents of Pinho de Baixo seeks to rescue Italian culture, but the strong interference of urbanization has turned it into a difficult task.

Keywords: Beliefs and Linguistic Attitudes; Pinho de Baixo; Sociolinguistic Variation; Italian language; Italian immigrants.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados básicos dos informantes.....	71
Tabela 2: Questões respondidas na ficha social.....	73
Tabela 3: Questões utilizadas nas entrevistas.....	75
Tabela 4: Relação de línguas faladas pelos informantes (FS – P3).....	80
Tabela 5: Língua materna dos falantes (FS – P4).....	81
Tabela 6: Informantes que conhecem a origem do seu sobrenome italiano (FS – P5).....	82
Tabela 7: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana (FS – P8).....	83
Tabela 8: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana falada na Itália (FS – P9).....	83
Tabela 9: Descendentes de imigrantes italianos que aprenderam a rezar em italiano (FS – P12).....	84
Tabela 10: Descendentes que rezam em italiano (FS – P13).....	85
Tabela 11: Identificação dos informantes como brasileiros ou italianos (FS – P15).....	86
Tabela 12: Emprego da língua italiana em situações do dia a dia (Q – P1).....	87
Tabela 13: Língua mais falada no Pinho de Baixo de acordo com os informantes(Q – P2).....	88
Tabela 14: Percepção das diferenças na fala do interior em relação à cidade de Irati (Q – P3).....	90
Tabela 15: Juízo de valor sobre a língua falada no Pinho em relação a Irati (Q – P4).....	91
Tabela 16: O falar dos jovens em relação ao dos mais velhos (Q – P6).....	92
Tabela 17: Mudanças na fala dos jovens (Q – P7).....	93
Tabela 18: Percepção das diferenças entre a fala de homens e mulheres (Q – P8).....	95
Tabela 19: Percepção das diferenças na fala de descendentes de italianos de comunidades vizinhas (Q – P9).....	96
Tabela 20: Consideração de que há falares feios ou esquisitos (Q – P10).....	97
Tabela 21: Crença de que a fala de uma pessoa representa quem ela é (Q – P12).....	98
Tabela 22: Possibilidade de um falante ser reconhecido por sua fala (Q – P13).....	99
Tabela 23: Comportamento dos entrevistados em relação à própria fala (Q – P15).....	100
Tabela 24: Tentativa de fala monitorada em alguma situação comunicativa (Q – P16).....	102

Tabela 25: O falar do Pinho de Baixo é igual ao dos apresentadores de TV (Q – P18).....	104
Tabela 26: Há mistura de português e italiano na língua falada na comunidade? (Q – P19).....	105
Tabela 27: Concepções acerca da língua portuguesa falada no Brasil (Q – P20).....	106
Tabela 28: Entendimento da função mais importante da língua (Q – P21).....	108
Tabela 29: Juízo da beleza da língua italiana falada no Brasil (Q – P22).....	109
Tabela 30: Conhecimento dos informantes acerca dos dialetos falados na Itália (Q – P24).....	110
Tabela 31: Crença de que a língua italiana está desaparecendo do Pinho de Baixo (Q – P26).....	110
Tabela 32: Relevância do curso de língua italiana para comunidade (Q – P27).....	112
Tabela 33: Crença de que a língua italiana deveria ser estudada nas escolas (Q – P32).....	112
Tabela 34: Crença de que há uma língua mais carinhosa que outra (Q – P34).....	114
Tabela 35: Atitude de utilizar xingamentos na língua vernácula (Q – P35).....	115
Tabela 36: Possibilidade de adquirir imóvel em um bairro de descendentes de eslavos (Q – P36).....	116
Tabela 37: Atitude de adquirir imóvel em um bairro só de descendentes de italianos (Q – P37).....	117
Tabela 38: Atitude de fechar negócios com descendentes de ucranianos e poloneses (Q – P38).....	118
Tabela 39: Realização de missas e cultos realizados em italiano na comunidade (Q – P39).....	119
Tabela 40: A língua considerada mais bonita pelos falantes da comunidade (Q – P40).....	120
Tabela 41: Atitude de ouvir músicas típicas e participar de festas voltadas à cultura italiana (Q – P41).....	121

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – UMA LÍNGUA SOCIAL	18
1.1 ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRELIMINARES	20
1.2 SURGIMENTO E DESDOBRAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	23
CAPÍTULO 2 – AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS	30
2.1 PRINCIPAIS TERMINOLOGIAS ADOTADAS PELA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	31
2.2 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	34
2.3 MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	37
2.4 VARIANTES DE PRESTÍGIO E VARIANTES ESTIGMATIZADAS: AS RAÍZES DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	40
CAPÍTULO 3 – CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS	50
3.1 CRENÇAS.....	51
3.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS	54
3.3 IDENTIDADE, CULTURA E REPRESENTAÇÃO	60
CAPÍTULO 4 – <i>CORPUS</i> E METODOLOGIA	63
4.1 A COMUNIDADE PESQUISADA	64
4.1.1 CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO.....	64
4.1.2 FUNDAÇÃO E POVOAMENTO DO PINHO DE BAIXO	66
4.2 <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	69
4.3 COLETA DE DADOS.....	73
CAPÍTULO 5 – ANÁLISE DOS DADOS	79
5.1 ANÁLISE DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	131

INTRODUÇÃO

Compreender a imensidão do ser humano é uma tarefa complexa. Ao escolher mergulhar nesse mar misterioso, é preciso ter em mente que, embora especialistas de diversas áreas busquem entender e explicar o pensamento (crenças), o comportamento (atitudes) e os conflitos individuais de cada um, há muitas perguntas que ainda ficam e ficarão sem respostas. Afinal de contas, nem sempre é possível afirmar convictamente o porquê de as pessoas serem como são, o que as leva a agirem de determinada forma e quais consequências seguirão suas ações.

É crucial entendermos a relevância da interação comunicativa entre os seres de uma mesma espécie. Animais de todas as estirpes relacionam-se entre si de diversas maneiras, independente de terem ou não o intuito da comunicação. Com os seres humanos não é diferente. As inúmeras conquistas alcançadas por uma sociedade só foram e são possíveis graças à organização de falantes que dominam um sistema de comunicação oral e, ao exprimirem-se, compreendem e se fazem compreender (BENTES, 2001).

Dessa forma, convém dizer que cada avanço teórico, tecnológico, medicinal, industrial e intelectual se deu a partir das relações estabelecidas entre seres de uma mesma espécie e dominadores da linguagem, a saber, o ser humano. Então, se essa capacidade é imensuravelmente essencial para que os vínculos se estreitem entre as pessoas, devemos esmiuçá-la em todas as suas instâncias.

Se falar da língua é falar do ser humano, então inevitavelmente esbarramos nas “diferenças”. Cada indivíduo tem sua própria identidade, suas características peculiares, heranças de uma formação histórica, social e cultural que o moldam e o definem como parte de um grupo determinado. Botassini (2013) declara que, devido às dimensões territoriais, o Brasil é um país multifacetado, sendo natural que haja diferenças étnicas, culturais, religiosas, sociais e, inclusive, linguísticas, permeando seus habitantes.

Citando uma pesquisa do Grupo de Trabalho de Diversidade Linguística do Brasil (GTDL), Botassini (2013) afirma que no Brasil são falados aproximadamente 200 idiomas. Mais que isso, dentro de cada idioma podem existir divergências na pronúncia das palavras, nas construções sintáticas e nos efeitos de sentido. De acordo com a autora,

verifica-se, no âmbito da própria língua portuguesa brasileira, variação linguística decorrente de diferenças regionais ou geográficas, condicionada pela adequação do uso da linguagem às diversas situações comunicativas e sociais, pela faixa etária, pelo sexo e pelo grau de escolaridade dos indivíduos, dentre outras razões (BOTASSINI, 2013, p. 18).

Além disso, apesar do discurso “monolíngue” que vem sendo propagado há anos aos brasileiros, dentro de uma mesma cidade pode haver realidades linguísticas distintas, mostrando que não há homogeneidade linguística por aqui. Um forte exemplo dessa discrepância linguística está em Irati/PR. Constituída por imigrantes de vários países, entre eles Ucrânia, Polônia e Itália, a cidade é um misto de etnias. Todavia, apesar de a cultura eslava predominar, os descendentes de italianos também representam uma grande parcela da população.

Na zona rural de Irati localiza-se o Pinho de Baixo, uma comunidade formada por aproximadamente 150 famílias, em torno de 500 pessoas, e que tem a maioria da população de descendentes de italianos. Antigamente, os habitantes do lugar falavam muito mais em italiano que em português, porém, com o passar do tempo os jovens e adolescentes foram estudando na zona urbana, misturando valores e costumes do campo e da cidade, influenciando a fala dos habitantes da comunidade.

A escolha do tema para esta pesquisa se deu devido ao fato de, apesar de a nossa região ser povoada por uma grande porcentagem de descendentes de imigrantes, ainda haver poucos estudos envolvendo a cultura, a tradição e a língua desses sujeitos. Então, aproveitando esse vasto campo, interessamo-nos em conhecer a relação que esses descendentes têm com a língua que falam e com a língua do outro. Como temos ampla relação de parentesco com os habitantes da comunidade de Pinho de Baixo, em Irati/PR, encontramos bastante facilidade para nos aproximar de pessoas dispostas a “embarcar” nesta missão e refletir sobre sua língua, já que esta é uma tarefa raramente realizada por indivíduos fora do ambiente das Letras.

Os objetivos do nosso trabalho podem ser definidos como:

- a) Analisar as crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos residentes em Pinho de Baixo em relação à língua portuguesa com sotaque e presença de palavras e expressões italianas falada pelos moradores da referida comunidade.

- b) Refletir sobre como os informantes pensam e agem no tocante à sua língua e à língua de outros sujeitos, como moradores de comunidades próximas e da cidade de Irati, contemplando a dimensão diageracional, a saber três faixas etárias: abaixo de 45 anos; entre 46 e 65 anos; acima de 66 anos. Por meio dessa divisão, podemos perceber como esses indivíduos reagem em relação à identidade, cultura e representação de um povo ou de uma comunidade.
- c) Observar se os entrevistados manifestam preconceito linguístico, desprezando, reverenciando ou ficando indiferentes à língua portuguesa falada pelos moradores de outros lugares;
- d) Comprovar se a língua italiana que era falada pelos “nonos” e “nonas” está sendo substituída por completo pela língua “padrão” brasileira, ou seja, o português, verificando se há algum resquício da língua italiana e buscar entender como ela se manteve e se hoje existe uma mescla de português e italiano.
- e) Averiguar se existe desejo de manter ativa a cultura italiana na comunidade e quais recursos vêm sendo utilizados.

Nossa principal hipótese era que a língua mista, predominando o italiano, estivesse gradativamente sendo substituída pelo português e que, apesar disso, a maioria dos entrevistados manifestaria atitudes positivas em relação à língua falada na comunidade e esboçaria o desejo de que essa língua se mantenha ativa e seja transmitida para a posteridade. Essa nossa hipótese foi amplamente comprovada.

O *corpus* deste estudo é composto por vinte e quatro informantes, sendo que destes: oito possuem menos de quarenta e cinco anos; oito possuem entre quarenta e seis até sessenta e cinco anos; e os demais apresentam idades acima de 66 anos. A escolaridade dos entrevistados se divide em: Ensino Fundamental Incompleto, com 13 informantes; Ensino Fundamental Completo, com 2 informantes; Ensino Médio, com 3 informantes; e Ensino Superior com 6 informantes. Foram entrevistadas 18 mulheres e 6 homens. Os critérios e justificativa para essas escolhas serão apresentadas e discutidas na metodologia do trabalho.

A dissertação está dividida em: capítulo um, no qual se discute a relevância dos estudos linguísticos para compreender mais sobre os mecanismos da linguagem,

enfatizando a Sociolinguística como a ciência que vislumbrou as interferências do meio social na linguagem; capítulo dois, onde são expostos conceitos imprescindíveis para se compreender as variações linguísticas e as terminologias adotadas pelos estudiosos dessa área para se referir a elas, como a dimensão diageracional, variável estudada em nosso trabalho; capítulo três, o qual consiste em expor e diferenciar os conceitos de crenças e atitudes linguísticas, bem como especificar o que são identidade, cultura e representação; capítulo quatro, onde esmiuçamos toda nossa metodologia, acompanhada das informações sobre a comunidade pesquisada e nossos informantes, e listamos as perguntas feitas na ficha social e no questionário da entrevista; quinto capítulo, no qual apresentamos os resultados obtidos com nossa análise e, após expor os dados quantitativos, inserimos excertos com as falas dos entrevistados.

Nossas observações, no encerramento do texto, considerando tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos com o presente estudo, evidenciam que esta pesquisa, devido ao tempo e a insuficiência de informantes em quantidades iguais para cada variável, não conseguiu abranger todos os elementos que gostaríamos e que poderíamos ter abordado, e, por isso, há diversas possibilidades para estudos posteriores, alguns deles apontados nas considerações finais.

CAPÍTULO 1

UMA LÍNGUA SOCIAL

Pode parecer desnecessário dizer que a língua é social, mas a discussão sobre essa redundância já é antiga e será retomada no decorrer deste trabalho. O que nos convém observar, nesse momento, é o fato de que ao falarmos sobre relações humanas é impossível não mencionarmos a língua como a principal forma de comunicação dentro do conjunto de meios que se imbricam na linguagem.

Uma das primeiras competências desenvolvidas pelo ser humano é a linguagem. Por isso, não seria exagero afirmar que somos movidos pela interação. Para Trudgill (1974), a linguagem é um meio não só de trocar ou transmitir informações, mas sim de interagir, estabelecer e manter relações entre as pessoas. Assim, mais importante que o assunto da conversa é o ato de se comunicar, pois a comunicação é uma necessidade natural dos seres humanos.

Quanto a essa extrapolação dos limites da língua, Orlandi declara que

Se a língua não é mais vista apenas como instrumento do pensamento, como nos formalistas mais ortodoxos, vai-se percebendo que ela também não serve só para transmitir informações, como poderiam deixar crer os que trabalham a linguagem enquanto comunicação. Quando os homens se comunicam, eles fazem muito mais do que apenas informar (ORLANDI, 2007, p. 54).

Na crescente corrida para alcançar nossos objetivos e nos firmarmos na condição de sujeitos, independente de onde estivermos e com quem nos relacionamos, sempre queremos estar em contato com pessoas, seja para tratar de negócios, debater acerca de temas polêmicos, entreter-se ou simplesmente jogar conversa fora. A comunicação é essencial para nós, pois somos seres sociáveis, preparados física e psicologicamente para estarmos em contato com outros indivíduos. Embora os animais também tenham a capacidade de se relacionar com outros seres da sua espécie, o grande “trunfo” de dominar a linguagem é do ser humano.

Alkmim (2001) explicita a concepção de língua apresentada por Saussure. Para ele, nas palavras da autora,

a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. (...) Em consequência, a língua se caracteriza por ser ‘um produto social da faculdade da linguagem’ (Alkmim, 2001, p. 23).

Percebemos que é na sociedade que a língua se firma enquanto meio de comunicação. Na definição postulada por Saussure, é possível perceber a noção social da língua, já que esta é social e existe para e por meio do social. Ao questionar o que é língua, o autor explica esse conceito em relação ao de linguagem:

Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social, não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Pensando no convívio social, é evidente que o emprego da língua receba influência do contexto que a cerca. Alkmim (2001) assinala uma relevante consideração de Benveniste a respeito disso ao dizer que

A língua permite que o homem se situe na natureza e na sociedade; o homem ‘se situa necessariamente em uma classe, seja uma classe de autoridade ou classe de produção’. Em consequência, a língua, sendo uma prática humana, ‘revela o uso particular que grupos ou classes de homem fazem dela e como as diferenciações que daí resultam no interior de uma língua comum’ (ALKMIM, 2001, p. 27).

A língua existe para que possamos dialogar com outras pessoas, trocar ideias, exprimir nossos sentimentos, reivindicar nossos direitos, se fazer ouvir na sociedade. A língua é fundamental na vida humana. Sem ela, nada que existe no mundo existiria, como dizem as sagradas escrituras “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”. (BÍBLIA SAGRADA, João 1: 1, 2 e 3). Essa é uma das probabilidades que apontam no sentido de que para que o ser humano exista, aja e se faça perceber na sociedade, ele depende da comunicação.

O interesse em se entender como as pessoas se comunicam vem de muito tempo e excede os limites da linguística. A língua já foi objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, sendo discutida inicialmente por filósofos, como Platão e Aristóteles, e depois por sociólogos e antropólogos. Posteriormente, os linguistas é que passaram a

explorar os fenômenos da linguagem e muitas correntes surgiram trazendo teorias que explicavam a origem, as características, a estrutura e a função da língua, bem como comprovavam que a língua de um povo é uma só, podendo apresentar alternâncias a depender de elementos externos a ela.

Portanto, se a comunicação por intermédio da língua é igual para todos os falantes, então por que alguns falam diferente de outros? Há fatores extralinguísticos que determinam como os grupos sociais falam e eles serão explicados detalhadamente nesse capítulo. Mas como a língua existe na sociedade? Por que ela exerce funções diferentes a depender do contexto? O que leva um indivíduo a falar de uma forma em um extremo do país e de outra forma bem diferente em outro extremo? Ou mesmo em um único estado, por que existem tantas variedades? Como é possível que dentro de uma mesma família haja diferenças na forma de falar de um indivíduo para outro? Por que existe uma área de estudos que busca entender esses fenômenos? Como e quando essa área surgiu? O que os falantes pensam e como agem em relação à língua?

No decorrer desse capítulo, buscaremos responder a essas e outras perguntas, além de apresentar brevemente o percurso traçado pelos estudos linguísticos e algumas das diferentes vertentes que se consolidaram a partir deles até o estabelecimento da Sociolinguística como o ramo de pesquisa voltado para a investigação das relações entre a língua e diferentes fatores sociais.

1.1 ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRELIMINARES

A linguística recebeu *status* de ciência no início do século XX, a partir dos postulados do linguista suíço Ferdinand de Saussure. Até a publicação do Curso de Linguística Geral, organizado por alunos de Saussure com base nos apontamentos feitos em sala de aula e publicado em 1916, após a morte do mestre, os estudos linguísticos eram de cunho histórico-comparativos e abordavam somente o percurso das línguas na história.

A obra de Saussure rompeu com esse padrão e deu à linguística uma roupagem abstrata e sistemática, possibilitando que ela fosse estudada em um recorte do tempo, tomada em si mesma, ou seja, separada de fatores externos. Isso implica na concepção

de que a linguística tem como único e exclusivo objeto de estudo a língua em si e por si mesma (COELHO *et. al.*, 2010, p. 13).

Alkmim (2001) explica que mesmo que a relação entre linguagem e sociedade fosse reconhecida, a opção por se olhar a língua como o objeto de estudo da Linguística proporcionou uma desconsideração de tudo o que fosse externo a ela. Como foi Saussure quem definiu a língua em oposição à fala como objeto das pesquisas linguísticas, Alkmim postula que

Na visão do autor, a língua é um sistema subjacente à atividade da fala, mais concretamente, é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. (...) A Linguística, propriamente dita, terá como tarefa descrever o sistema formal, a língua (ALKMIM, 2001, p. 22).

A corrente linguística que apregoa os conceitos acima mencionados é chamada estruturalismo e tem Saussure como um de seus principais precursores. O linguista estabeleceu algumas dicotomias que esclarecem e diferenciam nomenclaturas referentes à ciência da linguagem. Dentre elas, Coelho *et. al* (2010) citam *langue* e *parole* (língua e fala), sendo a *langue* homogênea, social, sistema de signos, essencial e a *parole* heterogênea, individual, manifestação concreta da língua, acessória; e sincronia e diacronia, sendo sincronia um recorte temporal da língua (presente ou passado) e a diacronia a língua no decorrer da história, o dinamismo e a mutabilidade da língua.

Nas palavras de Saussure (2006), no que tange à língua e fala, temos que

o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objetivo a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a arte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. (...) A fala é que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta (SAUSSURE, 2006, p. 27).

Uma das dicotomias mais debatidas na obra de Saussure é significante/significado. No entanto, antes de discuti-la, é importante retomar e definir o que é o signo linguístico. De acordo com o próprio autor,

o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial (SAUSSURE, 2006, p. 80).

Dessa forma, o autor nos explica que é possível conversarmos internamente conosco mesmos, sem emitir nenhum som ou fazer qualquer movimento com a boca, isto porque o signo é “uma entidade psíquica de duas faces”, a saber: conceito e imagem acústica (SAUSSURE, 2006, p. 80).

O significante pode ser explicado, então, como a constituição física do signo (sons + sons; grafemas + grafemas) que dão forma à palavra. O significado, por sua vez, consiste na ideia mental que temos sobre este significante. No signo cachorro, por exemplo, temos 6 fonemas e 8 grafemas que dão forma ao significante. O significado é a imagem mental, psíquica, que fazemos do significante.

Há também a dicotomia sintagma/paradigma. O sintagma consiste nas diferentes possibilidades de combinar as palavras e os elementos que as compõem em um discurso, organizando estes termos na ordem da fala. Quando alguém diz *eu trabalho em outra cidade* ou *em outra cidade trabalho eu*, há uma ordem nas palavras que permite ao falante ser compreendido, o que ficaria mais difícil se as palavras estivessem desconexas, como em *cidade outra trabalho em eu*. Já o paradigma corresponde às várias opções que temos para escolher quando produzimos nosso discurso, pois poderíamos dizer *eu moro em outra cidade*, *eu vivo em duas cidades diferentes*, *nós trabalhamos em outro país*, *eles moram em outro estado*, *mas trabalham aqui*, entre outras opções. Assim, podemos escolher e organizar as palavras dentro do texto de acordo com a necessidade durante a comunicação.

A partir de 1950, o gerativismo ganha destaque nos EUA com Noam Chomsky explicitando a concepção de língua como um conjunto de princípios universais e como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua, o que constitui sua competência. Portanto, para essa visão formal da língua, segundo Coelho *et. al.* (2010, p. 14), o único ponto relevante é “o sistema abstrato de regras de formação de sentenças gramaticais”. Foi também Chomsky quem trouxe o conceito de falante-ouvinte ideal, que nada mais era que o sujeito que não tem seu desempenho linguístico comprometido por nenhum fator externo, como esquecimentos ou lapsos de memória, utilizando a língua de forma perfeita.

Chomsky (1998) atesta que a essência da linguagem consiste no fato de ela permear todos os aspectos do pensamento e da interação humana. Para o gerativista, a

faculdade da linguagem pode ser considerada como um “órgão da linguagem” que não pode ser removido do corpo sem deixar consequências. Sendo assim, a linguagem é fundamental para as relações humanas e, para Chomsky, ela também é inata aos indivíduos, o que acarreta a estes apenas a tarefa de adaptá-la aos diferentes contextos de uso.

Assim, sendo o principal foco de Chomsky, com a Teoria Gerativa, o Inatismo, que consiste na pré-disposição dos sujeitos para aprender línguas e fazer criações nessa língua, Carraro (2016) afirma que essa teoria direcionou os estudos linguísticos para um estado em que “a língua deixaria de ser social para tornar-se um componente da natureza humana” (CARRARO, 2016, p. 23).

Essas duas abordagens teóricas dos estudos linguísticos, estruturalismo e gerativismo, desconsideram completamente os fatores externos da língua, ignorando, inclusive, a fala. Silva (2009) nos explica que os estudiosos da linguística do século XX não incluíam a história e as variáveis sociais como fatores relevantes para suas pesquisas, concentrando-se apenas nos elementos puramente linguísticos.

Antes de avançar no percurso histórico dos estudos linguísticos, gostaríamos de fazer um adendo muito importante: apresentar uma percepção de língua proposta por Bakhtin/Voloshinov, em 1929, e destacada por Severo (2014, p. 34). Para a autora, esses importantes estudiosos definem a língua como “uma realidade social e ideológica (...)”. Os autores defendem uma perspectiva social, dialógica e ideológica de língua, em que dois níveis estão em jogo – o nível discursivo e o da estrutura linguística”. Podemos ver aqui que, mesmo antes de estudos pontuais sobre a língua em sociedade se consolidarem, já havia pesquisadores com o olhar voltado para essa realidade.

Posteriormente a consolidação das vertentes estruturalista e gerativista, a Sociolinguística surge nos Estados Unidos, trazida por Labov, promovendo uma nova perspectiva nos estudos da linguagem, e é sobre esse novo olhar para o linguístico mais o social que falaremos a partir de agora.

1.2 SURGIMENTO E DESDOBRAMENTOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

No início do século XX, alguns teóricos da linguagem apresentavam uma concepção de língua que divergia dos postulados de Saussure: agora se começava a considerar a língua como um fator social. Coelho *et. al.* (2010) mencionam os estudos de Meillet (1866-1936) e Marr (1965-1934), linguistas que perceberam as amplas proporções da linguagem na sociedade. Enquanto aquele destacava o caráter social da língua, representado pela evolução e mudança, este percebia a língua como parte de uma superestrutura em que os estágios da língua correspondiam aos estágios da sociedade.

Considerando que o estruturalismo e o gerativismo concebiam o sistema descrito pela linguística como um construto homogêneo, alheio aos elementos externos, William Labov entra em cena em 1960 com uma nova proposta de se pensar a língua. Segundo Coelho *et. al.* (2010), para Labov

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala – não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação (COELHO *et. al.*, 2010, p. 22).

Partindo da constatação da impossibilidade de separar língua e sociedade, Monteiro (2000) destaca que a função primordial da língua é a comunicação. Assim, como já dito anteriormente, podemos compreender a língua não apenas como um meio de interação, mas sim como uma ponte pela qual valores, conhecimentos e a cultura de uma comunidade são transmitidos de uns indivíduos para outros. Através dela, também, um sujeito se posiciona no mundo, existe e transmite seus pensamentos e suas intenções. A língua é o principal elo entre os humanos e através dela podemos criar diversos laços com nossos interlocutores.

Alkmim (2001, p. 28) exterioriza o pensamento de Bright (1974) de que o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. O autor identifica alguns fatores sociais com os quais ele acredita que a diversidade linguística se relacione, sendo estes:

- a) Identidade social do emissor ou falante;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte;

- c) Contexto social;
- d) Atitudes linguísticas.

Os fatores mencionados contribuem para as diferenças nos falares de uma mesma língua. No entanto, apesar da Sociolinguística ter se estabelecido como ciência em 1964, durante um congresso nos Estados Unidos, Alkmim (2001, p. 30) destaca que não se pode esquecer que outros pesquisadores há tempos já “buscavam articular a linguagem com aspectos de ordem social e cultural”. Como já mencionamos anteriormente, Bakhtin/Voloshinov se encaixam nesse perfil.

Em 1963, William Labov publicou um trabalho de extrema importância para a Sociolinguística. Ele analisou a fala de moradores da ilha de Martha’s Vineyard, em Massachusetts, e desenvolveu um modelo teórico-metodológico que se propunha a analisar e sistematizar variantes linguísticas produzidas por uma mesma comunidade de fala, tendo em vista explicitar as relações entre língua e sociedade.

A ilha estudada por Labov localiza-se a uma distância considerável do continente norte-americano, o que dificulta a expansão de outras culturas e influências externas no local. Camelô (2009) afirma que em Martha’s Vineyard há certa resistência linguística e muitas características antigas herdadas dos antepassados permanecem ativas na comunidade. Por ser dividida em ambientes rurais e urbanos, a localidade era adequada para a pesquisa de Labov, já que ele pôde observar o uso da língua em situações cotidianas nesses dois contextos.

O objetivo de Labov com esse trabalho era constatar se a fala dos moradores da ilha havia recebido influência das relações com pessoas de outros lugares e conseqüentes das mudanças linguísticas. O que se percebeu foi que havia uma forte herança fonética dos colonizadores da ilha, o que era visível e orgulhosamente destacado pelos falantes. As posturas linguísticas desses falantes, na concepção de Labov, indicavam o desejo de reafirmarem-se como moradores da ilha.

Os elementos observados por Labov nessa pesquisa concentravam-se prioritariamente nos níveis fonéticos e fonológicos, reforçando as crenças e atitudes linguísticas desses falantes. Dessa forma é possível compreender o que explicita Severo

(2014), diferenciando os pontos de vista de Labov e Bakhtin sobre o caráter social da língua:

Embora Bakhtin e Labov defendam uma perspectiva social de língua, evidentemente, não se trata do mesmo “social”. Para Bakhtin, trata-se de um social atravessado por uma perspectiva ideológica que privilegia a dimensão discursiva da língua, ou seja, os sentidos. Para Labov, trata-se de um social atravessado por uma perspectiva empírica que privilegia a dimensão estrutural, como os níveis fonológico (o mais estudado por Labov) e o morfossintático (SEVERO, 2014, p. 37).

Além dessa conclusão, através dessa pesquisa Labov pôde evidenciar de que forma fatores sociais como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude linguística influenciam nas variações linguísticas.

Em outro momento, Labov investigou a fala da periferia de Nova Iorque, buscando constatar quais variações linguísticas os falantes apresentavam em relação a outros grupos sociais, bem como entender de que forma o emprego dessas variedades interferia na interação com indivíduos de outros grupos. Sobre a pesquisa, Labov (2008) declara que foram realizadas

70 entrevistas individuais e uma grande quantidade de observações anônimas em lugares públicos. Esses estudos preliminares levaram à definição das principais variações fonológicas que seriam investigadas, incluindo o [r]: a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica em *car*, *card*, *four*, *fourth* (carro, cartão, quatro, quarto) etc. (LABOV, 2008, p. 64).

O pesquisador selecionou três lojas de departamentos, localizadas estrategicamente em pontos específicos da cidade e diferentes no que tange aos preços e às pessoas que as frequentam. A primeira loja, *Saks Fifth Avenue*, é de *status* superior e localiza-se junto a lojas luxuosas em uma rua sofisticada, e, de acordo com a descrição de Labov, o espaço da loja é amplo, espaçoso, com andares acarpetados e poucos produtos à exposição; a segunda loja, *Macy's*, possui *status* mediano, pois está estabelecida em uma rua com preços e prestígio medianos; e a terceira loja, *S. Klein*, possui *status* inferior, já que é localizada em uma rua onde o padrão dos preços é mais baixo. Além disso, Labov afirma que essa loja “é um labirinto de anexos, pisos de concreto lisos, tetos baixos” e exhibe uma imensidade de produtos com preços mais baixos possível. (LABOV, 2008, p. 68)

Durante a pesquisa, Labov perguntava aleatoriamente ao informante sobre a localização da loja de sapatos femininos e o vendedor respondia: no quarto andar. Foram entrevistados 264 informantes nas três lojas, de forma indireta, sem que eles jamais soubessem que estavam fazendo parte de uma pesquisa. O tempo total das entrevistas foi de 6 horas e meia.

O método de Labov foi bastante detalhado, apesar de ele admitir que a pesquisa poderia ter sido feita de outras maneiras, levando em consideração outros critérios. Mesmo assim, os resultados obtidos por Labov foram consoantes com a hipótese inicial: há sim estratificação do [r] pós-vocálico a depender do contexto interativo da falante e do interlocutor. A esse respeito, Cyranka (2007, p. 27) assevera que “quanto mais elevado o padrão socioeconômico dos frequentadores das lojas, mais destacada era a realização de [r] na pronúncia dos empregados”, reforçando a ideia de adequação, prestígio e desprestígio linguísticos.

Com esse estudo, concluído em 1964, Labov consolida um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico, que ficou conhecido como a Sociolinguística Variacionista (Alkmim, 2001).

A partir dos resultados,

Labov demonstrou que o uso de variáveis sociolinguísticas é estratificado socioeconomicamente e que a variedade estilística de cada falante cobre um *continuum* de uso na matriz socioeconômica. Ao colocar o prestígio na parte mais alta da hierarquia socioeconômica e o estigma na parte mais baixa, Labov caracterizou cada *continuum* estilístico do falante em relação a esses dois polos. Ele viu o prestígio da variedade do falante como o resultado da fala formal, cuidada, e o estigma como resultado da fala casual, não monitorada (SEVERO, 2014, p. 23).

Assim, Labov se consagrou como o precursor dessa linha de pesquisa e um dos nomes mais importantes dos estudos linguísticos de todos os tempos, já que ainda hoje, de acordo com Severo (2014), seguidores dos postulados de Labov têm explorado as restrições linguísticas: fonológicas, morfológicas e sintáticas; e as extralinguísticas, divididas em social: focalizando a diferença entre a fala dos falantes, estratificados de acordo com o sexo, a idade, a etnia e outros fatores; e estilística: focalizando as diferenças entre os falantes enquanto indivíduos.

Para a autora supracitada, há ainda a restrição discursiva, pois

embora Labov desvincule (não totalmente) os fatores culturais das interações face a face, sobre as quais recairia a atuação dos fatores sociais (sexo/gênero, escolaridade, etnia, classe etc.), acredita-se que aqueles fatores operariam como uma forma de restrição discursiva, não posta pelos fatores sociais clássicos, mas, talvez, por categorias que organizariam as próprias formas de interação verbal (SEVERO, 2014, p. 47).

Apesar de parecer que a instituição da Sociolinguística como disciplina e área de pesquisa foi rápida, o que sabemos é que esse processo foi cheio de percalços. A princípio, os estudos eram confusos, não estava claro de que forma explorar o *corpus* de pesquisa e entender o que os dados representavam. No entanto, os pesquisadores que trabalharam incansavelmente na tentativa de definir os critérios de pesquisa conseguiram, ao longo dos anos, estabelecer os limites da área em relação aos outros ramos dos estudos da linguagem.

Com o passar do tempo, diversas pesquisas foram realizadas, descritas e analisadas pelo viés da Sociolinguística e, por isso, duas semi-áreas de estudo surgiram: a macro e a micro-sociolinguística. A primeira semi-área, para Monteiro (2000), consiste no estudo das relações entre a sociedade e as línguas como um todo. Envolve, portanto, investigação política e sociológica e é essencialmente mais abrangente. Já a micro-sociolinguística, ainda de acordo com Monteiro (2000), analisa os efeitos dos elementos sociais sobre as estruturas linguísticas. Para atingir esse alvo, utiliza testes estatísticos.

De acordo com Silva (2009), utilizamos a língua em todas as nossas atividades, mas não a empregamos do mesmo modo em todas as situações, o que caracteriza sua heterogeneidade. Cada discurso exige uma “forma” diferente de falar. Todavia, a heterogeneidade da língua vai além: os diferentes modos de falar a mesma coisa e que podem sofrer alterações de acordo com a região, idade, sexo e escolaridade do falante, caracterizam as variações linguísticas.

O objeto da Sociolinguística é, sobretudo, a língua em seu enfoque social. Para Alkmim, de maneira clara e objetiva, essa linha de pesquisa se concentra no

estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos (ALKMIM, 2001, p. 31).

Em outras palavras, é a relação estabelecida entre língua e sociedade, percebida por meio da evolução, mudança e variação linguística dentro da comunidade de fala. Para Souza (2012, p. 44) “a Sociolinguística – inspirada no método sociológico – registra, descreve e analisa sistematicamente diferentes falares, elegendo, assim, a variação linguística como objeto de estudo”.

Labov, o maior nome da Sociolinguística, afirma veementemente que não é possível estudar a língua desvinculada da sociedade e chama o termo *sociolinguística* de “estranhamente redundante”. Para ele,

A língua é uma forma de comportamento social: declarações neste sentido podem ser encontradas em qualquer texto introdutório. Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros. (...) É questionável se frases que nada comunicam a ninguém façam parte da língua. De que maneira, então, a “sociolinguística” pode ser considerada algo separado da “linguística”? (LABOV, 2008, p. 215).

Orlandi (2007, p. 51), por sua vez, apresenta o objetivo da Sociolinguística como sendo o de “sistematizar a variação existente na linguagem. A Sociolinguística considera que o sistema da língua não é homogêneo, mas heterogêneo e dinâmico. As regras, portanto, têm de abranger a variação das formas”.

Um grande diferencial da Sociolinguística é que ela considera o falante real e não o falante ideal almejado no gerativismo. É no contexto de uso, dentro das comunidades, que os falantes são analisados. Sobre esses contextos de uso e as variações linguísticas inerentes a eles que nos debruçaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Como já afirmamos, as línguas são heterogêneas. Isso significa que em qualquer língua há diferentes formas de se dizer a mesma coisa, dependendo de fatores internos e externos a ela. Essa versatilidade é chamada de variação. Coelho *et. al* (2010) definem variação como

o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto linguístico com o mesmo valor referencial, ou com o mesmo valor de verdade e com o mesmo significado. Dois requisitos devem, pois, ser cumpridos para que ocorra variação: as formas envolvidas precisam ser intercambiáveis no mesmo contexto e manter o mesmo significado (COELHO *et. al*, 2010, p. 23).

Apesar da flexibilidade existente na língua portuguesa, por exemplo, é equivocado pensar que não existem regras que norteiam o emprego da língua. Nosso sistema linguístico é regido por uma série de convenções que nos permitem sermos compreendidos dentro de um país com tantas diferenças dialetais. É essa capacidade de entender o discurso de falantes dos quatro cantos e adequar nosso discurso ao contexto e ao interlocutor que constitui o cerne da pesquisa sociolinguística.

Embora possa haver alguma confusão quando interagimos com falantes que usam uma variação linguística diferente da nossa, é de extrema relevância que compreendamos que linguisticamente não existe nada capaz de justificar que uma variante é superior à outra. Isso porque cada forma de falar é carregada de identidade e de traços da nossa origem e convivência social.

Consoante Mollica (2009), a língua quando empregada nas situações cotidianas é heterogênea e variável. De acordo com a perspectiva da Sociolinguística, essa variação é promovida por fatores classificados em dois grandes grupos: o linguístico, no qual figuram condicionantes fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos ou discursivos; e o extralinguístico, como nível de escolaridade, sexo, idade, condições socioeconômicas, particularidades regionais, entre outras.

Camacho (2001) atesta que a Sociolinguística correlaciona as variações do nível verbal com diferenças de natureza social. Assim, segundo o autor, os domínios linguístico e social podem ser considerados estruturados ou regulares. Em outras palavras, nada é por acaso no que tange às variações linguísticas. Para ele,

as condições de variação, fonológica ou sonora, não estão sujeitas ao acaso, nem ao livre arbítrio do falante. Muito pelo contrário, acham-se fortemente marcadas por motivações emanadas do próprio sistema linguístico que o falante é constringido a seguir sem escolha (CAMACHO, 2001, p. 51).

Se nenhuma variação é gratuita ou ocorre desconexa do contexto que a cerca, veremos agora como podemos observá-las e de que maneiras podem ser classificadas.

2.1 PRINCIPAIS TERMINOLOGIAS ADOTADAS PELA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Em nossa sociedade, cada grupo social pode ser identificado por características próprias. Os trajes, as músicas que ouvem e o jeito de andar e se comportar denunciam em que espaço social esses sujeitos se inserem. Com a fala não é diferente. Alkmim (2001) fala acerca das comunidades linguísticas, que são grupos sociais que ao ocuparem um espaço assumem uma forma própria de falar que os diferem dos outros grupos.

A variedade que utilizamos diz muito sobre nós e a nossa cultura, principalmente no que tange ao contexto social, familiar e regional em que estamos inseridos, bem como no tocante às relações que estabelecemos com o mundo à nossa volta. Aguilera e Silva (2014, p. 705) reforçam a importância da língua para nos identificar socialmente ao afirmarem que “além de fazer parte da constituição do indivíduo, a língua ou o dialeto utilizado por ele pode integrá-lo, valorizá-lo, discriminá-lo ou elevá-lo socialmente”.

Por mais que tentemos nos manter “uniformes” em relação à língua, não há como negar que as variações existem, o que não significa que isso precise ser motivo de preocupação. Acerca disso, Alkmim declara que

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar apreender apenas o invariável, o sistema subjacente – se valer de oposições como “língua e fala”, ou competência e performance – significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total (ALKMIM, 2001, p. 33).

Uma característica muito importante da variação linguística é que ela ocorre nos níveis fonológico, morfológico, sintático e lexical da gramática. No nível fonológico, podemos ter construções como *arroiz* e *fejão* ao invés de arroz e feijão. Já no nível morfológico, o que temos visto em uma parcela cada vez maior dos falantes de língua portuguesa é o apagamento do *r* final dos verbos, como ocorre em *comê*, *cantá*, *sonhá*. Na sintaxe podemos observar construções como *não vou/vou não* e *não sei de nada/sei de nada não*, entre outras. Finalmente, no nosso léxico percebemos *bolacha* e *biscoito*, *vina* e *salsicha*, *mandioca* e *aipim*, entre outras.

Há vários termos relacionados à variação linguística que são facilmente confundidos. O mais frequente deles é o conceito de variedade. Segundo Coelho *et. al* (2010, p. 26), “variedade representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis; é o mesmo que dialeto ou falar”. Assim, compreendemos que a variedade abrange todo o conjunto de expressões e maneiras próprias de uma comunidade empregar a fala, incluindo o sotaque.

As variantes linguísticas também são constantemente mencionadas. Para Tarallo (1990, p. 8), “as variantes linguísticas são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”. Como exemplo podemos citar as variantes *nós* e *a gente*, ou *tu* e *você*. De acordo com Coelho *et. al* (2010), as variantes são formas individuais que disputam a vez durante o uso da língua.

Já as variáveis consistem na categoria da língua em que localizamos a variação, ou seja, a variável é um conjunto de variantes. Por exemplo, na variável social *etnia* nós podemos ter as variantes *italianos*, *ucranianos* ou *poloneses*. Orlandi (2007) destaca a variação na variável 3ª pessoa do plural, quando temos, por exemplo, *os carros vermelhos* / *os carros vermelho* / *os carro vermelho*. Segundo a autora, a presença ou a ausência do [s] é o que podemos chamar de variante, dentro da variável 3ª pessoa.

Para Labov (2008, p. 275) “podemos definir uma *variável sociolinguística* como correlacionada com alguma variável não linguística do contexto social: o falante, o interlocutor, o público, o ambiente etc.”. Portanto, fica evidente que nos exemplos acima as variações que ocorrerão dentro de cada variável dependerão de elementos extralinguísticos, reforçando a intrínseca relação língua/sociedade.

Mais uma vez é importante destacarmos o porquê de a língua portuguesa apresentar variações. Alkmim (2001) nos relembra que todas as línguas do mundo são frutos históricos. Isso implica afirmar que assim como os indivíduos e tudo o que os cerca se transforma, evolui, muda com o passar do tempo, com as línguas não é diferente. Por isso, da mesma forma que certos cortes de cabelo exibidos orgulhosamente há 30 anos foram abolidos da contemporaneidade e causam estranheza quando alguém insiste em mantê-los, determinadas ocorrências linguísticas também foram extintas ou gradativamente substituídas por outras, seguindo o avanço da sociedade.

Como exemplos podemos citar expressões como “broto”, usado antigamente para se referir aos atuais “crushs”; e “cortejar” que denominava o que hoje é chamado de “flerte”. É interessante observar que mesmo as palavras “broto” e “cortejar” não sendo mais usadas popularmente, em uma comunidade onde pessoas mais velhas interagem é bem possível que elas ainda sejam faladas.

Scliar-Cabral (2014) nos explica como é possível que os falantes façam uso das variedades linguísticas. Para a autora, as variedades

são internalizadas pela criança no processo de aquisição da linguagem. Elas dependem de fatores tais como a localização geográfica em que tal variedade é praticada, o nível sociocultural ao qual pertencem os cuidadores (...), as línguas em contato às quais a criança está exposta, o sexo e a faixa geracional do indivíduo. É de se considerar também, atualmente, o efeito da mídia à qual a criança estiver exposta (SCLIAR-CABRAL, 2014, p. 53).

Podemos reforçar, a partir dessa afirmação, o que já defendemos durante todo esse texto. O sujeito é fruto do meio. Então, é a partir das interações que a pessoa tem que ela elegerá, inconscientemente, a variedade linguística que fará uso e será essa variedade, muito provavelmente, que ela manterá pelo longo da vida.

Consoante Scliar-Cabral (2014),

uma vez internalizada uma variedade sociolinguística de uma dada língua, dificilmente o indivíduo a poderá modificar, particularmente no que diz respeito aos níveis mais baixos da arquitetura linguística, a começar pelos traços fonéticos, pelos fonemas e por sua distribuição numa dada variedade, seguindo-se os morfemas puramente gramaticais, presos ou livres (SCLIAR-CABRAL, 2014, p. 53).

Há diversos tipos de variações linguísticas, e é sobre elas que falaremos no próximo tópico.

2.2 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Refletindo sobre a intrínseca relação entre língua e sociedade, percebemos que assim como os costumes e tradições de uma região mudam de um lugar para outro, a língua também sofre essa variação. O uso da palavra “salsicha” acontece em quase todo o Brasil, mas no Paraná falamos “vina”. Sobre as diferenças fonéticas, que também são muitas, Silva (2009, p. 24) cita a realização de [m'nin̩], com as vogais médias pretônicas bem abertas, no Nordeste, enquanto falantes de outras regiões pronunciam [menin̩]. Já nós do interior do Paraná pronunciamos [menino].

Ilari e Basso (2009, *apud* SOUZA, 2012, p. 51) classificam essas ocorrências como variações diatópicas, que nada mais são que “as variações linguísticas verificadas nas diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço físico, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países”.

Alkmim (2001, p. 34) caracteriza as variações diatópicas como relacionadas às “diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. Um exemplo citado pela autora é o uso do artigo definido antes de nomes próprios, como em “estive com a mamãe”, emprego em certas regiões do Brasil, enquanto que em outras ele não aparece: “estive com mamãe”.

Além das variações geográficas, a língua também varia a depender do contexto social em que o falante se insere, o que é classificado como variação diastrática. Acerca disso, Alkmim (2001, p. 35) postula que “a variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”.

Nesse contexto, “situações de uso (familiar, trabalho, escola), idade (falantes mais jovens ou mais velhos), sexo, escolaridade (muita, escassa ou nenhuma)” vão definir a língua que ele empregará (SILVA, 2009, p. 25). Essas variações diastráticas também são apresentadas por Ilari e Basso (2009, *apud* SOUZA, 2012, p. 51), sobre as quais os autores afirmam que “são encontradas quando são comparados diferentes

estratos sociais de uma população. Nota-se, nesse caso, uma diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população e pela parte menos escolarizada”.

Segundo Orlandi (2007), há um entrelaçamento de fatores sociais e linguísticos que propiciam as variações linguísticas. Para a pesquisadora,

através de noções como as registro alto (nós vamos) e registro baixo (nóis vai) e de estilo formal (v.sa) ou informal (você), a Sociolinguística vai relacionando as variantes linguísticas com as variantes sociológicas (profissão, educação, salário) referidas ainda a diferenças de idade, sexo, raça. Explica então a variação linguística através de fatores sociais (ORLANDI, 2007, p. 52).

Quanto à variável classe social, Alkmim (2001) salienta que usos como “brusa” e “grobo” são mais recorrentes em falantes inseridos nas classes sociais mais baixas. A idade é outro fator de relevância para o estudo das variações linguísticas, pois marca diferentes estágios da linguagem. Silva (2009, p. 25) cita como exemplos as gírias “véi”, “belê” e “na boa”, recorrentes na linguagem dos jovens de hoje e expressões como “estou de bode”, “boiola” e “pagar mico”, como empregos utilizados por pessoas mais velhas.

A variação linguística que leva em consideração a idade dos indivíduos é a chamada diageracional. Paim (2013), em relação às diferenças ente jovens e idosos, afirma que

em geral, é possível mencionar que o levantamento das características peculiares à fala das pessoas mais maduras, nos diferentes níveis de análise, revela que as diferenças básicas entre essa linguagem e a dos falantes mais jovens estão muito mais na intensificação das características comuns a ambos, do que propriamente nos traços específicos (PAIM, 2003, p. 73).

Ou seja, é mais fácil entendermos as distinções entre os comportamentos dos indivíduos mais jovens e mais velhos a partir do momento que colocamos a eles as mesmas questões, referentes a sua realidade, explorando as características do campo maior para o menor, isto é, partindo do que é coletivo em direção do que é individual.

Na variável idade, podemos refletir sobre como os falantes se modificam por meio das mudanças que eles têm acompanhado com o passar do tempo. A língua é fluida e isso implica dizer que nada pode contê-la. No decorrer da vida, quantas transformações, surgimentos e substituições linguísticas uma pessoa pode acompanhar?

Quanto mais velho é um sujeito, mais experiências ele pode ter vivido com sua própria língua.

Na variável sexo também ocorrem variações linguísticas. Silva (2009) menciona que estudos comprovam a distinção de traços no uso da língua por homens e mulheres. Como exemplo, ela aponta que na fala das mulheres há presença da marca de plural em todos os elementos de uma sentença, o que acontece com menos frequência na fala dos homens. O emprego de palavras no diminutivo também aparece com muito mais frequência na fala das mulheres que na dos homens.

Por fim, o grau de escolaridade também é importante para definir as escolhas linguísticas feitas pelos falantes. O contato com uma gama de textos e a interação com pessoas com uma formação superior aumenta o vocabulário e permite que os falantes ampliem seu léxico e conheçam novas maneiras de expressar-se. É evidente que quanto mais uma pessoa estuda, mais hábil ela se torna linguisticamente, podendo adaptar-se a qualquer situação comunicativa.

Considerando que todos os critérios acima estão relacionados à identidade, à organização sociocultural da comunidade de fala e às situações de uso, fica evidente que eles se encaixam na categorização de variações diastráticas.

De acordo com Ilari e Basso (2009, *apud* SOUZA, 2012), há ainda as variações de nível diacrônico,

que ocorrem através do tempo, na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua: (i) externa (que diz respeito à maneira como as línguas evoluem ao longo do tempo em suas funções sociais e em suas relações com determinada comunidade linguística); e (ii) interna (que diz respeito às mudanças que vão ocorrendo na gramática – fonologia, morfologia, sintaxe – e em seu léxico)

e diamésico, que se referem

aos vários veículos ou meios de expressão que a língua utiliza. Esse tipo de variação compreende as diferenças que se observam entre as línguas falada (oral) e escrita. Enquadra-se no estudo desse fenômeno o gênero discursivo, referindo-se a tipos de textos, pois cada gênero a que pertencem os textos (falados ou escritos) apresenta um vocabulário e uma gramática próprios (ILARI E BASSO, 2009, *apud* SOUZA, 2012, p. 51)

O estilo de fala empregado pelos falantes vai variar ainda de acordo com o contexto social em que ele está. As situações formais exigem um maior monitoramento da fala, eliminação das gírias e escolha lexical mais atenta, tudo a depender do interlocutor. Já em situações informais podemos utilizar a língua da forma que quisermos, sem precisar monitorá-la ou escolher palavras “rebuscadas”.

Severo (2014) afirma que

As noções de variação social e estilística se associam ao problema do encaixamento social, estando mutuamente implicadas, conforme sinalizado por Labov quando afirma que os mesmos traços seriam usados para registrar mudança de estilo e estratificação social. Enquanto a variação social envolve uma relação entre traços linguísticos e subgrupos sociais (sexo/gênero, escolaridade, idade e classe socioeconômica), a variação estilística é captada a partir de dois aspectos: (i) o grau de atenção que os falantes dedicam à sua fala, que varia desde o estilo monitorado ao casual (vernáculo); (ii) as “alternâncias pelas quais um falante adapta a sua linguagem ao contexto imediato ao ato da fala, estando esses dois atos relacionados” (SEVERO, 2014, p. 42).

Por fim, reiteramos que todas essas variações são válidas nos contextos de uso em que estão inseridas e que, desde que cumpram com a função de comunicar, são perfeitamente aceitáveis e legítimas.

2.3 MUDANÇA LINGUÍSTICA

Saussure reconhecia a mudança linguística, mas não acreditava que ela pudesse ser percebida enquanto acontecia. Para ele, só depois que um elemento linguístico já tivesse sido modificado é que poderíamos enxergá-lo. No entanto, hoje sabemos que é sim possível observarmos a mudança linguística, como é o caso do pronome pessoal *nós*, que está sendo gradativamente substituído por *a gente*. Para Aguilera e Silva (2014),

isso se deve ao fato de a língua se adequar para expressar os acontecimentos sociais, como os de ordem política, cultural e histórica, ou seja, ela se transforma junto com a sociedade, representando-a. Pode-se dizer, pois, que a sociedade, transformando-se, exige que a língua se adapte a essas mudanças, uma vez que os sujeitos mudam seus focos, seus objetivos, suas perspectivas e os comunicam por intermédio da língua que compartilham. Sendo assim, é correto afirmar que existe uma tríade indissociável homem – língua – sociedade, pois cada componente depende do outro para existir (AGUILERA E SILVA, 2014, p. 705).

Por mais que os gramáticos busquem incansavelmente estabelecer regras e normas para o emprego da fala, sabemos que é impossível controlar a fluidez da língua. Não há como barrar seu percurso na comunidade em que ela está inserida. A Análise do Discurso, que tem como objeto de estudo o discurso atrelado à história e à ideologia do sujeito, tem considerações relevantes acerca da língua em sociedade. Como afirma Orlandi (2009), a língua é fluida. Acerca disso, a autora postula que

A língua imaginária é a língua sistema, a que os analistas fixam em suas regras e fórmulas, em suas sistematizações, são artefatos (simulacros) que os analistas de linguagem têm produzido ao longo de sua história. (...) Objeto ficção. Já a língua fluida, por seu lado, é a língua em movimento, mudança contínua, a que não pode ser contida em arcabouços e fórmulas, não se deixa imobilizar, a que vai além das normas. (...) A que não tem limites. Fluida (ORLANDI, 2009, p. 18).

Uma língua fluida implica, portanto, em uma língua livre, versátil e que apresenta condições de transitar por espaços diversos, assumindo posições diferentes a cada contexto e podendo ser modificada com o passar do tempo. Tarallo (1990) afirma que nem tudo o que varia sofre mudança, mas a mudança é consequência de uma variação. O estudo dessa mudança, segundo o autor, deve ser feito considerando o passado, o presente e o futuro.

Já para Orlandi (2007), é perfeitamente possível percebermos a mudança linguística. Isso porque, segundo ela, a Sociolinguística não considera a mudança apenas no viés evolutivo-cronológica, mas sim por meio das diferenças de usos observadas diariamente.

Monteiro (2000) nos explica que é muito comum pessoas mais velhas perceberem que certas expressões utilizadas por elas na juventude desapareceram ou mudaram de forma. Já os jovens podem observar que nem todas as palavras e gírias empregadas por eles são usadas por pessoas mais velhas. Segundo o autor, a mudança linguística acompanha de perto a evolução da sociedade.

Um dos aspectos da mudança linguística destacado por Monteiro (2000) é seu caráter universal e não aleatório. Para o pesquisador, as mudanças

ocorrem quando os usuários de uma determinada região, estrato social ou nível intelectual sentem necessidade de modificar alguma forma de expressão. Tais iniciativas podem ser imitadas e perpetuadas ou simplesmente ignoradas e destinadas ao esquecimento. Mas, em

hipótese alguma, devem ser vistas como aleatórias (MONTEIRO, 2000, p. 109).

Há muitas teorias que discutem as mudanças linguísticas. Todavia, a que parece mais pertinente para esta pesquisa é a Teoria da onda. Reportando-se a diversos estudiosos, Monteiro (2000) observa que a mudança linguística se dá em um polo e reverbera para outros espaços, como quando uma pedra é jogada em um lago. Isso significa que quando ocorre uma mudança linguística ela se espalha primeiramente nas redondezas e, posteriormente, se estende para as periferias, porém, já com menos força.

Além da proximidade, há outros fatores que podem facilitar ou obstruir a propagação dessa mudança. Segundo Monteiro (2000, p. 115) ela também “pode ocorrer devido ao domínio cultural, demográfico e econômico de uma cidade sobre outra e também devido à estrutura de sua rede de comunicação”. Então, além da distância geográfica, que é de extrema relevância para a disseminação de novas formas linguísticas, há também a distância social, fundamental para que o acesso à mudança ocorra.

Acerca da mudança linguística, Labov (2008) assevera que sua relevância engloba também análises estruturais, já que por meio das mudanças é possível perceber e entender certos problemas linguísticos. As considerações do pesquisador sobre o tema se estendem ao processo de mudança linguística, que pode ser considerado em três estágios:

Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações confinadas ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes eu ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social. No seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes (LABOV, 2008, p. 152).

Monteiro (2000) lista os sete estágios da trajetória de uma mudança linguística, apresentados por Labov. São eles:

- 1) Uma mudança começa como um hábito local;
- 2) A mudança acelera-se pelo uso como reivindicação de direitos e privilégios locais;
- 3) A partir da generalização da mudança dentro do grupo, ela associa-se a outros;

- 4) A mudança se espalha gradativamente para outros espaços;
- 5) Em decorrência da competição entre as variantes linguísticas existentes, há juízos de valor que exaltarão certas variantes, estereotipando outras;
- 6) Finalmente, uma das formas vence. As outras formas são gradualmente extintas;
- 7) Quando a mudança se completa, as variações antigas são preservadas em nomes de lugares ou formas fixas, e passam a ser vistas como irregulares.

Apesar de parecer que todos esses estágios são planejados pelo falante e que este os executa em plena consciência, Labov (2008) caracteriza a mudança linguística como um fenômeno irracional, violento e imprevisível. Dessa forma, nem todos esses fenômenos são percebidos pela comunidade que está usando e na maioria dos casos esse processo só é percebido por profissionais da área. Como exemplo, podemos retomar o já citado uso de *a gente* ao invés de *nós*. Essa construção tem sido usada maciçamente no Brasil, mas poucos falantes se dão conta do que realmente está acontecendo.

Ao considerarmos que são os falantes reais, e não ideais, que empregam a língua e existem por meio dela, não podemos esquecer que todo indivíduo é produto de um meio, de um tempo e de uma formação. Esses elementos que constituem o sujeito estão amplamente relacionados às crenças e atitudes linguísticas e também contribuem para a mudança linguística. Brandão (1991) postula que o falante

a cada instante, utiliza-a (a língua) de acordo com uma tradição que lhe foi transmitida, e contribui para sua renovação e constante transformação. Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara (BRANDÃO, 1991, p. 5).

É importante esclarecer, portanto, que nenhuma mudança linguística se produz de um dia para o outro. Há um estágio em que duas variantes “duelam” para que apenas uma predomine. Reiteramos também, que toda mudança é precedida da variação, mas que nem toda variação resultará em mudança. Em alguns casos teremos duas expressões convivendo harmonicamente por muito tempo.

2.4 VARIANTES DE PRESTÍGIO E VARIANTES ESTIGMATIZADAS: AS RAÍZES DO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Agora que os principais termos referentes à variação linguística já estão conceituados e devidamente esclarecidos, podemos avançar para um próximo passo: compreender como ocorre a diferenciação entre as variantes de prestígio e as estigmatizadas. Esses dois termos foram abordados por Bagno (2007), que traz a terminologia *prestigiada* para a norma culta; e *estigmatizada* para a norma popular.

Desde muito cedo somos moldados para convivermos em sociedade. Aprendemos muitas regras de comportamento, ouvimos inúmeros sermões sobre como tratar os mais velhos, de que forma usar os pronomes de tratamento, a importância de usar as palavrinhas mágicas e mais uma imensidade de coisas. O mesmo acontece com a nossa fala.

Mollica (2009) acentua que já na infância os usuários da língua se deparam com uma série de crenças e atitudes relacionadas à língua. Assim, tomam conhecimento de que há maneiras certas e erradas, bonitas e feias de se falar uma língua, propiciando uma atmosfera adequada para que os juízos de valor sobre a linguagem individual se constituam. Os sujeitos

adquirem, portanto, um saber, sistematizado ou não, a respeito da sua própria língua que lhes permite reconhecer que um determinado falante “não é daqui”, ou “fala errado”, ou “tem baixo nível cultural”, enfim, um saber que lhes permite estabelecer e assumir determinadas identidades sociais a partir dos diferentes usos linguísticos (MOLLICA, 2009, p. 86).

Alkmim (2001, p. 37) postula que “é possível afirmar que os falantes aprendem quando podem falar e quando devem permanecer em silêncio”. Além disso, precisamos sempre saber se o jeito que estamos falando é o adequado para aquela situação e para interagir com aquele interlocutor e por isso já podemos nos considerar o que Calvet (2007) chama de *plurilíngue*, já que precisamos assumir diferentes estilos em relação à linguagem dependendo do contexto em que estamos inseridos.

Quando optamos por determinada variante durante nossa fala, ou seja, manifestamos uma atitude linguística, somos submetidos a um julgamento pela sociedade. Por meio das nossas escolhas lexicais e da maneira como construímos nosso discurso, nosso interlocutor pode tecer diversas interpretações sobre quem somos, de onde viemos, o que fazemos e o que sabemos. A fala é carregada de identidade, e a variante que escolhemos para cada contexto da nossa vida pode nos expor. Para Alkmim

Cada grupo social estabelece um contínuo de situações cujos polos extremos e opostos são representados pela formalidade e informalidade. (...) As variedades linguísticas utilizadas pelos participantes das situações devem corresponder às expectativas sociais convencionais: o falante que não atender às convenções pode receber algum tipo de “punição”, representada, por exemplo, por um franzir de sobrancelhas (ALKMIM, 2001, p. 37).

Como já vimos, os fatores sociais interferem no nosso exercício da linguagem, ou seja, elementos externos à língua influenciam a nossa forma de falar. Acerca disso, a autora supracitada afirma que “no ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa a sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo etc. e segundo a situação em que se encontrar” (ALKMIM, 2001, p. 39).

Mas, afinal de contas, o que são essas variedades e para que servem? As variantes padrão, com base em Tarallo (1990), estão de acordo com o que a gramática normativa prediz e são, portanto, consideradas como pertencentes à variante de prestígio. Já as variantes não-padrão, por sua vez, se distanciam dos modelos pré-estabelecidos e acabam sendo estigmatizadas pela sociedade (TARALLO, 1990). Estas são, em geral, inovadoras e aquelas podem ser classificadas como conservadoras.

É evidente que a classe social dominante sempre terá privilégios. Um deles é ter sua variedade linguística estabelecida como padrão. Tornou-se muito comum vermos as pessoas querendo “falar chique” na intenção de demonstrar pertencer a uma classe mais elevada socialmente. Dessa forma, percebe-se que o valor de uma variedade linguística é igualmente proporcional ao valor dos seus usuários. Acerca disso, Bagno declara que

(...) quanto mais alto estiver a pessoa na escala socioeconômica (e também quanto mais elevado for o seu grau de escolarização), maior será o prestígio atribuído a sua maneira de falar. Do mesmo modo, e inversamente, o menor prestígio social de determinados falantes vai ser correlato da visão pejorativa e depreciativa com que seu modo de falar será avaliado (BAGNO, 2007, p. 77).

Há um mito operante na contemporaneidade de que língua padrão é unanimidade. Na verdade, a variedade padrão da língua portuguesa está bem longe de ser a língua falada no dia a dia pelo povão. Alkmim nos explica que

A variedade padrão de uma comunidade – também chamada norma culta, ou língua culta – não é, como o senso comum faz crer, a língua por excelência, a língua original, posta em circulação, da qual os falantes se apropriam como podem ou são capazes. (...) Em sociedades de tradição ocidental, a variedade padrão, historicamente, coincide com a variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística

falada pela nobreza, pela burguesia, pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante (ALKMIM, 2001, p. 40).

Um exemplo bastante apropriado desse desprendimento dos falantes com a língua dita padrão é a própria Itália. Segundo Kalil (2016), é difícil afirmar com precisão quantos dialetos são falados em todo país, já que praticamente cada cidade tem uma forma própria de falar. Nas palavras da autora,

De modo geral, até para facilitar as classificações, os dialetos foram agrupados segundo as regiões (em alguns casos, províncias), e assim podemos dizer que na Calábria existe o dialeto calabrês, no Piemonte o piemontês, na Lombardia o lombardo, na Sicília o siciliano, em Nápoles o napolitano, em Bari o barese, e assim por diante. [...] Segundo algumas estatísticas, os dialetos são falados por cerca de 60% dos italianos e desses, 5% falam somente dialeto (eu diria que são pessoas idosas e provavelmente sem instrução). Enfim, apesar de boa parte dos italianos falarem em dialeto, isso acontece mais em âmbito familiar ou entre amigos. Quando estão no trabalho ou quando falam com pessoas desconhecidas ou em atmosferas formais, usa-se o italiano padrão (KALIL, 2016, s/p).

Ainda de acordo com a autora, é muito comum os italianos confundirem a língua e empregarem simultaneamente em seus discursos a língua padrão e os dialetos, o que não é diferente aqui no Brasil, já que mesmo que tentemos falar a língua culta, em determinados momentos o vernáculo aflora.

Tarallo (1990, p. 12) traz o seguinte exemplo para as variantes padrão e não padrão: “no caso da marcação do plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [Ø], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão”. Por exemplo, em “as casas foram alagadas”, o [s] indica a variante de prestígio. Já em “as casa foram alagada”, o [Ø] constitui uma variante estigmatizada.

Acerca do prestígio e desprestígio linguístico, Lourenço (2012) declara que

Os falantes de determinada variante linguística, quando em contato com uma variedade distinta da sua, reconhecem que existem diferenças entre ambos os falares e são capazes de emitir apreciações sobre a fala do outro, mediante atitudes positivas ou negativas em relação à linguagem e ao falar do outro. Podem demonstrar preferências por uma em detrimento de outras, ou seja, julgar essas formas como de prestígio ou de desprestígio, muitas vezes manifestando preconceito e estigma (LOURENÇO, 2012, 347).

Segundo Botassini (2013),

As normas de prestígio não são fixas, variam de um grupo social a outro, e essa variação depende de questões sociais, econômicas,

culturais, políticas, religiosas, históricas, linguísticas com as quais os indivíduos se identificam ou, ao contrário, das quais se diferenciam (BOTASSINI, 2013, p. 65).

A fala que interessa para os estudos sociolinguistas não é aquela monitorada e cheia de regras, mas sim a que empregamos em situações corriqueiras da nossa vida. Essa língua falada é chamada de vernáculo. Sobre ela, Tarallo (1990) dá a seguinte definição:

A língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados. Em suma, a língua falada é o vernáculo (...) trata-se dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua (TARALLO, 1990, p. 19).

Durante as pesquisas realizadas por Labov, era justamente o vernáculo que ele buscava nos falantes. Hora (2014) reitera que é nas situações cotidianas de comunicação que podemos conhecer de que forma os sujeitos realmente falam. Conforme o autor,

para Labov, a atenção prestada à fala está no centro da proposta para a análise do estilo. A fala casual é facilmente detectada em situações em que o falante não esteja se monitorando, como nas ruas, nos bares, na praia. O mesmo não acontece em uma situação de entrevista formal, que define um contexto de fala em que, em geral, apenas um estilo ocorre – o estilo denominado fala cuidada. (...) Labov entende que a variação linguística pode ser detectada quando as pessoas falam ‘menos cuidadosamente’. Quando estão mais relaxadas, elas utilizarão traços do vernáculo com maior frequência (HORA, 2014, p. 22).

Considerando que não existem variantes superiores ou inferiores na língua, Souza (2012, p. 67) afirma que “a Sociolinguística parte do pressuposto de que todas as línguas são heterogêneas, sendo todas as variedades igualmente suficientes para o falante se expressar em seu contexto sociocultural”. Dessa forma, o que muda de uma variante para outra é somente o valor dado a ela e aos grupos sociais que a empregam, sendo que esse juízo de valor pode ser positivo ou negativo.

Ao se olhar com menosprezo para certas variantes, podemos atribuir a isso a origem do preconceito linguístico, pois a partir do momento que se denominam como erradas determinadas construções linguísticas, automaticamente são vistos como menos inteligentes os falantes que as usam. Quanto a isso, Coelho *et. al.* (2010) destacam que

o julgamento (ou, em termos mais claros, o preconceito) é social, e geralmente parte de cima para baixo, ou seja, das camadas dominantes econômica e culturalmente para as camadas dominadas. Dizer que tal pessoa ou tal grupo é ignorante porque fala de uma forma e não de outra é apenas mais um mecanismo de afirmação e de perpetuação desse preconceito, que se manifesta como preconceito linguístico, mas que nunca deixou de ser social (COELHO *et. al.*, 2010, p. 32).

Trabalhando com uma definição de preconceito linguístico, Botassini (2013) afirma que o preconceito linguístico nada mais é que uma atitude negativa a respeito de um grupo linguístico. Para ela, essa atitude negativa geralmente recai sobre grupos com pouco ou nenhum prestígio social, minorias linguísticas e grupos que falam diferentemente daqueles que manifestam a atitude preconceituosa.

A esse respeito, Balthazar (2016), ao discutir uma das pesquisas de Labov, relata que ele

constatou que as atitudes negativas para com uma variante linguística não padrão ultrapassam o âmbito da linguagem e se estendem ao âmbito dos falantes. Ou seja, valores atribuídos a uma variedade linguística serão atribuídos também aos seus falantes. Por outro lado, o contrário dessa afirmação também é verdadeiro: se um grupo de falantes usa uma determinada variante, os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos para essa variante (BALTHAZAR, 2016, p. 43).

Por meio dessas citações, fica evidente que as atitudes linguísticas negativas, assim como as positivas e neutras, se manifestam de acordo com aquilo que o interlocutor ouve e vê, e da forma como ele reage às diferenças da sua fala para a de outras pessoas.

Leite (2008) tece uma série de considerações acerca da intolerância linguística. Para ela, apesar de não causar sérios problemas sociais, esse tipo de intolerância é muito agressiva, já que fere o âmago dos indivíduos, pois como já vimos, “a linguagem é o que o homem tem de mais íntimo e o que representa a sua subjetividade” (LEITE, 2008, p. 14). Assim, quando criticamos a forma de alguém falar, estamos o atingindo profundamente.

A atitude que caracteriza o preconceito linguístico é, segundo Leite (2008, p. 15), aquela que consiste em “utilizar a linguagem para atacar, depreciar, diminuir e humilhar o ser humano, nunca aceitando suas diferenças”. Ou seja, quando se aproveita

da fala de um indivíduo para constrangê-lo, ofendê-lo, fazer chacota ou desprezá-lo, inferiorizando-o de alguma forma.

Segundo Hora (2014),

avaliar a variação associada ao estilo implica avaliar a identidade do usuário (...) Como o falante reage a sua própria maneira de falar e à de outrem traz implicações para questões relacionadas, por exemplo, ao problema do preconceito linguístico, algo que pode ter desdobramentos prejudiciais à convivência dos grupos em que se inserem os falantes (HORA, 2014, p. 20).

Sobre as diferenças entre preconceito e intolerância linguística, Leite (2008) as conceitua da seguinte maneira: *preconceito* é uma ideia, opinião ou sentimento que pode conduzir o indivíduo à *intolerância*, que por sua vez, consiste na atitude de reagir com violência e agressividade ao não admitir opiniões diferentes das suas. O preconceito ainda pode ser resumido como uma rejeição, um não querer, ou mesmo um não gostar, ao passo que a intolerância decorre de julgamentos. Assim sendo, esta pode ser classificada como um *comportamento*, uma *reação explícita*, ao passo que aquele pode existir sem nunca ser manifestado. (LEITE, 2008).

Um fato muito interessante destacado pela autora supracitada é que em grande parte dos casos o preconceito é construído sobre algo que nem sequer foi refletido. A crença de que algo está errado apenas por destoar da maioria ou da minha particularidade pode levar a atitudes impensadas de maus-tratos, desacato ou a um desprezo velado. O que ocorre é que ao longo da vida vamos assimilando padrões de comportamento pré-estabelecidos culturalmente. Consoante Leite (2008), a origem do preconceito está absolutamente na tradição, no costume e na autoridade.

Severo (2014, p. 44) afirma que “o nível de consciência dos valores sociais das variantes linguísticas não é estável, sempre evidente, homogêneo para todos os grupos sociais, uniforme e, tampouco, linear”. Isso implica dizer que há diferentes níveis de percepção e valoração das valorações. Ainda de acordo com Severo, Labov sistematizou esses níveis em três conceitos: estereótipos, marcadores e indicadores. Eles podem ser definidos da seguinte forma:

- Indicadores: operam em um nível inconsciente e estão relacionados aos elementos linguísticos sobre os quais há pouca avaliação;

- Marcadores: fixam-se abaixo do nível de consciência e estão relacionados às estratificações sociais;
- Estereótipos: formas socialmente marcadas, conscientes e reconhecidas pelos falantes.

Acerca desses três elementos, Severo (2014) afirma que

A heterogeneidade das avaliações tanto reflete como produz a estratificação social. Enquanto os estereótipos e os marcadores se associam às mudanças linguísticas motivadas por níveis diferentes de percepção do significado social das variantes, os indicadores se vinculam às mudanças linguísticas que ocorrem abaixo do nível de avaliação social. A avaliação das variantes – pelo significado social que carregam – está diretamente relacionada à constituição e à manutenção do padrão linguístico de prestígio, e o acesso àquela avaliação se dá, em termos de metodologia laboviana, prioritariamente pela aplicação de testes de atitudes (SEVERO, 2014, p. 44).

Consoante Severo (2014), há dois motivos possíveis para que os sujeitos façam ajustes conscientes em sua fala:

(i) as escolhas linguísticas que fazem carregam significados sociais e/ou estilísticos que variam de acordo com os interlocutores, o contexto social mais amplo e o tópico; (ii) os indivíduos utilizam a alternância estilística de variantes linguísticas para potencializar seu *status* social de maneira oportuna (SEVERO, 2014, p. 45).

Como já mencionado, o preconceito linguístico é, na maioria dos casos, concebido no preconceito social. Quanto a isso, Bagno afirma que

Do ponto de vista sociocultural, o “erro” existe e sua maior ou menor “gravidade” depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. Quanto mais baixo estiver um falante na escala social, maior número de “erros” as camadas mais elevadas atribuirão à sua variedade linguística (e a diversas outras características sociais dele). O “erro” linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação negativa que nada tem de linguística: é uma avaliação estritamente baseada no valor social atribuído ao falante, no seu poder aquisitivo, no seu grau de escolarização, na sua renda mensal, na sua origem geográfica, nos postos de comando que lhe são permitidos ou proibidos, na cor de sua pele, no seu sexo e outros critérios e preconceitos estritamente socioeconômicos e culturais. Por isso é que, muitas vezes, um mesmo suposto erro é considerado como uma “licença poética” quando surge num texto assinado por um autor de renome ou na fala de um membro das classes privilegiadas, e como um “vício de linguagem” ou um “atentado contra a língua” quando se materializa na fala ou na escrita de uma pessoa estigmatizada socialmente (BAGNO, 2002, p. 73).

A partir do exposto, podemos entender que há diferenças no uso de uma determinada língua e que falantes com estilos, formações ideológicas e profissionais, idades, sexo, classe social e escolaridade totalmente diferentes fazem uso dela diariamente. Isso implica na diversidade linguística e no enriquecimento da nossa língua. Não há nada que inferiorize uma língua, a não ser o preconceito enraizado em muitos indivíduos.

Acerca da diversidade linguística que acarreta preconceitos, Leite (2008) considera que

A linguagem é um fenômeno multiforme e heteroclítico, que se manifesta diversamente de usuário para usuário, de circunstância para circunstância, mas a atitude dos preconceituosos e dos intolerantes é homogeneizadora e, portanto, surge para exigir o cumprimento de padrões uniformizadores em detrimento de variáveis importantes, como o respeito pela integridade da pessoa (LEITE, 2008, P. 14).

Quanto à legitimidade da língua, Alkmim (2001, p. 41) afirma que “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”.

Compreendemos que todas as línguas apresentam um conjunto de variedades, sendo que algumas são mais prestigiadas que outras, o que não significa que esta ou aquela seja melhor. Acerca disso, Silva (2009) declara que

Cada língua é como uma grande pizza dividida em várias fatias. Cada fatia é uma variedade e nenhuma é melhor ou pior do que a outra, ou seja, não existem dialetos superiores ou inferiores. [...] Na comparação entre os dialetos, podemos afirmar que não há nenhum melhor ou mais correto que o outro; não há embasamento científico que valide a superioridade de um variante em relação à outra (SILVA, 2009, p. 20, 21).

É possível afirmar que existem diferentes situações de uso da língua, o que significa que em cada contexto em que estiver inserido, o falante empregará a língua da forma que lhe apetecer. É necessário lembrar, portanto, que, mesmo inconscientemente, um falante apega-se à sua língua e reage em relação a ela. Calvet (2007, p. 65) postula que “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas e para com as variedades de línguas”. Compreendendo que os sentimentos e concepções que temos em relação à nossa língua e a do outro correspondem às crenças linguísticas e que a forma como reagimos e manifestamos essas crenças corresponde ao

conceito de atitudes linguísticas, discursaremos mais detalhadamente sobre esses termos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

É fundamental que iniciemos esse capítulo fazendo uma contextualização espacial geral do nosso estado, para que compreendamos os fenômenos que contribuem para que haja tamanha variedade de falantes. Para tanto, ecoaremos as palavras de Corbari (2012):

“O Estado do Paraná, graças à colonização por descendentes de imigrantes de diversas etnias e aos contatos estabelecidos nas regiões fronteiriças a países hispano-americanos, apresenta um cenário sociolinguístico complexo que propicia o estudo tanto das línguas em contato quanto das crenças e atitudes relacionadas a essas línguas e a seus usuários, já que tal cenário favorece manifestações tanto positivas (prestígio linguístico) quanto negativas (desprestígio linguístico) dos informantes frente aos falares locais” (CORBARI, 2012, p. 112).

Considerando a intensa imigração que ocorreu em nosso estado e ao fazermos uma breve reconstituição histórica da formação de Irati, vemos que muitos imigrantes provenientes da Holanda, Polônia, Ucrânia, Alemanha e Itália se instalaram nas redondezas da cidade, estabelecendo novas relações e propagando suas culturas. Isso explica as diversas colônias que podem ser percebidas por toda a nossa região.

Devido a essa grande variedade de falares, é natural que alguns indivíduos julguem sua língua como superior ou inferior às outras. Pensar que a forma como falamos é melhor que a de outras pessoas constitui uma crença. Agir com intolerância, desprezo ou tentar camuflar a própria língua pode ser definido como uma atitude.

Para Aguilera e Silva (2014),

A relevância que as crenças e as atitudes linguísticas possuem hoje deve-se ao fato amplamente disseminado de que existem línguas, dialetos e variedades que representam classes sociais mais elevadas ou prestigiadas, característica que a elas atribui, na maior parte das vezes, um lugar privilegiado na escala social, ou seja, maior *status*. Dentre tantos, podemos citar como exemplos a língua inglesa, idioma universalmente conhecido e ensinado e a variedade padrão da língua portuguesa, forma eleita como própria daqueles que estão alocados em uma escala social mais bem conceituada (AGUILERA E SILVA 2014, p. 707).

Como já sabemos, a língua se manifesta na fala e na escrita. Consoante Balthazar (2016), por meio da fala percebemos dados muito relevantes acerca dos indivíduos, como descendência, idade e classe social. Para a pesquisadora (p. 18) “certamente a língua é um dos símbolos externos mais perceptíveis de um grupo, isso

porque, quando falamos, somos facilmente reconhecidos, ou não, como membros pertencentes a um grupo”. Essa afirmativa abre um precedente para nossa discussão acerca das crenças e atitudes linguísticas.

Antes de prosseguirmos, nos convêm esclarecer por que optamos por distinguir, neste estudo, crenças e atitudes. Em primeiro lugar, apresentamos nossa concepção de crença como uma opinião, ou seja, um ponto de vista, uma concepção acerca de um tema ou assunto. A atitude, por sua vez, é caracterizada como um comportamento, uma ação ou uma prática que, geralmente, é consequência de algo pensado consciente ou inconscientemente.

Quando temos uma opinião em relação a algo, tendemos a nos comportar consoante a essa opinião, mas essa não é uma regra. Em alguns casos, seja por educação, bom senso, ou para praticar o politicamente correto, agimos de uma forma que nega nossa real avaliação do que nos é exposto. Quando, por exemplo, um amigo que canta mal, mas está empolgadíssimo para participar de uma competição de música, pergunta nossa opinião sobre sua voz e afinação, para não desanimá-lo garantimos que ele é sensacional como cantor. Nesse caso, nossa crença não está sendo externada em nossa atitude, o que confirma a tese de que elas se complementam, mas não são indissociáveis.

Assim, considerando que a atitude consiste em uma reação a coisas, pessoas e fatos, e crenças como aquilo que acreditamos ser certo ou errado, bonito ou feio etc., estabelecemos relações entre esses conceitos e o conceito de preconceito linguístico, pois depreendemos que é a partir desses dois elementos que os sujeitos podem ter atitudes preconceituosas em relação à língua ou a variação empregada pelo outro. Reiteramos, portanto, que apesar de muitos pesquisadores estudarem crenças e atitudes como ideias imbricadas, neste trabalho as conceituaremos separadamente. A partir de agora, falaremos mais especificamente sobre cada uma delas.

3.1 CRENÇAS

Quando nos referimos a crenças, o principal referencial que temos é o conceito aprendido no período escolar, de que as crenças dizem respeito aos credos de uma

comunidade, a fé, aquilo em que um povo acredita. No entanto, quando falamos em linguagem, esses conceitos não são suficientes.

Para Souza (2012), o gesto de escolher uma língua para nos comunicarmos já constitui uma atitude linguística. Isto porque, de acordo com a autora, cada atitude linguística é um gesto individual, sendo que o usuário pode optar por usá-la, mantê-la ou abandoná-la caso ache pertinente. Mas como isso é possível se quando nascemos já estamos situados em um ambiente linguístico? A verdade é que com o passar do tempo, vamos conhecendo mais profundamente nossa própria língua e nos tornando parte dela e de sua história. Reconhecemos a indispensabilidade da comunicação e percebemos que apesar de termos outros recursos para nos comunicar, sempre recairemos na língua. Se um dia decidirmos nos mudar para outro país, conseqüentemente estaremos escolhendo outra língua para falar. Ao ficarmos no nosso país de origem, automaticamente estamos optando por falar a língua vigente nele, mesmo que façamos uso de algum dialeto.

Quando elegemos um objeto, assumimos muitas crenças a respeito dele, atribuindo características diferentes, como valores e conceitos. A crença pode, então, se relacionar com diferentes aspectos de uma situação, implicando em atitudes que transparecerão essas crenças. Consoante Massarolo e Busse (2012, p. 4), “podemos afirmar que o falante possui crenças valorativas em relação ao mundo e, conseqüentemente, sua conduta será condizente com esse saber ou crença, uma vez que são estímulos reforçados pelo meio”. Reiteramos, no entanto, que essa não é uma regra, já que nem sempre a conduta do falante é condizente com sua crença.

De acordo com Botassini (2013), muitas áreas do conhecimento utilizam a palavra *crença* para discutir questões relevantes para si e por isso torna-se difícil dar uma definição específica e fixa a ela. Para tentar explicar com mais respaldo acerca desse vocábulo, vamos às definições dadas por pesquisadores da área.

Barcelos (2006, *apud* CARRARO, 2016) declara que as crenças são

uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006 *apud* CARRARO, 2016, p. 38).

Dias (2014) retoma a ideia de consciência linguística, reforçando que as crenças são responsáveis por auxiliar os falantes a refletir sobre alterações de códigos e uso de

línguas alternadas. Além disso, para o pesquisador, as crenças são saberes adquiridos por meio da escola, da família e da sociedade.

Acerca das crenças, Santos (1996 *apud* Cyranka, 2007) apresenta a seguinte concepção:

Crença seria uma convicção íntima, uma opinião que se adota com fé e certeza.[...] Já atitude seria uma disposição, propósito ou manifestação de intento ou propósito. Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas, ou seja, as nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas (SANTOS (1996, *apud* CYRANKA, 2007, p. 22) .

Se as atitudes linguísticas são manifestações de crenças linguísticas, é fato que nem todas as crenças se converterão em atitudes. Muitas das nossas crenças ficam armazenadas única e exclusivamente dentro do nosso pensamento e, por isso, não acarretam atitudes.

Durante nossa vida nos deparamos com diversas situações em que nossa identidade é colocada à prova. Por mais que tentemos camuflar nosso verdadeiro eu a fim de passarmos uma imagem mais agradável de nós mesmos, é bem provável que tenhamos algum deslize que entregue nosso disfarce. Com a língua não é diferente. Somos criados em uma sociedade preconceituosa que tenta convencer as pessoas de que apenas o que passa na televisão ou circula pelas mídias é certo e bonito. Isso faz com que tenhamos, algumas vezes, vergonha e desprezo pelo nosso dialeto, sotaque, ou mesmo por alguma gíria que comumente usamos. Acerca disso, Aguilera e Silva, 2014, declaram que

Essa relação complexa e inerente entre língua, sociedade e identidade provoca nos falantes posicionamentos frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas. Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras (AGUILERA E SILVA, 2014, p. 705).

Não é uma regra, mas geralmente as crenças que desenvolvemos ao longo da vida resultam em atitudes relacionadas a elas. Com a língua acontece a mesma coisa, já que as atitudes são constituídas por crenças. Veremos agora como as atitudes linguísticas podem refletir um pensamento e exprimir preconceitos e pré-julgamentos.

3.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Ter uma crença sobre uma língua pode implicar em uma série de ações que praticamos em menção a ela. A forma como falamos, as escolhas lexicais que fazemos e principalmente nosso posicionamento diante a língua do outro, refletem não apenas nossos preconceitos, como também nossa identidade.

Para os pesquisadores canadenses William e Wallace Lambert, o estudo das atitudes é relevante porque “trata de um complexo fenômeno psicológico que se reveste de um tremendo significado social” (LAMBERT e LAMBERT, 1968, p. 77). Estes autores optam por não separar crenças e atitudes. Para eles, as atitudes podem ser definidas como

uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências de reagir (LAMBERT e LAMBERT, 1968, p. 77 e 78).

Segundo esses pesquisadores, desenvolvemos as atitudes numa tentativa de nos ajustarmos à determinada situação social. A princípio, quando estamos elegendo as atitudes, novas experiências podem modificá-las. Todavia, quando elas já estão definidas, passamos a utilizá-las regularmente, tornando-as fixas. Assim, é muito comum que as pessoas fiquem presas a essas concepções, “de modo que fiquem incapacitadas para examinar ou reconhecer a individualidade dessas mesmas pessoas ou eventos” (LAMBERT e LAMBERT, 1968, p. 78).

Os falantes de uma língua podem ter, como já mencionado, atitudes em relação à própria língua e à língua dos outros. Essas atitudes, segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, *apud* Aguilera e Silva, 2014, p. 708) podem ser interpretadas como “(...) uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro”, o que reforça a afirmação de que consoante nossa visão de língua assim a usaremos.

Cyranka (2007) reitera a relação entre as atitudes e a avaliação linguística. Para a autora,

O estudo das atitudes linguísticas está relacionado, portanto, ao da avaliação linguística, isto é, ao exame dos julgamentos dos falantes em relação à língua ou ao dialeto utilizado por seu interlocutor, estando subentendidas aí as mudanças implementadas, ou em implementação na língua, em relação à variedade considerada padrão. Os componentes dessas atitudes são o que pensam, sentem e como reagem os falantes expostos aos estímulos linguísticos que lhes são apresentados (CYRANKA, 2007, p. 20).

Sobre os juízos de valor, Balthazar (2016, p. 18) considera que “ao ouvir a língua de um grupo, o ouvinte reage de forma a atribuir valores a ela e aos seus falantes. De fato, a forma de falar de uma pessoa ou de um grupo vai interferir nas avaliações que são feitas sobre esse grupo por outras pessoas”. Assim, atentando para aquilo que as pessoas entendem como mérito ou demérito, Souza (2012) traz a definição de Lópes Morales (1979) para as atitudes linguísticas. Para a autora, elas podem ser vistas como

uma disposição valorativa do falante sobre os fenômenos linguísticos específicos, isto é, sobre modalidades linguísticas. As atitudes linguísticas incluem todas as ações valorativas das pessoas sobre uma língua, podendo ter vários adjetivos: pobre, rica, doce, áspera, feia, bonita, importante etc. (LÓPES MORALES, 1979, *apud* SOUZA 2012, p. 37).

Massarolo (2012), por sua vez, afirma que

A partir das palavras de Fernández (1998) pressupõe-se que a atitude é uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou características sociolinguísticas determinadas. Ou seja, ao ouvir um indivíduo falar, já se identificam a sua origem e sua posição social (MASSAROLLO, 2012, p. 3).

Aguilera e Silva (2014) explicam que para Lópes Morales (1993) quando um falante elege uma variante em detrimento de outra, pode-se fazer duas suposições: na primeira, o falante sabe que existem duas variedades linguísticas, e na segunda, ele é movido pela consciência linguística, isto é, na tentativa de elevar-se socialmente, procurará empregar a variante mais prestigiada em seu contexto social. A partir desses comportamentos, o falante poderá manifestar as seguintes atitudes: “segurança ou insegurança linguística; lealdade ou deslealdade; prestígio ou desprestígio; estereotipação e estigmatização, dentre outras” (AGUILERA e SIVA, 2014, p. 708).

Como exemplo dessas atitudes, mencionamos um estudo realizado por Corbari (2012) na cidade de Irati. Ao entrevistar falantes descendentes de eslavos, a

pesquisadora percebeu muitas atitudes negativas em relação à língua materna desses falantes. A autora declara que

Observa-se, na resposta dos informantes, um comportamento comum entre falantes de línguas minoritárias: a “vergonha” em falar a língua de herança, ou a “gozação” dirigida a falantes dessas línguas. Essa atitude parece denotar a falta de prestígio da língua minoritária perante a majoritária (o português). Porém, acompanhando esse sentimento, percebe-se também o orgulho que pode representar a proficiência na língua de herança, implícito no reconhecimento de que “deixar de falar essa língua “é um erro”, ou de que o conhecimento da língua é uma “riqueza cultural” a ser preservada” (CORBARI, 2012, p. 123).

Em relação a como as atitudes podem ser, a autora reitera que há três opções: negativas, positivas e neutras. Sobre as negativas, citando Moreno Fernández (1998), Balthazar (2016) afirma que

A atitude linguística pode ser negativa em relação à sua própria língua, por exemplo, quando essa variedade não permite aos seus falantes ascensão social, melhora econômica ou mobilidade em outros lugares diferentes dos seus (BALTHAZAR, 2016, p. 23).

Já acerca das atitudes linguísticas positivas, retomando os conceitos de Moreno Fernández (1998), a pesquisadora explica que

Por outro lado, as atitudes linguísticas podem ser positivas em relação à língua, e elas são, geralmente, sobre a fala dos grupos sociais mais poderosos socioeconomicamente. Isso porque atitudes são, frequentemente, manifestação de uma preferência e convenção social sobre o *status* e o prestígio dos falantes (BALTHAZAR, 2016, p. 23).

Weinreich (1974, *apud* BALTHAZAR, 2016) chama a atitude linguística positiva de fidelidade linguística. É essa fidelidade que nos move a quereremos proteger nossa língua do declínio. Para esse autor,

a fidelidade linguística poderia ser definida como um princípio [...] no qual as pessoas empenham a si mesmas e os outros falantes conscientemente e explicitamente a resistir a toda mudança no funcionamento, na estrutura e no vocabulário da língua (WEINREICH, 1974, *apud* BALTHAZAR, 2016, p. 24).

Há, por fim, a atitude neutra, ou seja, aquela em que o falante não apresenta atitude negativa nem positiva, ficando no meio termo. Alguns autores negam que exista essa categoria para as atitudes, mas Balthazar (2016), Carraro (2016) e Souza (2012) consideram essa categorização.

Com base nessas leituras, pudemos perceber que há uma linha muito tênue que separa as atitudes diante de uma língua das atitudes diante de um grupo social. Rodrigues (2012) propõe a seguinte reflexão:

As atitudes linguísticas são atitudes psicossociais, ou seja, se as línguas têm conotações sociais, é natural que sejam avaliadas (admiradas ou desprezadas) a partir do *status* ou das características sociais dos seus usuários. Por isso, a atitude em relação a uma língua e a atitude em relação ao grupo social que dela se serve parecem confundir-se (RODRIGUES, 2012, p. 363).

À luz de Moreno Fernández (1998), Botassini (2013, p. 55) reforça a afirmação acima ao dizer que “é difícil delimitar onde começa a atitude em relação a uma variedade linguística e onde termina a atitude quanto ao grupo social ou ao usuário dessa variedade”. Sendo assim, atitudes linguísticas podem compreender também atitudes sociais.

Quando ouvimos um falante dizendo *caroça* enquanto dizemos *carroça*, imediatamente reconhecemos que há uma diferença na fala desse indivíduo quando comparada à nossa. Esse é o primeiro reflexo. Conseqüentemente, imaginamos que esse sujeito vem de outra região e tem outra cultura. Nesse momento, com base em nossas vivências sociais, “julgamos” esse falante a partir da sua fala e o consideramos inferior, superior ou igual a nós, reagindo com desprezo, reverência ou indiferença. É assim que nossas atitudes linguísticas se confundem com as atitudes em relação ao falante e ao grupo social a que ele pertence.

Fica evidente aqui que a condição social de um grupo pode ser totalmente refletida na linguagem empregada por ele e vice-versa. Há uma preocupação muito grande em se extinguir vários tipos de preconceitos, mas o olhar com desprezo para um falante que fala diferente ou usa termos e palavras pouco ou nada utilizadas por nós é pouco debatido. Por isso reiteramos a relevância dos estudos que abordam o preconceito linguístico, sempre lembrando que atitudes positivas, negativas ou neutras em relação ao falar do outro podem afetar diretamente sua autoestima, bloqueando relações interpessoais e colocando em cheque sua identidade.

Prova do supracitado é que, durante nossa pesquisa de campo, muitas reações dos entrevistados refletiam a forma como fazíamos as perguntas. Se questionávamos

dando ênfase pra riqueza da língua italiana falada na comunidade, as respostas eram mais empolgadas. Se perguntávamos com ar pesaroso acerca da forma como a língua portuguesa está gradativamente se sobressaindo à língua materna, os entrevistados se mostravam contristados e respondiam também pesarosos. Já nos momentos em que nos mostrávamos indiferentes a toda essa resistência para se manter a cultura italiana na localidade, nossos informantes ficavam na defensiva e, em alguns casos, pareceram ficar aborrecidos e até ofendidos com nosso tom.

Todas essas reações foram percebidas quando a língua tão caprichosamente cultivada por aqueles falantes foi colocada em xeque e essa observação reforça o quanto a língua de um povo retrata sua história, suas lutas e sua identidade.

De acordo com importantes pesquisadores de crenças e atitudes citados por Botassini (2013), há três componentes agregados às atitudes linguísticas: *cognitivo, afetivo e comportamental*. O primeiro deles é o componente cognitivo. Segundo a pesquisadora, ele diz respeito às crenças e pensamentos que temos em relação a um objeto que conhecemos. O componente afetivo está relacionado às emoções e sentimentos acerca de determinado objeto. Por fim, há o componente comportamental, definido como conduta ou reação a um objeto.

Quando gostamos de uma sobremesa, obviamente conhecemos seu sabor e acreditamos que é bom. Consequentemente estabelecemos uma relação afetiva com ela, visto que comê-la nos proporciona prazer. Então, nossa reação a ela será devorá-la imediatamente quando tivermos oportunidade. Para os autores que defendem a teoria de crenças e atitudes serem imbricadas, esses três elementos, conhecer, gostar e comer, constituem uma atitude em relação a um objeto, a saber: a sobremesa.

Reiteramos, mais uma vez, que para este estudo estamos adotando a perspectiva de que crenças e atitudes linguísticas são dissociadas, e que os componentes cognitivo e afetivo pertencem às crenças e somente o comportamental compreende as atitudes, sendo que atitudes positivas correspondem à aceitação e atitudes negativas à rejeição (BOTASSINI, 2013, p. 59). No que concerne às atitudes neutras, é o comportamento indiferente à uma língua que indica neutralidade.

O mesmo se dá com uma língua. Durante as entrevistas, perguntamos se nossos falantes conviveriam em um bairro onde houvesse descendentes de eslavos. A resposta da maioria foi que sim, viveriam em harmonia com descendentes de ucranianos e poloneses. Esta afirmação resulta do fato de que os entrevistados conhecem esse povo, mantêm uma boa relação com eles e aceitariam perfeitamente morar no mesmo bairro, desde que a língua de todos fosse comum.

No que tange à manutenção da cultura e da língua italiana na comunidade estudada, mencionamos brevemente os conceitos de lealdade e deslealdade linguística. Consoante Botassini (2013), a atitude de um falante frente ao seu grupo linguístico pode ser positiva ou negativa, revelando um ato de lealdade ou deslealdade linguística, respectivamente.

Para se medir as atitudes linguísticas, é necessário realizar alguns testes com informantes pré-selecionados. Através de questões orais ou escritas, bem como audição de gravações, pode-se perceber de que forma os informantes reagem às variedades expostas pelos falantes. Cyranka (2007) expõe que:

Os testes de atitudes, como se pôde notar, fazem emergir dimensões nas escalas avaliativas, ligadas, de certa forma, à subjetividade dos ouvintes em relação às qualidades aparentes dos dialetos ou dos indivíduos. Através desses julgamentos, somos capazes de surpreender significados importantes para a identificação dos grupos de falantes de determinadas variedades, tais como os ligados a questões de etnia ou de prestígio social (CYRANKA, 2007, p. 32).

Além das respostas obtidas através dos testes, a relevância dos estudos na área de atitudes linguísticas pode ser comprovado pelo fato de que eles

revelam que o falante, utilizando uma língua ou variedade linguística de prestígio, é percebido favoravelmente pelos ouvintes em relação a inteligência, competência, ambição, segurança, sucesso educacional e ocupacional. Daí é derivada a consideração de que a variedade padrão é associada à dimensão de poder, “status” e controle social. Em outras palavras, é a variedade que cumpre funções sociais privilegiadas pelo poder (CYRANKA, 2007, p. 32).

É interessante salientar que um falante pode ter atitudes diferentes em relação à sua língua dependendo do contexto e da posição que ele ocupa em determinados momentos. Isso significa que em certos lugares podemos ostentar tranquilamente nosso sotaque, mas em outras ocasiões há a possibilidade de ocultarmos nosso vernáculo. Para Balthazar (2016, p. 26), é “a mesma língua, com o mesmo indivíduo, mas com atitudes

opostas de acordo com o momento e o papel desenvolvido na sociedade”.

Finalizando este capítulo, ressaltamos a pertinência dos estudos das atitudes para a Sociolinguística, visto que ela considera prioritariamente a relação língua/sociedade.

Logo,

No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam. As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico (CORBARI e SELLA, 2013, p. 529).

Dessa forma, fica evidente que muito mais que elementos linguísticos, as crenças e atitudes linguísticas nos permitem observar e compreender as identidades de uma comunidade. É acerca dessas identidades e das representações com elas imbricadas que falaremos agora.

3.3 IDENTIDADE, CULTURA E REPRESENTAÇÃO

As pessoas buscam, a cada dia, situar-se no mundo. Em uma sociedade capitalista, que preza muito pelo *ter* e pouco pelo *ser*, todos queremos ter características que nos identifiquem em diversos espaços sociais. No entanto, a verdade é que não há uma identidade única, pura. Somos constituídos por elementos históricos e culturais que nos moldam ao longo da nossa vida.

Há alguns anos, muito do que se fala e acredita nos dias de hoje não seria possível. O que fez com que os horizontes se ampliassem e que a sociedade se lançasse de cabeça no desconhecido foi, com certeza, o avanço acelerado da tecnologia. As diversas relações estabelecidas por sujeitos do mundo todo, facilitadas pelos meios de comunicação, propiciou um conflito de opiniões dentro do próprio eu. A esse respeito, Damke e Savedra (2013, p. 55) em pesquisa sobre a identidade em língua alemã, destacam que “a globalização e a rapidez das informações que recebemos todos os dias em nossos contextos sociais contribuem para a construção de nossas identidades sociais, ao mesmo tempo em que fazem com que nossas identidades entrem em crise”.

A(s) identidade(s) de um indivíduo não é (são) fundamentada(s) em conceitos pré-estabelecidos, já que a cada momento nós somos outras pessoas. Modificamos-nos

de acordo com o contexto que nos cerca e transformamos esse ambiente. Com base no convívio com outros grupos e entre sujeitos com formações diferentes, vamos nos moldando, pois para os autores,

a identidade é processual, isto é, nunca acabada. Não é uma herança, mas uma elaboração sempre contemporânea. A identidade é processual porque é relacional e, portanto, negociada: ela se inventa 'dentro de' e 'contra' outros grupos ou pessoas. (...) Assim, as identidades se constroem na especificidade das formas de convívio entre vários grupos, culturas ou gerações (DAMKE e SAVEDRA, 2013, p. 59).

Quando falamos em convívio social, relação com o grupo em que nos inserimos e nossas origens, tocamos em uma questão muito cara aos imigrantes. Como nosso objeto de estudo são os imigrantes italianos, não podemos deixar de mencionar o distanciamento das raízes e a apropriação de um novo espaço. Damke e SAVEDRA (2013, p. 60) postulam que “no caso dos imigrantes, parte da construção de sua identidade está ligada à nostalgia do passado, mas boa parte desta reconstrução também está atrelada ao novo contexto sociocultural e político em que vivem”. Assim, podemos dizer que a identidade desses povos é mista.

Para Labov (2008), uma comunidade específica sempre tem formas de identificar os sujeitos que a compõe. O pesquisador declara que

Além dos condicionamentos entrecruzados de classe social e casta, as comunidades frequentemente desenvolvem categorias mais concretas para situar os indivíduos. Em comunidades rurais (ou em bairros periféricos), a identidade local é uma categoria de pertencimento extremamente importante – muitas vezes, impossível de reivindicar e difícil de conquistar (LABOV, 2008, p. 342).

Mas o que compreende a identidade? Quais traços a definem? Sobre esse questionamento, os pesquisadores Damke e SAVEDRA (2013) afirmam que

A identidade de um indivíduo compreende, antes de mais nada, suas características próprias e exclusivas, tais como sua fisionomia, seu nome e sobrenome, suas características pessoais e sua história individual. Sua identidade compreende, ainda, o que este indivíduo é socialmente, quer dizer, a que grupo ou grupos ele pertence e com que pessoas ou grupos ele tem características comuns (DAMKE e SAVEDRA, 2013, p. 61).

Botassini (2013) versa que a identidade pode ser definida de maneira objetiva e subjetiva. De forma objetiva, são as instituições que a constituem e as peculiaridades culturais que caracterizam a identidade de um povo. Já na forma subjetiva, é por meio do sentimento de comunidade que os membros de um grupo compartilham, bem como

pela forma que os grupos se diferenciam um do outro é que a identidade de um povo pode ser reconhecida.

Cada esfera da nossa vida contribui para a formação da nossa identidade. Refletindo quanto ao supracitado, a identidade de um indivíduo é composta pelas influências que recebemos dos grupos em que nos inserimos. É isso que nos define, nos separa de alguns e nos une a outros. São as identidades migrantes, ou seja, “aquelas que se constroem a partir de nosso ‘pertencimento’ a identidades étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, a culturas nacionais distintas”. (DAMKE e SAVEDRA, 2013, p. 62).

Aguilera (2008 *apud* Balthazar, 2016, p. 22) define identidade como “a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo do outro, uma etnia da outra, um povo de outro”. Balthazar (2016) declara, portanto que

Identidade é conceituada a partir da percepção do *Outro*, é através da percepção da diferença que me enxergo como *Eu*, é aquilo que me diferencia do outro grupo que me identifica. Nesse sentido, podemos dizer que existe uma relação forte entre identidade e língua. O mesmo acontece com a percepção da sua própria língua, isto é, a partir da observação de outra língua você percebe as peculiaridades da sua (BALTHAZAR, 2016, p. 21-22).

As questões de identificação linguísticas podem ser concebidas, como já referido, a partir da relação entre grupos que se diferenciam de outros. Balthazar (2016) reitera que a partir das peculiaridades percebidas em nossa língua, pode-se entender as diferenças com as outras.

Seguindo essa linha de pensamento, procuraremos analisar de que forma a identidade dos informantes da pesquisa se manifesta nas atitudes linguísticas que eles têm no dia a dia. A luta pela preservação da cultura, das tradições, usos e costumes e, principalmente, da língua italiana na localidade de Pinho de Baixo indica que apesar das modificações que o espaço sofreu, bem como o alastramento da tecnologia em maquinários e a urbanização de diversos setores do campo, a identidade de descendente de imigrante ainda é percebida e externada na vida de cada habitante do povoado.

No próximo capítulo, apresentaremos os procedimentos metodológicos adotados para realizar a pesquisa e descreveremos os indivíduos que se dispuseram a compartilhar suas experiências e sua relação com a língua falada na comunidade.

CAPÍTULO 4

CORPUS E METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e nos estudos sobre Crenças e Atitudes linguísticas. Consideramos, para tanto, que a língua é um fato social, que abrange não apenas fatores físicos, como aparelho fonador e auditivo (para fala) e visão (para escrita), mas também fatores sociais, que permitem que a língua se manifeste na sociedade, permitindo aos seus usuários que construam sentido a partir dela e estabeleçam assim, suas relações.

Considerando as concepções postuladas por Balthazar (2016) e Botassini (2013) sobre a identidade linguística fortemente interligada às crenças e atitudes linguísticas, estudamos o conjunto desses elementos expostos por nossos informantes durante nossas entrevistas.

Reconhecendo a profunda relação entre língua e sujeito, reforçamos a afirmação de Leite (2008) de que a linguagem é o que o homem tem de mais íntimo, pois ela representa a subjetividade do ser. Adotando esse pensamento, pretendemos observar e analisar de que forma falantes/moradores da comunidade Pinho de Baixo, município de Irati/PR se comportam em relação à língua, visto que nessa comunidade a língua falada resulta de uma transição, já que os imigrantes que lá chegaram falavam em um dialeto italiano ainda não especificado ao certo, e que com o passar do tempo foi sofrendo influência da língua portuguesa. Hoje a língua falada é majoritariamente o português, mas o italiano ainda se mantém na comunidade.

A comunidade em questão foi escolhida por estar situada na zona rural de Irati/PR e apresentar como seus constituintes descendentes de italianos que têm buscado, de diferentes formas, manter vivas as tradições que herdaram dos antepassados. Embora já bastante afetada pela modernidade da cidade, a comunidade vem se mostrando decidida a deixar para a posteridade a riqueza cultural que herdou dos pais. Por meio do museu, do grupo de cantos e danças e da Festa da Polenta, muitos jovens estão se engajando na missão de consolidar a língua italiana falada na comunidade.

Como temos envolvimento com a comunidade, pudemos perceber esses gestos que transparecem o desejo de preservar as raízes e resgatar uma língua que tem se

perdido no tempo e nas transições ente campo e cidade. Foi essa boa relação com os moradores da comunidade que possibilitou a realização desta pesquisa.

Nossa metodologia de trabalho consistiu no levantamento de dados, feito em novembro de 2016, e na análise das crenças e atitudes externadas pelos informantes, realizada no primeiro semestre de 2017. Agora, falaremos brevemente acerca da comunidade estudada, realizando um breve passeio histórico desde a sua fundação até os dias atuais.

4.1 A COMUNIDADE PESQUISADA

Antes de apresentarmos os informantes desta pesquisa, consideramos importante fazer uma contextualização do espaço onde eles estão inseridos. Como a comunidade que estudamos é constituída de descendentes de imigrantes italianos, é preciso entender o que os trouxe e os fez permanecer nessa região.

4.1.1 CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO

A Itália viveu uma grande crise em sua identidade política e geográfica na tentativa de unir o que era fragmentado. Balthazar (2016) declara que até 1861, a Itália era dividida em: reinos, vice-reinos, ducados e estados pontifícios. Essa divisão se estendia também para a língua, já que a maioria da população só falava a língua da sua cidade ou região, ou seja, os dialetos.

De acordo com Beccaria (2002),

A situação linguística podia ser assim dividida: tínhamos os toscanos, que aprendiam o italiano padrão como língua materna, e as pessoas cultas e não toscanas, que aprendiam o italiano dos livros. A outra grande parte da população usava somente o dialeto para a comunicação (BECCARIA, 2002, p.65, *apud* BALTHAZAR, 2016, p. 100, 101).

Visto que a língua italiana nacional era o dialeto fiorentino, grande parte da população era considerada analfabeta ou semianalfabeta. Balthazar (2016, p. 101), citando o pesquisador Matteucci (1864), declara que até 1864,

metade dos professores primários ministrava aulas em dialeto, sobretudo no campo. O uso do italiano padrão era garantido apenas na escola de segundo grau, mas era somente uma parcela mínima da população que a frequentava (BALTHAZAR, 2016, p. 101).

Então, além de a Itália não estar firmada como país, cada estrato da população falava uma língua diferente.

Após anos de guerras e entraves políticos, a Itália finalmente conseguiu a almejada unificação. No entanto, essa conquista não resolveu todos os problemas do país. Com o feudalismo ainda imperando na região, os agricultores produziam apenas para seu próprio consumo e muitas vezes eram prejudicados com pragas que atacavam seus animais e as plantações, dificultando o desenvolvimento socioeconômico. Além disso, alugar terras era muito caro e os colonos dificilmente conseguiam comprar um alqueire de chão para si.

Assim, segundo Balthazar (2016),

As regiões do norte da Itália continuaram em uma péssima situação econômica após a unificação. Existia muita diferença entre as classes sociais, e os pobres eram extremamente pobres, beirando a miséria (BALTHAZAR, 2016, p. 113).

Baldin (1999), explica que

Os latifúndios continuavam, e os terrenos pertenciam aos que ainda eram nobres ou aos proprietários burgueses, ou à Igreja. As terras eram divididas e arrendadas aos colonos por altas taxas de juros ou hipotecas, e o resultado era uma situação quase geral de endividamento entre os habitantes do norte da Itália (BALDIN, 1999, p. 17, *apud* BALTHAZAR, 2016, p. 113).

Ademais, a Revolução Industrial trouxe mais embaraços para os colonos italianos. Enquanto os grandes produtores investiam em maquinários e implementos para sua lavoura, conseqüentemente aumentando a produção, os colonos menos abastados não tinham capital para investir e ficavam em desvantagem na produção e venda de alimentos. Toda essa crise social, econômica, política e identitária que a Itália passava fez com que muitas pessoas emigrassem do seu país para outros lugares do mundo, como nos conta Balthazar (2016):

A relação entre emigração e industrialização, como descrita, afetou diretamente os habitantes do norte da Itália que eram, em sua maioria, camponeses. Ao abalar as estruturas agrárias, o processo de industrialização gerou desequilíbrios econômicos que enriqueceram uma minoria e deixaram os camponeses endividados ou na miséria. O

novo processo de industrialização estava acabando com a produção agrícola feudal dos camponeses do norte. Além de todo o problema social e econômico, politicamente era um período incerto para essa localidade (BALTHAZAR, 2016, p. 114).

Diante dessa desorientação dentro do país, os colonos italianos buscaram uma alternativa para poder plantar, colher e viver dignamente. Consoante a autora supracitada, a emigração não foi uma decisão aventureira ou uma fuga. Ela foi, na verdade, a forma que um povo sofrido encontrou para sobreviver. Então, muitos italianos saíram de seu país em direção a outros lugares buscando melhores condições de vida.

Como o Brasil procurava mão de obra barata tanto para trabalhar nas lavouras como para povoar terras frutíferas, milhares de italianos começaram a se dirigir para o Brasil. Entre os anos de 1887 a 1902, estima-se que mais de dois milhões de italianos vieram para cá.

Conforme dados do site imigracaoitaliana.wordpress.com, foram os vênnetos que primeiro chegaram no Paraná, em 1875. Até 1900 já havia no Paraná mais de 30 mil italianos, que, de acordo com o referido site, alocavam-se em quatorze colônias italianas e outras vinte mistas. Trabalhavam como agricultores autônomos e, posteriormente, como empregados nas lavouras de café. Foi na região metropolitana de Curitiba que os imigrantes prosperaram e passaram a desenvolver novas atividades, trabalhando nas indústrias e no comércio.

Com o passar do tempo, os imigrantes passaram a adentrar o interior do estado, chegando até vilas ocultas nas matas e instalando ali seus pertences e sua cultura, e é sobre uma dessas vilas que falaremos agora.

4.1.2 FUNDAÇÃO E POVOAMENTO DO PINHO DE BAIXO

Como grande parte das cidades do nosso estado, Irati também foi visitada pelos tropeiros. Estes importantes personagens da nossa história abriram caminho em meio à mata fechada e fundaram pequenos vilarejos, onde acampavam durante seu trajeto até destinos longínquos, levando inúmeras cabeças de gado para vender em outros estados. Entre esses vilarejos fundados pelos tropeiros está o Pinho de Baixo.

Bacil (2012) declara que no início da colonização do Pinho de Baixo, os tropeiros eram figuras frequentes na região e sempre foram muito venerados pelos habitantes do lugar. De acordo com a pesquisadora,

As estradas estreitas e tortuosas cravadas no meio da mata densa serviram de passarela para os tropeiros e animais por eles conduzidos. Alguns moradores dizem que, quando crianças, indo para a escola ou andando pela estrada, ao ouvirem o som do “berrante” corriam para o mato se abrigar em cima de árvores para admirar a passagem dos tropeiros e a boiada composta de centenas de animais que caminhavam lentamente produzindo som e ritmo peculiar de suas patas, cortados apenas pelo berrante e alguns gritos do tropeiro quando algum animal se desgarrava do grupo (BACIL, 2012, p. 51).

O nome da pequena vila foi escolhido pelos tropeiros, já que na localidade havia muitas árvores chamadas Pinho. Por causa dos rios que cruzam o local, os tropeiros dividiram a comunidade em Pinho de Baixo e Pinho de Cima.

Segundo informações de moradores da comunidade, as famílias que inicialmente povoaram o local eram vindos de Portugal, Espanha e África, além de alguns descendentes de escravos. Sobre essa população, Bacil (2012) afirma que

Eram os chamados “caboclos brasileiros” e dedicavam-se a atividades produtivas de subsistência, vendendo o excedente da produção. Cultivavam arroz, feijão, mandioca, milho, com destaque para a extração da erva-mate, uma atividade trabalhosa, que envolvia a mão de obra de toda a família. Do milho eram feitos os principais ingredientes da comida cabocla: a farinha, a quirera e a canjica. Além do trabalho, a religião católica representava um aspecto importante para os colonos (BACIL, 2012, p. 52).

Alguns anos mais tarde, o local passou a ser povoado pelos imigrantes italianos. Para Bacil (2012), importante pesquisadora da história do Pinho de Baixo e de Irati, “a primeira geração de descendentes de italianos nascidos no Brasil, precisamente em Campo Largo, sentiu a necessidade de expandir seus territórios e encontraram locais propícios para isso, com terras férteis e de baixo custo”, como é o caso do Pinho de Baixo.

Os imigrantes então foram construindo suas casas e cercando suas terras. As pequenas casas de madeira, geralmente de chão batido, abrigavam grandes famílias. Como as terras do lugar eram muito férteis, sem necessidade de adicionar adubos ou produtos químicos, a agricultura era a principal fonte de renda. Além disso, havia também a extração da erva-mate; o trabalho na serraria, recém inaugurada na comunidade; a criação de animais e a produção de vinhos.

É interessante ressaltar que o trabalho comunitário sempre foi e ainda é um aspecto característico dos descendentes de italianos. No período de preparação da terra para o plantio, bem como durante a colheita, toda a comunidade se envolvia no trabalho braçal, tanto adultos como crianças, desde cedo até a noite.

Na década de 20, principiou a produção de vinho na comunidade, como parte fundamental da cultura e tradição italiana. O processo de produção era artesanal, e, inicialmente, apenas para consumo próprio. Atualmente, a produção de vinhos na comunidade foi industrializada e as seis famílias que produzem a bebida comercializam cerca de 40 mil litros de vinho por ano. A venda se expandiu, alcançando outros estados e sendo, inclusive, exportado para fora do país.

O cultivo da cebola também é uma das principais atividades agrícolas do Pinho de Baixo. Muito se tem investido em equipamentos de última geração e uso de técnicas avançadas de produção. São aproximadamente 500 hectares de lavouras e cerca de 100 famílias envolvidas nesse cultivo. Além de cebola, há ainda a produção de soja, milho, trigo e feijão.

A escola municipal da comunidade é um ponto de referência em toda a região, pois recebe alunos de outras localidades e oferece diversos projetos que envolvem alunos e comunidade. Atualmente a escola conta com 106 alunos e 11 funcionários. Além de uma escola preocupada em interagir com os moradores, há também a Associação Atlética Pinho de Baixo, time de futebol que integra os jovens da comunidade e participa de diversos campeonatos.

Um dos maiores motivos de orgulho para os moradores do Pinho de Baixo é o “Grupo Folclórico *Chiaro di Luna*”. Semanalmente, acontecem reuniões do grupo nas quais os integrantes aprendem o idioma italiano, danças, músicas, gastronomia típica, bordados, costura e outros aspectos da cultura italiana. Segundo Bacil (2012),

Os componentes do grupo *Chiaro di Luna*, devidamente vestidos com trajes típicos, já se apresentaram em diversos eventos, com número de danças e interpretações de músicas folclóricas, populares e religiosas na localidade, na cidade de Irati, na região e em diversas cidades do Paraná e de Santa Catarina. O grupo, além de expandir a tradição italiana, tem conseguido estreitar laços de amizade, desenvolver o espírito de colaboração entre seus componentes e a comunidade em geral (BACIL, 2012, p. 112).

O idioma italiano estudado no curso foi muito debatido durante as entrevistas, isto porque muitos dos falantes não reconhecem a língua estudada como sendo a que eles ouviam em casa, com os pais e avós. De acordo com alguns informantes, a língua estudada é o padrão da Itália e é bem diferente da que eles conhecem, que na verdade é um dialeto.

Quando o grupo começou, a ideia era apenas conhecer mais sobre a língua e, por isso, os materiais utilizados eram, em sua maioria, músicas e rezas. No decorrer das aulas, o professor Edson Moro Rios, que é o presidente do grupo, percebeu que havia afinção nas vozes dos adultos e das crianças, e por isso decidiram criar o grupo de canto.

Uma casa de madeira no mesmo estilo das casas construídas pelos imigrantes italianos foi construída no centro da comunidade para abrigar um museu da cultura italiana. Nesse espaço é possível encontrar diversos objetos pertencentes aos imigrantes, bem como trajes, fotografias e equipamentos de trabalho. Anualmente, a comunidade promove a *Festa da Polenta*, importante evento que reúne mais de 500 pessoas para prestigiar as comidas, os vinhos, as músicas e danças típicas dos italianos. Por meio desses recursos, o Pinho de Baixo busca preservar a cultura daqueles que contribuíram para a consolidação e manutenção da comunidade.

A capela São Sebastião foi construída em 1912 e desde essa época já passou por três reformas. Agora, encontra-se em perfeito estado para atender as necessidades da comunidade. Devido à comemoração do centenário da capela, em 2012 foi lançado um livro sobre a história da comunidade Pinho de Baixo e é baseado nele que esse breve histórico foi construído. Atualmente, a população da comunidade consiste em 150 famílias, totalizando, aproximadamente, 500 pessoas. Veremos agora algumas características dos informantes da nossa pesquisa.

4.2 CORPUS DA PESQUISA

Para realizar nossa pesquisa, selecionamos vinte e quatro informantes, todos residentes na localidade de Pinho de Baixo, zona rural de Irati/PR. A princípio, nosso intuito era dividir os entrevistados em quatro grupos de seis informantes, cada grupo

pertencente a um grau de escolaridade: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e Analfabetos.

Porém, ao fazermos um levantamento inicial dos moradores, constatamos que não há nenhum descendente de imigrantes italianos na comunidade que não tenha frequentado ao menos a primeira série do Ensino Fundamental. Portanto, não havia analfabetos disponíveis para nossa pesquisa. Nosso critério então mudou, e dividimos os informantes em Ensino Fundamental Incompleto, Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio e Ensino Superior.

No entanto, mais uma vez encontramos dificuldades para adequar os entrevistados nas escolaridades de forma padronizada. Não tínhamos seis informantes para cada categoria, por isso, decidimos realizar a pesquisa com os que tinham disponibilidade e, acima de tudo, forte envolvimento com a cultura italiana. Como nosso objetivo era conhecer e investigar as crenças e atitudes linguísticas, selecionamos descendentes que apresentaram interesse em falar sobre a língua e a cultura italiana, bem como seu interesse em mantê-las ativas na localidade. Assim, no critério escolaridade, nossos informantes consistem em:

- a) Ensino Fundamental Incompleto: 13 informantes
- b) Ensino Fundamental Completo: 2 informantes
- c) Ensino Médio: 3 informantes e
- d) Ensino Superior: 6 informantes

No critério sexo esperávamos encontrar doze informantes masculinos e doze femininos, mas também não foi possível. Entrevistamos dezoito mulheres e seis homens. Isso ocorreu porque, em geral, as meninas é quem ficavam em casa com a mãe enquanto o pai e os filhos iam para a roça. Por passar mais tempo com as filhas, as mães ensinavam para elas rezas e cantos em na língua italiana.

Entre nossos critérios para a seleção dos informantes não estava o de que todos os informantes falassem ou soubessem a língua italiana falada na região, e sim que tivessem algum envolvimento com ela dentro de casa ou em outro contexto em que convivem, buscando preservá-la. Alguns possíveis informantes dos quais nos

aproximamos não esboçaram desejo em falar sobre a língua e sua relevância pra comunidade, alegando não ter conhecimento ou envolvimento o suficiente para tanto. Por isso há essa disparidade no número de conhecedores e falantes da língua, o que, conseqüentemente, reduziu o número de informantes masculinos para nossa pesquisa.

Consideramos importante a discussão das variáveis sexo e escolaridade dentro de uma pesquisa Sociolinguística, já que é possível perceber as marcantes diferenças na fala de homens e mulheres, bem como de pessoas com mais ou menos estudo, pois sabemos que esses fatores definem a variante empregada pelo falante. Entretanto, esclarecemos que, embora citaremos essas variáveis (sexo e escolaridade) durante nossa pesquisa e exposição dos dados, não as utilizaremos como parâmetro de análise, já que não obtivemos números representativos e padronizados para tais comparações.

Em relação à faixa etária, dividimos em três grupos de idades diferentes, sendo:

- a) Abaixo de 45 anos: 8 informantes
- b) Entre 46 e 65 anos: 8 informantes
- c) Acima de 66 anos: 8 informantes

Por meio dessa divisão etária, buscaremos compreender se ocorre e, se sim, de que maneira ocorre a manutenção ou o abandono da língua italiana por parte dos descendentes de italianos moradores do Pinho de Baixo.

Apresentaremos na tabela abaixo a lista com o número de identificação e os dados mais relevantes dos informantes, para que durante a análise o leitor que tiver interesse possa consultar o perfil dos entrevistados.

Tabela 1: Dados básicos dos informantes

Informantes	Escolaridade	Profissão/ Ocupação	Idade	Sexo	Etnia
Informante 1	E. F. incompleto	Agricultora	60	F	Italiana
Informante 2	E. F. incompleto	Agricultora	59	F	Italiana
Informante 3	E. F. incompleto	Agricultora	90	F	Italiana
Informante 4	E. F. incompleto	Agricultora	75	F	Italiana
Informante 5	E. F. incompleto	Do lar	68	F	Italiana
Informante 6	E. F. incompleto	Agricultor	74	M	Italiana
Informante 7	E. F. incompleto	Agricultor	59	M	Italiana
Informante 8	E. F. incompleto	Agricultor	57	M	Italiana
Informante 9	E. F. incompleto	Agricultor	64	M	Italiana
Informante 10	E. F. incompleto	Agricultor	86	M	Italiana
Informante 11	E. F. incompleto	Agricultora/ costureira	90	F	Italiana
Informante 12	E. F. incompleto	Agricultor	76	M	Italiana
Informante 13	E. F. incompleto	Do lar	77	F	Italiana
Informante 14	E. F. completo	Agricultora	63	F	Italiana
Informante 15	E. F. completo	Aposentada	65	F	Italiana
Informante 16	E. M.	Agricultora	38	F	Italiana
Informante 17	E. M.	Autônoma	31	F	Italiana
Informante 18	E. M.	Agricultora	55	F	Italiana
Informante 19	E. S.	Do lar	29	F	Italiana
Informante 20	E. S.	Professora	32	F	Italiana
Informante 21	E. S.	Estudante	22	F	Italiana
Informante 22	E. S.	Analista comercial	25	F	Italiana
Informante 23	E. S.	Professora	45	F	Italiana/ polonês
Informante 24	E. S.	Agricultora	28	F	Italiana

Como podemos ver na tabela acima, o que também já foi mencionado anteriormente, nossos informantes consistem em dezoito mulheres e seis homens, sendo

que a maioria dos entrevistados possui mais de 46 anos. Apesar de grande parte se declarar como agricultor há ainda as profissões de costureira, professora e analista comercial. Esse é o perfil majoritário do nosso *corpus*.

4.3 COLETA DE DADOS

A coleta de dados para esta pesquisa se deu a partir de entrevistas orais realizadas com vinte e quatro informantes, realizadas em 2016, na localidade de Pinho de Baixo, interior de Irati/PR.

Essas entrevistas foram compostas de dois momentos: inicialmente, os entrevistados preencheram uma ficha social com dados pessoais, como nome, idade, escolaridade, relações com a língua italiana, crenças e atitudes linguísticas (Anexo 1). No segundo momento, fizemos 42 perguntas envolvendo a cultura e a língua italiana, enfocando também no Museu, no Grupo Folclórico Italiano e na Festa da Polenta, bens muito caros à comunidade. É importante dizer, porém, que não analisaremos todas as questões, selecionamos apenas as que já estão inseridas na análise de dados.

Ao fim das entrevistas, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a divulgação dos resultados da pesquisa (Anexo 2). A duração média das entrevistas foi de 20 minutos e todas foram gravadas em gravador digital para análise posterior.

Dentre as perguntas de crenças e atitudes linguísticas respondidas na ficha social estão:

Tabela 2: Questões respondidas na ficha social

01	Mora no Pinho de Baixo desde que nasceu? Se não, quando veio para essa localidade?
02	Já morou na cidade de Irati ou em outra cidade?
03	Fala quantas línguas?
04	Qual é sua língua materna?
05	Você conhece a origem do seu sobrenome italiano?
06	Que língua fala com os avós, com os irmãos, com os pais, com os filhos, com os amigos, com o marido/esposa/namorado(a)?
07	Locais em que usa a língua italiana? (família, trabalho, escola, igreja, festas da comunidade, curso de dança italiana)
08	Qual o nível de conhecimento da língua italiana? (só entende; entende e fala; entende, fala e escreve).
09	Você conhece a língua padrão falada na Itália?
10	Você gosta de falar/ouvir italiano?
11	Quando você era criança, seu pais falavam com você em dialeto italiano, português ou outra língua?
12	Você aprendeu a rezar em italiano?
13	Ainda reza em italiano hoje em dia?
14	Você gostaria que seus filhos/netos falassem em italiano?
15	Você se considera mais italiano ou mais brasileiro?

Reiteramos que a ficha social com todas as perguntas está inserida como anexo 1.

Para facilitar a visualização das perguntas da ficha social na análise dos dados, numeramos as questões acima e destacamos em negrito as que serão discutidas aqui no trabalho. Devido ao tempo que dispúnhamos para o trabalho, bem como o grau de relevância nas respostas, optamos por estudar apenas oito das quinze perguntas expostas acima, e selecionamos as que apresentaram respostas mais interessantes para a pesquisa.

Junto ao título das tabelas, haverá a seguinte sigla: FS – P1, significando Ficha Social – Pergunta 1, 2, 3 e assim sucessivamente, indicando qual pergunta da ficha é aquela que está sendo analisada.

As questões utilizadas para a entrevista foram as seguintes:

Tabela 3: Questões utilizadas nas entrevistas

Nº da questão	Pergunta
01	Você fala em italiano em alguma situação comunicativa do seu dia a dia?
02	Como você acha que falam os moradores aqui da comunidade?
03	Você percebe alguma diferença na fala aqui da comunidade em relação à fala da cidade de Irati? Comente.
04	Você acha que os moradores aqui do Pinho de Baixo falam melhor ou pior do que os falantes de Irati? Por quê?
05	Quais são as diferenças na fala dos moradores aqui da comunidade em relação aos falantes de Irati?
06	Você acha que os jovens da comunidade falam de forma diferente ou igual aos mais velhos? Isso é bom ou ruim?
07	Você percebe alguma diferença na fala dos jovens que foram estudar na cidade? Qual?
08	Os homens e as mulheres da comunidade falam da mesma forma? Quem fala melhor?
09	Você conhece a fala dos italianos das comunidades Papanduva, Pinho de Cima e Caratuva? Percebe alguma diferença entre a fala desses lugares e a daqui?
10	Tem algum tipo de falar que você acha feio ou esquisito? Qual?
11	Você prefere a sua forma de falar ou a dos alemães, poloneses e ucranianos das comunidades vizinhas? (Bela Vista, Lontrão, Arroio Grande, e Barro Preto?) Por quê?
12	Você acha que a fala de uma pessoa representa quem ela é? Como?

13	Você acha que é possível que alguém te reconheça em outro lugar somente por meio do teu dialeto/sotaque? Por quê?
14	O que você acha das pessoas que dizem que os moradores do interior falam de forma “caipira”?
15	Você sente ou já sentiu vergonha em conversar com alguém por causa da tua forma de falar?
16	Você já tentou falar de forma monitorada com alguém? Em que situação?
17	Na sua opinião, os falantes do Pinho de Baixo falam certo ou errado? Por quê?
18	A fala do Pinho de Baixo é igual a dos apresentadores do Paraná TV?
19	A fala do Pinho de Baixo é uma mistura de português e italiano?
20	A Língua Portuguesa é fácil ou difícil? Você conhece perfeitamente a Língua Portuguesa?
21	O que é mais importante para uma língua: falar certo ou conseguir se comunicar?
22	A língua italiana falada no Brasil é bonita ou feia?
23	Você é descendente de imigrantes de qual região da Itália?
24	Você conhece os dialetos falados na Itália?
25	Você conhece os dialetos de outras comunidades que falam italiano? Quais?
26	Você acha que a língua italiana está desaparecendo no Pinho de Baixo? Por quê?
27	Você acha importante que tivesse curso de língua italiana aqui no Pinho de Baixo? Por quê?
28	O que você acha da manutenção do museu e do grupo de danças italianas aqui no Pinho de Baixo? Eles são importantes? Por quê?
29	Como foi o processo de construção do museu aqui do Pinho?
30	Você ouviu falar que durante a Segunda Guerra Mundial era proibido falar em italiano no Brasil? Conhece alguma história dessa

	época envolvendo amigos ou familiares? Você acha que este fato interferiu no aprendizado do italiano?
31	Você considera importante que os ritos religiosos resgatem o dialeto italiano para que ele continue sendo falado?
32	Na sua opinião, a língua italiana deveria ser estudada nas escolas? Por quê?
33	Quais expressões você acha mais carinhosas em italiano?
34	Em relações amorosas, você acha mais carinhosa a língua portuguesa ou a língua italiana? Por quê?
35	Quando você tropeça em uma pedra ou alguma coisa dá errado, em que língua você xinga? Quais xingamentos você conhece em italiano?
36	Se você fosse morar na cidade, compraria uma casa onde só houvesse poloneses e ucranianos? Por quê?
37	Você moraria em um lugar onde só houvesse italianos? Por quê?
38	Você faria negócios com poloneses, ucranianos ou alemães? Por quê?
39	Antigamente as missas eram realizadas em italiano aqui na comunidade? Como é hoje?
40	Entre as línguas italiana, portuguesa, polonesa e ucraniana, qual você considera mais bonita?
41	Você ouve músicas típicas e participa de festejos voltados à cultura italiana? Esses elementos contribuem para a manutenção da língua?
42	Você se considera mais brasileiro ou mais italiano? Por quê?

É importante destacar que grande parte das questões acima foram adaptadas e/ou elaboradas a partir das questões de pesquisa desenvolvidas por Balthazar (2016).

Da mesma forma que com as questões da ficha social, as perguntas da entrevista foram numeradas e aquelas que serão estudadas na análise estão destacadas em negrito. Assim como anteriormente já mencionamos, considerando o tempo que tínhamos para

concluir a pesquisa e as respostas apresentadas pelos nossos informantes, das quarenta e duas perguntas listadas acima somente trinta serão analisadas. Ao lado do nome das tabelas expostas na análise dos dados, ficará evidente a seguinte sigla: Q – P1, representando Questionário – Pergunta 1, 2, 3, sucessivamente. As tabelas apresentadas indicarão o total de informantes para cada faixa etária de acordo com a opção que melhor se encaixou na resposta deles em cada uma das perguntas e as tabelas com os números correspondentes a todos os informantes para cada opção de resposta estão anexadas como anexo 3.

Durante as entrevistas, pudemos observar que todos os informantes se mostraram dispostos e interessados em participar da pesquisa, o que fez com que muitos se emocionassem ao lembrar os tempos antigos e se sentissem a vontade para contar histórias e reviver experiências. Assim, foi possível trazer para os entrevistados um momento de reflexão e saudosismo, comprovando que a Sociolinguística trabalha, antes de tudo, com o humano, com a sensibilidade e influência do outro na nossa identidade, no nosso comportamento e nas nossas vivências.

Agora, avançaremos para a análise dos dados coletados por meio da ficha social e das entrevistas, buscando entender o ponto de vista que os informantes têm acerca da sua língua e como reagem a ela. Os dados estatísticos serão apresentados em tabelas, especificando a faixa etária dos informantes, e as respostas dos entrevistados escolhidas para exemplificar os resultados serão exibidas em forma de citação direta, transcritas exatamente da forma como os informantes falaram.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS DADOS

Quando falamos, estamos indo muito além da transmissão de uma mensagem. Brandão (1991) declara que ao falarmos deixamos transparecer várias características da nossa identidade, o que oferece condições para que nosso interlocutor nos filie em determinado grupo social. De acordo com a autora,

A entonação, a pronúncia, a escolha vocabular, a preferência por determinadas construções frasais, os mecanismos morfológicos que lhe são peculiares podem servir de índices que identifiquem: o país ou a região de que se origina; o grupo social de que faz parte (seu grau de instrução, sua faixa etária, seu nível socioeconômico, sua atividade profissional); e a situação (formal ou informal) em que se encontra (BRANDÃO, 1991, p. 6).

Ao analisarmos os dados coletados em nossa pesquisa, veremos de que forma a fala deixa transparecer essas características tão peculiares de cada falante. Apoderando-se das palavras de Saussure (2006, p. 29), ao afirmar que “os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação”, observaremos as implicações da cultura italiana em uma comunidade construída e habitada por descendentes de imigrantes italianos. Se para o autor a língua é um documento histórico, veremos quais traços podem caracterizar os usuários dessa língua.

A análise dos dados foi feita qualitativa e quantitativamente. No primeiro momento, ouvimos todas as entrevistas gravadas e fizemos o levantamento inicial dos dados. Em tabelas, fomos organizando os números dos entrevistados e preenchendo os campos em que cada informante dava sua resposta.

Posteriormente, em uma próxima escuta, retiramos os excertos das entrevistas que achamos relevantes para o trabalho. Embora árdua, essa etapa do trabalho foi a mais interessante, pois foi possível observar detalhes que não tinham sido percebidos durante as entrevistas.

Após a computação dos dados, feita no programa informático Excel, passamos a montar as tabelas definitivas, dividindo-as de acordo com as faixas etárias analisadas:

abaixo de 45 anos; entre 46 e 65 anos; e acima de 66 anos, como será apresentado a seguir.

5.1 ANÁLISE DAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Como já especificado na metodologia, antes de iniciarmos a entrevista, os informantes preenchem uma ficha social com algumas informações pessoais e com questões voltadas para crenças e atitudes linguísticas. Apresentaremos agora algumas das questões dessa ficha e as respostas dadas pelos informantes.

Uma das perguntas que os entrevistados respondiam na ficha social era “Quais línguas você fala”? Na tabela abaixo, podemos ver o que eles responderam.

Tabela 4: Relação de línguas faladas pelos informantes (FS – P3)

Informantes	Português	Italiano	Outras (inglês)
Abaixo de 45 anos	8	2	2
Entre 46 e 65 anos	8	5	
Acima de 66 anos	8	4	
Total:	24	11	2

Como podemos perceber, todos os informantes declararam falar apenas português, enquanto onze disseram que também falam italiano. Dois informantes afirmaram conhecer outras línguas além do português e, destes, nenhum fala italiano.

Fica evidente nessa tabela que há pouca diferença no emprego da língua italiana pelos informantes com idades entre 46 e 65 anos e acima de 66 anos. Dos 11 informantes que declaram falar a língua, apenas 2 pertencem ao grupo dos mais jovens, o que indica que há grandes chances de a língua italiana falada na região desaparecer gradativamente.

Na busca por conhecer o vernáculo de cada entrevistado, perguntamos qual é a língua materna deles:

Tabela 5: Língua materna dos falantes (FS – P4)

Informantes	Língua portuguesa	Língua italiana
Abaixo de 45 anos	8	0
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos	5	3
Total:	18	6

Como se vê na tabela acima, seis informantes têm a língua italiana como língua materna, e todos eles pertencem às faixas etárias mais velhas. Já os falantes com menos de 45 anos, massivamente, têm o português como língua materna. Por meio desse dado é possível observar a importância do convívio com indivíduos que falam determinada língua para dela os demais sujeitos se apropriem. Aqueles que têm a língua italiana como materna assim o são porque em casa seus pais e avós só falavam em italiano:

Nossa, aquele tempo nós ia na escola bem... lá por nove ano... então eu comecei na aula mas eu não sabia falar em português, judiação, nós sabia só em italiano, que pecado... como eu tinha muita colega, tudo boa, as minha colega era tudo negrada, mas me queriam muito bem e eu queria elas, eu aprendia com elas falá em português (Informante 3, feminino, 90 anos).

Com menos de sete ano, no primeiro dia que fui na aula não se entendemo nada... a professora me falava uma coisa e eu respondia... só que eu entendia, mas eu em português não sabia falá (Informante 12, masculino, 76 anos).

Os outros informantes contaram que ou o pai e a mãe só falavam em italiano entre eles, ou nem isso. Portanto, tiveram o primeiro contato com a língua portuguesa.

Meus pais falavam em italiano, mas me ensinaram a falá em português (Informante 8, masculino, 57 anos).

Minha mãe me ensinava misturada as palavra, mais me ensinava mais o português (Informante 4, feminino, 75 anos).

Alguns relatos feitos pelos informantes mais velhos denunciaram os maus tratos e o preconceito que os italianos sofriam quando chegaram no Brasil. Durante o período da ditadura militar, Getúlio Vargas instaurou a campanha de nacionalização, que tinha como principal objetivo integrar os estrangeiros à cultura brasileira. Para isso, os

imigrantes e seus descendentes tinham que submeter a uma série de regras. Segundo Mombach (2012), somente professores brasileiros natos poderiam dar aulas, e tudo em português, e o ensino de línguas estrangeiras era proibido. Com o passar do tempo, as leis proibiam que se falasse em língua estrangeira em público, o que acarretou o fechamento de estabelecimentos e até mesmo de igrejas que realizavam cultos em língua materna.

Aqueles que insistiam em falar na língua materna podiam ser presos, acusados de serem resistentes à integração nacional, por isso tratavam de aprender o português o quanto antes para evitar problemas. Mesmo com essa perseguição, em casa as crianças sempre ouviam os pais falando algumas palavras em italiano, o que fez com que os pequenos aprendessem a amar a língua da sua história.

A pergunta seguinte era “Você conhece a origem do seu sobrenome italiano”? Nessa pergunta, pudemos ver que há muitos dados desconhecidos em relação à origem dos imigrantes que vieram para o Brasil, principalmente acerca da localização exata deles na Itália.

Tabela 6: Informantes que conhecem a origem do seu sobrenome italiano (FS – P5)

Informantes	Conhecem	Não conhecem
Abaixo de 45 anos	3	5
Entre 46 e 65 anos	3	5
Acima de 66 anos	4	4
Total:	10	14

Como dito anteriormente, muitos dos entrevistados não sabem precisar ao certo de que região da Itália seus antepassados vieram e, embora a maioria afirme que vieram do Vêneto, poucos têm certeza absoluta disso. Por isso, a maior parte não sabe afirmar ao certo qual é a origem do seu sobrenome.

A pergunta seguinte consistia em “Qual é seu nível de conhecimento da língua italiana”? Devido às opções, as respostas ficaram bem desproporcionais.

Tabela 7: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana (FS – P8)

Informantes	Só entende	Entende e fala	Entende, fala e escreve
Menos de 45 anos	5	2	1
Entre 46 e 65 anos	4	2	2
Acima de 66 anos	5	3	
Total:	14	7	3

14 entrevistados, ou seja, a maioria dos participantes da pesquisa diz que apenas entende a língua italiana, ou seja, se alguém conversar com ele nessa língua ele compreenderá a mensagem, mas não saberá responder na mesma língua. Já os outros 7 entrevistados, uma parcela menor, declara entender e falar a língua, sendo capaz de dialogar com demais falantes da comunidade em italiano. Por fim, apenas 3 informantes afirmam entender, falar e escrever em italiano.

Vale ressaltar que destes três informantes, dois são pessoas que têm a língua italiana como língua materna e só aprenderam o português quando foram à escola e um deles aprendeu a língua no curso de italiano ofertado na comunidade. Um dado curioso é que nenhum informante acima de 66 anos sabe escrever em italiano, o que reforça a tese de que os dialetos italianos são transmitidos apenas na oralidade.

Os entrevistados também responderam se conhecem a língua padrão falada na Itália.

Tabela 8: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana falada na Itália (FS – P9)

Informantes	Conhecem	Não conhecem
Abaixo de 45 anos	3	5
Entre 46 e 65 anos	2	6
Acima de 66 anos	5	3
Total:	10	14

É possível observar que quase a metade dos informantes, principalmente os com mais de 66 anos, afirma conhecer a língua falada na Itália. No entanto, o número de descendentes que desconhecem a língua ainda é maior. Muitos dos entrevistados afirmaram que na Itália não existe apenas uma língua e sim várias, sendo que cada região fala de um jeito, então não tem como saber que língua é a padrão. Porém, quando estudamos a história da língua falada na Itália, percebemos que mesmo havendo muitos dialetos falados simultaneamente por várias pessoas do mesmo país, há uma língua padrão que é desconhecida pelos moradores do Pinho de Baixo.

Perguntamos também: “Você aprendeu a rezar em italiano”? Novamente as respostas foram equilibradas.

Tabela 9: Descendentes de imigrantes italianos que aprenderam a rezar em italiano (FS – P12)

Informantes	Aprendeu	Não aprendeu
Abaixo de 45 anos	6	2
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos	4	4
Total:	15	9

É curioso perceber que o número de entrevistados que declarou ter aprendido rezar em italiano foi diminuindo conforme a faixa etária foi aumentando. Dos 8 informantes abaixo de 45 anos, 6 têm conhecimento das orações na língua materna dos avós e mantém esse hábito, repassando, inclusive, para os filhos. Este é um forte indício de que os jovens estão mais ativos no uso e na preservação da língua italiana. Os entrevistados na faixa etária mediana também apresentam esse conhecimento. Surpreendentemente, dos 8 entrevistados com mais de 65 anos, apenas 4 declararam saber rezar em italiano, porém, já esqueceram as rezas completas porque faz tempo que não rezam.

Uma das informantes contou como foi difícil fazer a primeira comunhão, pois ela não sabia rezar em português e, como o padre era polonês, ele não entendia nada do que ela dizia:

aprendi, mas daí me esqueci... não rezo mais, rezava Pai Nosso, Ave Maria, agora me esqueci. Aprendi com a minha mãe, sabe, daí comecei ir no catecismo com os polaco, daí esqueci de falá em italiano. (Na catequese) era tudo em português, eu aprendi o catecismo pra fazer primera comunhão em italiano com a minha mãe e a minha tia (...) e fomo fazê a primera comunhão mas nosso padre era polaco daí ele não entendeu e disse que tinha que ser em português, daí tivemos que fazer a primeira comunhão com catorze ano (Informante 3, feminino, 90 anos).

Alguns dos informantes que declararam ter aprendido a rezar em italiano afirmaram que não só sabem rezar como ensinam seus filhos e netos para que na posteridade eles preservem a cultura italiana viva na comunidade e no nosso estado.

Após perguntamos quem aprendeu a rezar em italiano, questionamos quem ainda reza. As respostas nos deixaram intrigados, já que esperávamos uma atitude mais ativa pela manutenção da língua por parte dos informantes.

Tabela 10: Descendentes que rezam em italiano (FS – P13)

Informantes	Reza	Não reza
Abaixo de 45 anos	4	4
Entre 46 e 65 anos	3	5
Acima de 66 anos	1	7
Total:	8	16

Apenas 8 das 14 pessoas que aprenderam a rezar em italiano ainda mantêm esse hábito, 6 já deixaram pelo caminho essa parte da cultura italiana. Considerando a grande ligação que todos da comunidade têm com a igreja e as atividades religiosas, era de se esperar que uma parcela bem mais significativa dos informantes declarasse conhecer e praticar as rezas em italiano.

Quando perguntamos se “você se sente mais brasileiro ou italiano”? tivemos diferentes reações, como podemos perceber na tabela e nos excertos abaixo, retirados enquanto os informantes preenchiam a ficha.

Tabela 11: Identificação dos informantes como brasileiros ou italianos (FS – P15)

Informantes	Brasileiro	Italiano	Meio a meio
Abaixo de 45 anos	4	3	1
Entre 46 e 65 anos	6	1	1
Acima de 66 anos	4	2	2
Total:	14	6	5

Consoante os dados que a tabela 11 nos mostra, vejamos agora o que os entrevistados dizem sobre esse assunto:

Eu acho que mais italiana... não posso dizer italiana porque samo proibido, né? Quem mora aqui samo brasileira por causa de tá no Brasil, né? Então, até esses tempo era proibido falá que eu era italiana, na escola a professora fazia pergunta dizia que era português, não podia dizê italiana (...) era fino (Informante 3, feminino, 90 anos)

Mais italiana, eu acho... mais italiana porque a gente tem um jeito de viver bem diferente do brasileiro... (Informante 22, feminino, 25 anos)

A gente é descendente, né? (...) o noninho com a noninha vieram da Itália, eles que vieram abrindo caminho, abrindo mata, então a gente tem que se considerá italiano, mas é Brasil, né, gente?... eu não sei, a gente fica assim, meio a meio... né, porque, misturou, não tem tamém como dizê eu sou italiana, claro, eu sou descendente de italiana, mas eu tô no Brasil. (Informante 2, feminino, 59 anos)

Vemos aqui que é muito forte a relação de identidade que os falantes têm com seus antepassados, mas não podemos deixar de observar o quanto eles se sentem brasileiros. Em todas as faixas etárias há predomínio dessa identificação. Um fato curioso é que se eles não dominam a língua italiana, acabam se sentindo menos italianos e mais brasileiros.

Agora, passamos para as perguntas da entrevista. A primeira delas era: “Você fala em italiano em alguma situação comunicativa do dia a dia”? As respostas foram as seguintes:

Tabela 12: Emprego da língua italiana em situações do dia a dia (Q – P1)

Informantes	Emprega	Não emprega
Abaixo de 45 anos	3	5
Entre 46 e 65 anos	4	4
Acima de 66 anos	4	4
Total:	11	13

Muitos informantes declararam que usam esporadicamente algumas palavras, como nomes de objetos, palavrões, saudações, entre outras. Portanto, consideramos essas declarações como emprego da língua, já que esses termos vão sendo passados de geração à geração. Estas são algumas das respostas que consideramos mais relevantes:

Alguma palavra eu falo (...) converso com aquela outra nona (...) mas eu não me entendo ela, porque tem várias língua italiana, ela me falô eu nem sei o que que ela mais falô, ela tem outra orige italiana, porque tem várias língua italiana daí eu não entendo o que ela fala (...) quando tem uma turma de italiano que fala às veiz eu quero escutá mais porque eu gosto. Aqui no Pinho não tem mais ninguém que fala, só talvez bom dia e boa noite que é *buongiorno* e *bounasera*, que me falam e no mais ninguém mais fala. (Informante 3, feminino, 90 anos)

Alguns palavrões e gírias eu falo (Informante 21, feminino, 23 anos)

Quando era criança falava só em italiano, né? Porque não sabia... aprendi a falá em brasileiro quando entrei na escola com sete ano, agora não sei mais... (Informante 13, feminino, 77 anos)

Só no curso eu falava bastante com os companheiro de sala, né? Lá eu falava bastante, mas no dia a dia não falo mais. (Informante 17, feminino, 31 anos)

Ah, eu falo, eu falo pra abrir a porta, pra dizer bom dia, pra dizer boa noite (...) mesmo sem perceber a gente fala. (Informante 19, feminino, 29 anos)

Os falantes mais velhos, a partir de 45 anos, são os que mais falam em italiano, já que em algumas situações xingam e se referem a pessoas e objetos usando o dialeto. De acordo com as declarações dadas em outros momentos, os informantes que falam em italiano eventualmente o fazem com pessoas próximas e que vivem na mesma casa, ou em contextos específicos, como em festas típicas ou quando conversam com parentes e conhecidos mais velhos e que moram mais longe.

Novamente, percebemos que pelo empenho que os falantes têm em manter a língua ativa, o número de entrevistados que afirmaram falar em italiano é muito pequeno.

Posteriormente, perguntamos aos entrevistados qual era a opinião deles acerca da língua mais falada na comunidade. Devido ao fato de 11 informantes declararem falar em italiano, instigou-nos saber se eles veem a língua italiana como a mais falada. Os dados, no entanto, nos mostraram outro resultado.

Tabela 13: Língua mais falada no Pinho de Baixo de acordo com os informantes(Q – P2)

Informantes	Português	Italiano	Meio a meio
Abaixo de 45 anos	6	1	1
Entre 46 e 65 anos	5		3
Acima de 66 anos	8		
Total:	19	1	4

A tabela 13 nos mostra que praticamente todos os informantes veem a língua portuguesa como predominante na comunidade. Apenas um deles acredita que o italiano é mais falado. De acordo com os informantes,

Foi deixado um pouco o dialeto, né, tão mais no português mesmo. A gente até tinha um pouco de vergonha de falar em italiano, se sentia envergonhado e agora que a gente nota, vê o quanto era importante que a gente tivesse cultivado a língua (Informante 1, feminino, 60 anos).

É a maioria em português, e o dialeto é pouco diferente desse antigo, do que a gente tá aprendendo agora (Informante 15, feminino, 65 anos).

Hoje em dia se fala pouco em italiano, é mais em português... é como eu te falei já hoje, se tem pessoa de outra raça de gente fica ruim a gente falá em italiano porque eles não vão entender e vão pensar que a gente tá falando mal deles ou alguma coisa parecida com isso (Informante 7, masculino, 59 anos).

Outros quatro informantes afirmaram que a língua falada no Pinho de Baixo é mista, já que há uma mistura muito grande de palavras e expressões italianas e portuguesas faladas pelos moradores. Para estes informantes,

Quem sabe falá em italiano eles se comunicam com os que falam em italiano (Informante 18, feminino, 55 anos).

Não é totalmente certo, mas é falado (em italiano) (Informante 21, feminino, 22 anos).

Dialeto. Quem é descendente de italiano fala dialeto... porque a língua italiana mesmo... não é muito fácil... é diferente (Informante 16, feminino, 38 anos).

Podemos perceber nos excertos acima que muitas pessoas se preocupam em “falar certo” a língua italiana. O dialeto vêneto, possivelmente falado pelos seus

antepassados na Itália, foi se transformando com o passar do tempo. Essa metamorfose é definida por Frosi e Mioranza (1975 *apud* Balthazar, 2016) como koiné, ou seja, uma mistura dos dialetos vênéticos mais falados em regiões com maior influência lombarda. Dessa mescla resultou um dialeto diferente, que passou a ser desconhecido pelos descendentes de italianos do Pinho de Baixo.

Com o distanciamento gradativo dos falantes em relação à sua língua devido à imersão na língua portuguesa, alguns deles consideram que a língua falada no Pinho de Baixo não é a língua “certa”, a língua falada na Itália, e acham que esta é muito difícil de ser aprendida.

Uma questão muito recorrente na televisão, nas escolas e nas relações sociais em geral, é a das diferenças na fala dos moradores do interior em relação aos da cidade. Muitas pessoas que vivem em zonas rurais como o Pinho de Baixo sentem-se envergonhadas ou desprezadas por pronunciarem palavras de forma foneticamente diferente ou fazerem uso de palavras, termos e expressões que não são comuns nas cidades. Nessa questão, perguntamos aos entrevistados se eles percebem essas diferenças nas falas da cidade de Irati e da comunidade estudada. As respostas foram bem discrepantes:

Tabela 14: Percepção das diferenças na fala do interior em relação à cidade de Irati (Q – P3)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	6	2
Acima de 66 anos	4	4
Total:	17	7

Considerando as faixas etárias, todos os informantes mais jovens, ou seja, com menos de 45 anos, dizem perceber as diferenças entre a fala do interior e a da zona urbana. Já entre os mais velhos, a percepção dessas diferenças é menor: entre 46 a 65

anos, 3 informantes dizem não perceber diferenças, ao passo que os com mais de 66 anos, 4 fazem e 4 não fazem distinção entre esses falares.

Para os moradores da comunidade:

Tem diferença, cada um tem a sua diferença, né, porque eu acho que os que moram na cidade, os que estudam, eles pegam uma maneira diferente de falá e nós como nascemos aqui na lavoura, como já diz caipira, caipira no bom sentido, né, porque hoje em dia a gente só não aprende porque não qué, né, mas tem muita coisa ainda que a gente fala, vamo dizê, ainda errado, não sei se é errado, mais é do jeito que nós nascemo e desse jeito que nós aprendimo e é desse jeito que nós vamos ficá, né, não vai te como mudá... é claro que a gente tem que corrigi muita coisa, né, também não dá pra ficá aí dando feio, mas tem muita diferença sim (Informante 2, feminino, 59 anos).

Tem alguma diferencinha por causa dos interesse deles, né? (...) o nosso jeito aqui é mais português, que na cidade eles são mais gramático um pouco, na língua, né? Mais estudo, não de gramático, a pessoa que tem mais estudo tem a língua mais desenvolvida, né? (Informante 10, masculino, 86 anos).

É claro, né? Porque a gente fala mais assim, mais caipira né? E a cidade já é diferente, né? A gente acostumou falar assim... atorando as palavra (...) mas se for preciso falá a gente sabe falá, né? Não que a gente não saiba, é que a gente acostumou assim, né? (Informante 13, feminino, 77 anos).

É sempre tem uma diferença, né? Assim, aqui no Pinho são tudo mais simples e na cidade já falam mais corretamente (Informante 17, feminino, 31 anos).

Ah, o pessoal do interior ele fala mais chucrão, né? Eu já sofri muito *bullying* por causa do meu jeito de falá (Informante 19, feminino, 29 anos).

Eu acho que existe sim, não só pra cidade, mas existe... a fala em si, o idioma, a todo momento, né? os meus alunos que vêm de uma comunidade que pode ser tão perto, mas eles têm outra maneira de vivê, eles têm outra maneira de falá e outra maneira de escrevê, então pra gente isso é muito gratificante, porque além de você ensiná você aprende (Informante 20, feminino, 32 anos).

Mais é... o pessoal aqui fala mais errado o português, mais o da cidade é mais certinho, mais o sotaque é a mesma coisa (Informante 24, feminino, 28 anos)

Conforme se pode ver, novamente o “falar certo ou errado” volta à baila, reforçando a ideia de preconceito linguístico.

Aproveitando a questão sobre as diferenças entre a fala da cidade e do interior, perguntamos aos informantes: “Você acha que os moradores do Pinho falam melhor ou pior que os de Irati”? As respostas foram praticamente unânimes: não há superioridade nas formas de falar!

Tabela 15: Juízo de valor sobre a língua falada no Pinho em relação a Irati (Q – P4)

Informantes	Moradores do Pinho de Baixo falam melhor	Moradores de Irati falam melhor	Não há superioridade nas formas de falar
Abaixo de 45 anos	1	1	6
Entre 46 e 65 anos	1		7
Acima de 66 anos	1	2	5
Total:	3	3	18

Os informantes que acreditam ter um falar superior ao outro disseram que:

O pessoal do Pinho fala bem, é bem declarado, né? Se você for pra cidade vc percebe que tem muitas raça de gente que fala muito ligero, ou engole palavras assim, eu acho que o pessoal do Pinho é mais declarado sim, pelo menos pra entendê é melhor (Informante 7, masculino, 59 anos).

Um pouquinho pior aqui (Informante 24, feminino, 28 anos).

Já os demais informantes fizeram considerações importantes, das quais selecionamos três: (i) a facilidade de acesso à cidade, propiciada pela pavimentação das estradas e mecanização dos meios de transporte, permite que os moradores da comunidade conheçam e falem o “português correto” que é falado na cidade; (ii) com o passar do tempo, foi se deixando de lado o falar caipira, como se a fala dos colonos tivesse “evoluído”; (iii) não é o jeito de falar que importa, mas sim que a forma de comunicação seja eficiente, permitindo que o interlocutor entenda a mensagem.

Vejamos os excertos:

Aqui agora por ser perto da cidade, todos já tão falando o português quase correto (Informante 1, feminino, 60 anos).

Não, não, isso já foi, já era... tinha tempo que falar carça, carçada, descarço, agora não, cabô-se, não existe mais esse caipirêis, já foi, já morreu (Informante 16, feminino, 38 anos).

Eu acho que na medida de cada um falá e pode se comunicá eu acho que já tá bom, porque o que importa não é o modo da gente falá, mas que a gente se entenda um co outro (Informante 18, feminino, 55 anos).

Ainda acerca das semelhanças e diferenças na linguagem dos falantes, questionamos se os jovens da comunidade empregam a língua da mesma forma que os mais velhos. A pergunta era a seguinte: “Você acha que os jovens da comunidade falam de forma diferente ou igual aos mais velhos”? Vamos ver as respostas:

Tabela 16: O falar dos jovens em relação ao dos mais velhos (Q – P6)

Informantes	É igual	É diferente
Abaixo de 45 anos	1	7
Entre 46 e 65 anos		8
Acima de 66 anos	4	4
Total:	5	19

Aqui, novamente fica visível a grande diferença nas crenças dos mais velhos para os mais jovens. Ao mesmo tempo em que quase todos os informantes abaixo de 65 anos, exceto 1, dizem observar diferenças na maneira que os jovens falam quando comparada aos mais velhos, o grupo de entrevistados com mais de 65 anos fica dividido nas respostas. 4 observam diferenças e 4 não.

Assim, logo se vê que a grande maioria dos entrevistados percebe que os jovens não falam do mesmo jeito que os mais velhos. Os motivos apontados foram maciçamente a escolaridade e o contato com as novas tecnologias. Assim, para eles:

Em certas ocasiões, em certo jeito sim, porque o jovem hoje em dia, como diz, eles nasceram na era da tecnologia, né? hoje em dia tá bem diferente, o progresso aumentou muito essas coisas de celular, de coisarada, então eu acho que eles têm uma maneira diferente de agi, de se manifestá, né, mas nada que seja contra (Informante 2, feminino, 59 anos).

Ah, os jovens já mudou muito, porque a maioria tão estudando e o estudo faz que vá mudando o tipo de falá (Informante 7, masculino, 59 anos).

O jovem, o adolescente tem uma coisa mais diferente de falá... querê falá mais certo, né, os idoso talvez por causa da idade falam um pouco diferente porque acha que é daquele jeito (Informante 21, feminino, 22 anos).

Eu vejo assim mais nas palavra erradas, a gente já percebe que os jovens já tão falando mais correto o português (Informante 23, feminino, 45 anos).

Diferente, até essas gírias dos mais jovens... os mais velhos têm um jeito próprio de falá (Informante 24, feminino, 28 anos).

Observando que o predomínio das respostas para a pergunta anterior é que há diferenças na fala dos jovens para os mais velhos, quisemos saber se é possível perceber mudanças na fala dos jovens que foram estudar na cidade de Irati em relação aos que não foram, já que como a escola da comunidade oferece ensino somente até o 5º ano, os alunos precisam ir até Irati para concluir o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. A tabela abaixo indica que sim, há mudanças na comunicação de quem estuda em Irati:

Tabela 17: Mudanças na fala dos jovens (Q – P7)

Informantes	Sim	Não
Abaixo de 45 anos	6	2
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos	6	2
Total:	17	7

Neste dado, as respostas de todas as faixas etárias foram proporcionalmente iguais e predominou a crença de que os jovens que dão continuidade nos estudos nos colégios de Irati apresentam mudanças no jeito de falar. Não entraremos aqui no mérito do papel da escola na formação do aluno, mas vale ressaltar que nosso trabalho como professores é mostrar para os estudantes que existem vários tipos de falar diferentes daqueles que eles já conhecem e falam em casa.

Atentemos para as declarações dos entrevistados:

A maioria muda, eu acho que muda, porque a cidade é diferente, né? a cidade é um pouco diferente as coisa e muda um pouco (Informante 2, feminino, 59 anos).

Eles falam conforme aprendem lá, né? Porque a gente do interior fala tudo simples, né? Corta letra e tudo, então na escola eles aprende a falá correto (Informante 4, feminino, 75 anos).

Ah, eles mudam, né? Porque pra estudá tem que falá o correto, não pode falá que nem nós caipirada assim (Informante 13, feminino, 77 anos).

Interfere, interfere bastante... é que eu tenho um neto em Maringá, uma em São Paulo e outra em Irati já os três são diferentes no palavreado deles, assim, né? (Informante 14, feminino, 63 anos)

Muda as atitudes... muda a conversa, muda as gíria, muda o comportamento, muda tudo (Informante 16, feminino, 38 anos).

São poucos os que voltam, mas os que vêm sempre mudam a fala (Informante 21, feminino, 22 anos).

Seguindo a perspectiva das diferentes formas de falar, questionamos se nossos entrevistados acham que homens e mulheres falam da mesma forma. As respostas foram surpreendentes, como nos mostra a tabela abaixo:

Tabela 18: Percepção das diferenças entre a fala de homens e mulheres (Q – P8)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença
Abaixo de 45 anos	6	2
Entre 46 e 65 anos	2	6
Acima de 66 anos	1	7
Total:	9	15

Se avaliarmos os dados como um todo, é evidente que a maioria dos informantes não vê diferenças na fala de homens e de mulheres. Mas ao observar a faixa etária dos falantes, o resultado é bem diferente. A maioria dos mais jovens, isto é 6 entrevistados, consegue enxergar que há disparidades na fala dos homens em relação às mulheres. Os mais velhos, por sua vez, apresentam uma percepção menor dessas disparidades, sendo que dos 8 moradores da comunidade com idades entre 46 e 65 anos, somente 2 veem diferenças. Quando verificamos os informantes acima de 66 anos, esse número cai para apenas 1, indicando que a consciência das diferenças na fala de homens e mulheres diminui de acordo com o aumento da faixa etária.

Dentre os vinte e quatro entrevistados, quinze asseveraram que a entonação da voz é o que mais se destaca na fala dos italianos, já que estes têm um jeito peculiar de

falar, mais forte e mais alto que as demais etnias e isso se aplica tanto aos homens quanto às mulheres:

Os descendentes de italiano sempre são... mais assim, falam forte, né?... já é o costume do italiano né?, tanto homem quanto mulher falam forte (Informante 1, feminino, 60 anos).

Conversam sempre na mema cantoria, como diz o causo (Informante 10, masculino, 86 anos).

Ah, tudo os italianos falam mais agitado, mais com as mão (Informante 17, feminino, 37 anos)

Não, só o timbre, o sotaque e o jeito de falá é o mesmo pra tudo mundo (Informante 16, feminino, 38 anos)

Os outros nove entrevistados asseguram que há, sim, disparidades nas falas de homens e mulheres. Para eles:

Eu acho que tem diferença. Mulher é mais dócil pra falá, né... homem às vezes vai meio na... (Informante 2, feminino, 59 anos)

As mulher falam mais braba (Informante 11, feminino, 90 anos)

Pois é, eu acho que os homens já são mais assim, falam mais com as mãos, com os gesto, e as mulheres já não (Informante 18, feminino, 55 anos).

Ah, homem é mais certero, né? Mais direto e a mulher começa a falá mais um pouquinho (Informante 19, feminino, 29 anos).

Os homens, eles têm assim uma linguagem... não só a linguagem, mas a maneira de ser diferente das mulheres... as mulheres são mais recatadas (...) eu vejo muita diferença (Informante 20, feminino, 32 anos).

Falam diferente... é bem diferente (Informante 24, feminino, 28 anos).

Sabendo das relações estabelecidas pelos laços de sangue e de amizade entre os moradores das comunidades de Pinho de Baixo, Pinho de Cima, Caratuva e Papanduva, perguntamos aos informantes se eles percebem alguma diferença na fala dessas pessoas em relação à sua. As respostas ficaram divididas:

Tabela 19: Percepção das diferenças na fala de descendentes de italianos de comunidades vizinhas (Q – P9)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença	Não conhece
Abaixo de 45 anos	4	2	2
Entre 46 e 65 anos	6	2	
Acima de 66 anos	1	6	1
Total:	11	10	3

Se observarmos a tabela acima, podemos ver que onze informantes percebem que há diferença na fala dos moradores do Pinho em relação às outras localidades. Destes, apenas 1 pertence a faixa etária mais de 66 anos. Esse é um indício de que os mais jovens estão mais propensos a conceber a diversidade de falares devido à interação com outros sujeitos, inclusive por meio das redes sociais:

Eu acho que cada comunidade, cada um tem o seu jeito, né? Não vô dizê que seja igual, né, mas cada um tem seu jeito de falá (Informante 2, feminino, 59 anos).

Cada comunidade tem um jeito de falar diferente (Informante 7, masculino, 59 anos).

Eles falam mais italiano do que nós (Informante 9, masculino, 64 anos).

Sim, até por que tem polacos e italianos (...) teve uma junção, misturou tudo (Informante 21, feminino, 22 anos).

Outros dez informantes dizem não ver diferença nenhuma no jeito de falar dessas comunidades. Para estes, todos falam da mesma forma:

Eu acho que é igual... é só eles for descendente de polaco que dizem, ou alemão, eles mudam um pouco o sotaque, mais não é muito (Informante 15, feminino, 65 anos).

Sempre tem algum sotaque diferente, alguma palavra diferente que eles têm o costume de falá e nós não tem (Informante 18, feminino, 55 anos).

Lá tem gente mais simples, né? Com mais dificuldade pra se expressar, mais é a mesma coisa daqui (Informante 12, masculinos, 76 anos).

Para conhecer as atitudes linguísticas negativas dos habitantes do Pinho de Baixo, fizemos o seguinte questionamento: “Tem algum tipo de falar que você acha feio ou esquisito”? A faixa etária não significou diferença alguma nas respostas:

Tabela 20: Consideração de que há falares feios ou esquisitos (Q – P10)

Informantes	Há falares feios	Não há falares feios
Abaixo de 45 anos	2	6
Entre 46 e 65 anos	2	6
Acima de 66 anos	2	6
Total:	6	18

Reparando na tabela acima, vemos que os informantes que não acreditam que hajam falares feios são maior número. No entanto, destacamos a declaração de uma agricultora, 38 anos, Ensino Médio, acerca do falar que considera engraçado: “Ah, o polonês, né? Que falta *r*, nós puxamos bem o *r*, né? E tem raça que puxa menos... é bobagem mais é engraçado” (Informante 16).

Os outros informantes, por sua vez, revelaram que consideram feios apenas palavrões e palavras agressivas ou de mau gosto. Segundo eles, todas as formas de falar devem ser respeitadas. Averiguemos:

Uma coisa que eu acho feio é algum palavrão que as pessoa fala em italiano pensando que os outros não entende (Informante 18, feminino, 55 anos).

Feio só palavrão (Informante 20, feminino, 32 anos).

Não, eu admiro todos. Eu me criei aqui com descendentes de, de bugre, que eram nossos funcionários, e eu gostava de ouvi as histórias deles (Informante 1, feminino, 60 anos) .

Eu acho que cada um tem seu jeito de falá e tem que respeitá todos né? (Informante 23, feminino, 45 anos)

Quando falam em bugres, os informantes se referem aos brasileiros que, com a passagem dos tropeiros, se instalaram no Pinho de Baixo dando início no povoado e permanecem lá até hoje.

Outro questionamento que fizemos aos informantes foi se eles acreditam que o jeito de uma pessoa falar representa quem ela é. As respostas foram maciçamente positivas, porém dois entrevistados não souberam responder essa pergunta:

Tabela 21: Crença de que a fala de uma pessoa representa quem ela é (Q – P12)

Informantes	Acredita que representa	Acredita que não representa
Abaixo de 45 anos	6	2
Entre 46 e 65 anos	6	1
Acima de 66 anos	4	3
Total:	16	6

Além da descendência, os entrevistados também apontaram a educação e os valores como elementos que podem ser percebidos por meio da linguagem dos falantes. Examinemos o que responderam:

Pela conversa a pessoa já vê o jeito dele ser e o jeito dele viver, sim (Informante 7, masculino, 59 anos).

Representa bastante. Porque a língua é a origem e a origem é a pessoa (Informante 12, masculino, 76 anos).

Sim, totalmente, a educação se mostra pelo jeito de falá (Informante 16, feminino, 38 anos).

Eu acho que representa sim, porque a pessoa às veiz... que diz a boca fala daquilo que o coração tá cheio, né? Então, eu acho que é um sinal, né? Da pessoa se manifestá pela palavra, mostrá quem ela é, né? (Informante 18, feminino, 55 anos).

Sim, muito, com certeza... se a pessoa... às vezes a pessoa fala com um jeito de deboche ou sendo mais superior, a gente percebe na fala... então a gente já a partir só do tom de voz vc já percebe pelo menos o princípio de como a pessoa é, então eu acredito que com certeza, cem por cento (Informante 22, feminino, 25 anos).

No que concerne à identidade linguística, interpelamos se os residentes na comunidade consideram possível que eles sejam reconhecidos como descendentes de italianos e identificados como moradores do Pinho de Baixo somente pela forma de falar. Houve praticamente unanimidade nesse quesito:

Tabela 22: Possibilidade de um falante ser reconhecido por sua fala (Q – P13)

Informantes	É possível	Não é possível
Abaixo de 45 anos	6	2
Entre 46 e 65 anos	6	2
Acima de 66 anos	7	1
Total:	19	5

Os testemunhos dos informantes justificaram as respostas:

Eu acho que sim, eu acho que sim ainda mais a gente é meio assim, vamo dizê... vai chegando e já vai falando (Informante 2, feminino, 59 anos).

Eu fui pra Aparecida e um cara me olhou, pela tua cara você é italiano, e ele era italiano também, daí nós prosiamos em italiano dentro da igreja (Informante 8, masculino, 57 anos).

Aham, sim, com certeza, só de ver assim... ah, italiana véia, fala muito rápido e alto (Informante 19, feminino, 29 anos).

Independente da viagem que você faça, do passeio, você é visível, você abriu a boca as pessoas percebem (Informante 20, feminino, 32 anos).

Fica evidente que os informantes têm consciência da identidade linguística e, apesar de alguns garantirem que já sofreram preconceito linguístico, se mostraram orgulhosos em nos contar relatos sobre as experiências que tiveram ao serem identificados.

Sabendo que grande parte dos entrevistados declarou que a fala representa quem o indivíduo é, perguntamos se eles já sentiram ou ainda sentem vergonha do próprio jeito de falar. As respostas foram bem diversificadas.

Tabela 23: Comportamento dos entrevistados em relação à própria fala (Q – P15)

Informantes	Já sentiu vergonha	Nunca sentiu vergonha
Abaixo de 45 anos	4	4
Entre 46 e 65 anos	3	5
Acima de 66 anos	1	7
Total	8	16

A maioria dos informantes que respondeu a essa pergunta declarou que nunca sentiu vergonha do seu jeito de falar, principalmente os mais velhos. A proporção do sentimento de estigma por parte dos entrevistados diminui à medida que a idade aumenta. Na faixa etária mais baixa, 4 informantes já se intimidaram ao conversar com alguém devido ao jeito que falam. Já com os entrevistados entre 46 e 65 anos, 3 deles admitiram já terem sentido vergonha de falar, dependendo do interlocutor. Em contrapartida, dos 8 informantes acima de 66 anos que responderam a essa pergunta, somente 1 disse já ter tido vergonha do jeito de falar. Os demais, pelo contrário, declararam ter orgulho da própria fala. Para eles, o jeito de falar mostra quem a pessoa é e, por isso, não há necessidade de mudá-lo ou sentir algum receio de empregar a língua da forma que eles sabem e estão habituados. Vejamos o que os entrevistados disseram:

Jamais, eu converso tanto faz com o padre, com o bispo, com o governo, com uma criança, é tudo a mesma coisa, isso aí... vergonha pra quê? Se eu sô assim, sô assim (Informante 7, masculino, 59 anos).

Não, eu converso com pessoas finas da cidade e a gente tem amizade... eu sou o que eu sou (Informante 13, feminino, 77 anos).

Eu não tenho grilo com isso, eu falo do meu jeito (Informante 16, feminino, 38 anos).

Não, qué me corrija, corrija, mas do jeito que eu falo... pra mim tando bão, o resto... (Informante 21, feminino, 22 anos).

A outra parcela dos entrevistados admitiu que já sentiu vergonha em conversar com pessoas de posições sociais mais elevadas ou em contextos mais “s sofisticados”, assim como afirmaram já ter sofrido preconceito. Vamos às respostas:

Às vezes quando tem, vamo dizê, gente mais assim a gente fica com um pouco, ah, meu Deus, será que eu vô sabê falá, o que eu vô falá, como, né? eu já me senti assim (Informante 2, feminino, 59 anos).

Já senti, me senti assim... encabulada de chegar numa pessoa e conversá, né? Porque às veiz a pessoa é superior e acha que a gente é muito caipira, né? (...) eu já me senti assim de manera que a gente nem conversa, já fica mais queto pra não errá e não ficá servindo de chacota, né? (Informante 14, feminino, 63 anos).

Quantas veiz... é que a gente já vem de uma cultura mais inferior, vamo dizê assim, né? Então a gente... se a gente vê que a pessoa fala melhor um pouco a gente já fica mais acanhado, né? (Informante 18, feminino, 55 anos).

Quando eu entrei na escola, fui estudar na cidade eu sofri bastante, eu sofri muito preconceito... isso marca, né? Eu não desejo isso pra ninguém (Informante 19, feminino, 29 anos).

Já, com as pessoas mais... de classe mais alta assim, a gente tem o jeito da gente de falá e não vai deixa de falá daquele jeito por causa de outra pessoa e a gente sente assim, medo do que vai pensar, na verdade (Informante 24, feminino, 28 anos).

Uma declaração que nos chamou muita atenção foi de uma professora de 32 anos, que expõe, claramente, a concepção de adequação linguística. Ela afirma, em seu discurso, que nunca sentiu vergonha de ser uma colona, mas que em determinadas situações da vida percebeu que deveria portar-se linguisticamente de outra maneira. Vejamos o que ela disse:

Eu não me preocupo com a minha forma de falá, mas quando eu fui apresentá meu TCC eu me políciei, né? De forma pra evitá falá o fumo, né? Vamo tentá usá os palavriado (...) é apresentação de TCC... você sabe do que você tá falando, mas tem que tá preparada oralmente pra dizer eu congui, eu posso, eu vô... Eu já passei por várias situações em que eu me políciei, mas não que eu tive vergonha do que eu sou (Informante 20, feminino, 32 anos).

Vejamos a próxima pergunta: “Você já tentou falar de forma chique com alguém? Em quais situações”? Das vinte e quatro pessoas que responderam essa pergunta, oito afirmaram terem monitorado a fala em alguma situação, ao passo que dezesseis declaram nunca terem tido esse comportamento. Vamos à tabela:

Tabela 24: Tentativa de fala monitorada em alguma situação comunicativa (Q – P16)

Informantes	Já falou de forma monitorada	Nunca falou de forma monitorada
Abaixo de 45 anos	3	5
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos		8
Total:	8	16

Novamente os descendentes de imigrantes que residem no Pinho de Baixo e pertencem à faixa etária acima de 66 anos foram surpreendentes com suas respostas. Nenhum deles disse ter tentado falar chique em algum momento da vida. Já os entrevistados com idades entre 46 e 65 anos foram o grupo que mais tentaram monitorar fala. Curiosamente, os entrevistados mais jovens mostraram que têm uma forte consideração por sua fala e, por isso, prevalece o número daqueles que evitam camuflá-la.

No entanto, sabemos que independente da língua ou da variação linguística que utilizamos, sempre há situações em que precisamos nos adequar ao cenário em que estamos situados. Muitos informantes da nossa pesquisa, principalmente os mais jovens e os da faixa etária intermediária, são atuantes ativos na comunidade, participando de eventos religiosos, festas e reuniões de cooperativas, e interagindo com pessoas “mais estudadas”, como eles mesmos afirmaram em outros momentos da pesquisa, o que implica em certo monitoramento linguístico. Então, é possível que o número de tentativas de monitoração da fala seja maior.

Mesmo assim, respeitaremos e consideraremos as respostas dadas pelos entrevistados:

Ih, se for falá chique a gente se embanana tudo, né? vai se atrapalhá mais ainda, né? (Informante 2, feminino, 59 anos).

Ah, eu falo do jeito que for. A gente querendo... se for falá, querê fala tudo chique assim você se atrapalha, né? (...) eu já conversei com

jornalista, mas só falo assim, se for enfeitar no fim estraga tudo (Informante 6, masculino, 74 anos).

Não! Eu não mudo meu tipo de falar! (Informante 7, masculino, 59 anos).

Não, a gente não pode ser o que não é... a gente fala tal qual a natureza da gente... (Informante 10, masculino, 86 anos)

Não, eu acho que o mais certo é o normal, né? É aquilo que é (Informante 12, masculino, 76 anos).

Outras pessoas, por sua vez, apesar de também valorizarem o falar da região, julgam necessário fazer adequações a depender do interlocutor:

Sim... se vem uma pessoa estudada, eu falo de um jeito, se for aqui da comunidade eu falo de outro (Informante 15, feminino, 65 anos).

Já! A gente quando chega assim perto de alguém que a gente sabe que tem mais conhecimento, né? a gente tenta não falá as palavra errada... que nem acostuma assim ca mãe e co pai que fala sempre errado em casa, ansim, a gente procura colocá uma palavra mais certa (Informante 17, feminino, 31 anos).

Acerca da facilidade ou dificuldade de se falar a língua portuguesa e considerando o que os informantes expuseram sobre falar diferente da cidade, questionamos se “A fala do Pinho de Baixo é igual à dos apresentadores do Paraná TV”. Vamos aos dados:

Tabela 25: O falar do Pinho de Baixo é igual ao dos apresentadores de TV (Q – P18)

Informantes	É igual	É diferente
Abaixo de 45 anos		8
Entre 46 e 65 anos	2	6
Acima de 66 anos	3	4
Total:	5	18

Dos vinte e três entrevistados que responderam a essa questão, cinco acreditam que sua fala é igual ao dos apresentadores de TV:

Eu acho que sim, dá pra gente dizer que é igual, algumas letras a gente pula, mas eu acho que é igual (Informante 4, feminino, 75 anos) .

Já os outros dezoito informantes, na sua maioria com menos de 65 anos, creem que há diferença de uma realidade para outra. Assim, podemos destacar os seguintes relatos:

Não, não tem como compará, né? é bem diferente, porque eles, vamo dizê, eles tão falando lá pro mundo, né, eles tamém tem que caprichá no que eles falam (Informante 2, feminino, 59 anos).

Acho que tem uma diferencinha, né? porque eles são estudado e nós aqui cortamo muito as palavra, né? No pronúncia mesmo às veiz alguma letra você dexa, corta algumas coisa, então tem bastante diferença (Informante 10, masculino, 86 anos).

É diferente... aqui é mais a caipirada... mais pra interiorzão, né? (Informante 14, feminino, 63 anos)

Não né, eu acho que não... pelo grau de instrução que eles têm, né? É um nível de escolaridade maior, né? É diferente (Informante 16, feminino, 38 anos).

Não, né? Lá eles são tudo instruído pra falá corretamente e nós aqui samo instruído pra prantá cebola (Informante 17, feminino, 31 anos).

Ah, tem grande diferença, né? Porque aqui a gente é uma colônia mais de agricultores, então agora que tá o pessoal mais... a juventude tá participando de estudo mais alto um pouco, então pode sê que teje mudando um pouco o modo de falá, mais o pessoal mais antigo é bem diferente da televisão, né? Porque fala mais simples (Informante 18, feminino, 55 anos).

Não, nunca... eles falam de forma mais chique (Informante 21, feminino, 22 anos).

Não, eu acredito que não (...) não tem como comparar um agricultor com um apresentador (...) são funções diferentes (Informante 22, feminino, 25 anos).

Como já expusemos e fica evidente nas respostas dos entrevistados, existe uma concepção de que a língua falada no Pinho de Baixo tem resquícios do italiano. Portanto, perguntamos aos informantes: “A fala daqui é uma mistura de português e italiano”?

Tabela 26: Há mistura de português e italiano na língua falada na comunidade? (Q – P19)

Informante	Há uma mistura	Não há mistura
Abaixo de 45 anos	2	6
Entre 46 e 65 anos	1	6
Acima de 66 anos	1	6
Total:	4	18

Quem percebe a mistura das línguas é a minoria. Somente quatro entrevistados acreditam que a língua é mista, com influências do português e do italiano. Destes, 2 informantes pertencem à faixa etária menor de 45 anos, e 1 informante para cada uma das outras duas faixas etárias. Segundo eles:

Aqui misturou tudo... misturou mesmo, tem brasileiro casado com italiano... tinha um preto aqui (...) ele falava italiano que nem nós, ele não tinha escola, nada, falava melhor que eu... ele era empregado e coía mio pros italianos, daí aprendia tudo (Informante 6, masculino, 74 anos).

Hoje em dia aqui no Pinho já tão casando pessoas bem de descendentes de italianos... já casaram com descendente de escravo (...) daí misturou as língua e pra isso vai morrendo a língua italiana, porque jamais o cara, tanto o rapaz como a moça que casou com descendente de brasileiro, aí digamos assim português não vai poder falar em italiano, né? porque daí o sogro não entende nada, a sogra, o cunhado, e a língua italiana vai morrer (Informante 7, masculino, 59 anos).

É uma mistura dos dois... porque às vez vc tá falando uma coisa em brasileiro e daí vc já muda pra italiano (Informante 21, feminino, 22 anos).

Já os outros dezoito informantes acreditam que a língua portuguesa é majoritariamente falada na comunidade:

Tende mais pro português (Informante 1, feminino, 60 anos).

O português é a língua mais pronunciada (Informante 10, masculino, 86 anos).

Focalizando um pouco a língua portuguesa, perguntamos se nossos informantes consideram fácil ou difícil falar nossa língua. Outra vez, as respostas ficaram divididas:

Tabela 27: Concepções acerca da língua portuguesa falada no Brasil (Q – P20)

Informantes	A língua portuguesa é fácil	A língua portuguesa é difícil
Abaixo de 45 anos	1	7
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos	7	1
Total:	13	11

Os descendentes integrados na faixa etária superior a 46 anos, quase todos com mais de 66 anos e a maioria daqueles com 45 à 65 anos, acreditam que a língua portuguesa é fácil de falar, entender e escrever, principalmente quando comparada ao italiano. Ao contrário, a maioria dos mais jovens considera a língua portuguesa difícil. É muito importante destacar a diferença no posicionamento dos informantes em relação à língua portuguesa, considerando a faixa etária, já que como alguns dos mais velhos têm o italiano como língua materna, era de se esperar que eles considerassem o português mais difícil, mas não foi o que aconteceu.

O que pudemos perceber com as ideias expostas pelos entrevistados mais jovens foi que ainda é muito forte a concepção de que a língua portuguesa “certa” é aquela estudada na escola, já que alguns deles deixaram claro que a língua falada na zona rural é “errada” e que quando eles se deparam com regras e detalhes da língua portuguesa, consideram muito difícil. Já os mais velhos, por usarem em sua maioria a língua apenas na oralidade, não se preocupam tanto com as regras.

Vamos analisar o que foi dito:

Eu acho que é mais difícil que o italiano que eu aprendi, né? não é tantas coisas num sentido, né? que a língua portuguesa tem uma coisa que é falada em quatro tipos, né? e a italiana tem um sentido só (Informante 1, feminino, 60 anos).

Eu não estudei muito, mais meu neto, meu filho acha que é difícil... por causa dos pontos que tem, né? (Informante 14, feminino, 63 anos)

Eu acho mais fácil até falar italiano do que português (Informante 16, feminino, 38 anos).

Depende do que tem que que fazê com ela... mas eu acho que pra nós que tamo aqui no Brasil não é difícil, não, claro que tem os pormenores ali que a gente tem que conhecê, mas não é complicada, não (Informante 17, feminino, 31 anos).

Pra nós que aprendimo a falá do nosso jeito pra nós é fácil, mas agora pra quem vem de fora e fala outra língua pra eles aprenderem a falá em português... porque o português ele tem muito sinônimo, né? Então a mesma palavra tem vários significado então pra quem vai aprendê o português é difícil, mais pra nós não é difícil (Informante 18, feminino, 55 anos).

Ela é difícil porque ela tem um vocabulário imenso, ela tem conteúdos estruturantes, uma gramática que envolve... (...) eu considero pra ensinar no meu dia a dia o português pro meus alunos eu considero ela difícil, porque os meus alunos eles têm a cultura deles... eles escrevem, então se eles vão fazer uma produção de texto a cultura que eles vivem eles escrevem e eu não sou ninguém pra modificar a cultura deles, então eu tenho que acatá como certo, então eu acho o português difícil (Informante 20, feminino, 32 anos).

Super difícil... muitas normas e às vezes sem porque ter (Informante 22, feminino, 25 anos).

É uma das mais difícil... mais difícil que o italiano, eu posso te garanti... tanto na escrita quanto na fala... é muito difícil (Informante 23, feminino, 45 anos).

Depois, questionamos se para os entrevistados o mais importante em uma língua é falar tudo certo ou conseguir se comunicar. A tabela abaixo nos mostra os resultados:

Tabela 28: Entendimento da função mais importante da língua (Q – P21)

Informantes	Conhecer as regras e falar certo	Conseguir se comunicar
Abaixo de 45 anos		8
Entre 46 e 65 anos	2	5
Acima de 66 anos	2	5
Total	4	18

De acordo com o que podemos ver na tabela acima, pequena parte dos entrevistados declararam que conhecer as regras da língua e falar corretamente é mais importante do que a comunicação efetiva. Dentre os mais jovens, todos admitiram que o mais importante é usar a língua para transmitir uma mensagem, ou seja, interagir com o

interlocutor. Nas duas faixas etárias mais altas, cinco informantes de cada grupo também acreditam que a comunicação é mais importante do que a consciência das regras. Dois informantes não souberam responder a essa questão, ao passo que os outros dois acreditam que é importante conhecer as normas da língua para poder se comunicar de forma eficiente. Como veremos nos relatos, em certas circunstâncias é importante falar de forma adequada ao contexto, principalmente para deixar claro ao interlocutor qual é a mensagem:

Dependendo do momento tem que falar certo (Informante 7, masculino, 59 anos).

Eu acho que o mais claro é a pessoa falar certinho, né? pra não ficar dúvida nas conversa, né? Que daí a pessoa já sabe o que tá falando claramente, não tá “enleando” a outra pessoa, né? (Informante 10, masculino, 86 anos)

A parte dos informantes que considera a comunicação parte fundamental da língua, diz:

Eu acho que o importante é se comunicá, né? ... também não ser tão, né, digamos assim analfabeto, mas acho que hoje em dia aqui nem tem mais pessoas assim (Informante 1, feminino, 60 anos).

A gente tem que ser o que a gente é, né? Não adianta querer ser o que a gente não é. Que nem, em família assim a gente conversa e se entende e a gente acha que a gente tá certo (Informante 4, feminino, 75 anos).

O importante é se comunicar, né? Porque falá dentro das norma tudo certinho não é fácil, né? É complicado, né? (Informante 6, masculino, 74 anos).

Observando o carinho dos entrevistados pela língua italiana, pedimos que eles nos dissessem como categorizam a língua italiana falada aqui no Brasil em bonita ou feia. O resultado foi exatamente o esperado:

Tabela 29: Juízo da beleza da língua italiana falada no Brasil (Q – P22)

Informantes	É bonita	É feia
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	8	
Acima de 66 anos	8	
Total:	24	0

Absolutamente todos os informantes afirmaram que a língua italiana falada no Brasil é bonita. Vejamos:

É bonita... é bonita porque às veiz argum fala, meio se atrapáia e no fim dá tudo certo (Informante 6, masculino, 74 anos).

Ela, qué dizê, não é feia, mas não é uma língua assim, como que eu vô te dizê, que seja verdadeira como a língua italiana, né? É uma imitação, essa aqui é tipo uma imitação daqueles que são italiano mesmo, original de lá, o nosso aqui é um imitação, nossa língua (Informante 10, masculino, 86 anos).

Eu acho bonita, principalmente os cantos, muito emocionante, né? A melodia dos cantos é uma coisa especial, né? A gente se toca por ser italiana... sei lá, eu me toco por ser italiana (Informante 19, feminino, 29 anos).

Ela é linda... ela tem uma envôlvencia (...) eu acho o italiano até mais fácil que o português (Informante 20, feminino, 32 anos).

Em seguida, perguntamos: “Você conhece os dialetos falados na Itália”? Considerando as divergências da língua falada no Pinho de Baixo e a falada na Itália, nos surpreendemos com as respostas, já que dez informantes afirmaram conhecer.

Tabela 30: Conhecimento dos informantes acerca dos dialetos falados na Itália (Q – P24)

Informantes	Conhece	Desconhece
Abaixo de 45 anos	3	5
Entre 46 e 65 anos	4	4
Acima de 66 anos	3	5
Total:	10	14

Dez moradores do Pinho afirmaram conhecer os dialetos, bem como saber das discrepâncias entre eles e a língua italiana ainda falada na comunidade. Convém observar que a idade e a escolaridade dos informantes não interferiram nesses resultados, já que há pertencentes às três variantes nas duas opções de resposta.

Para o agricultor de 76 anos (informante 12), os dialetos falados na Itália “tem diferença pro daqui, por causa do sotaque”. Já a professora de 32 anos (informante 20), que trabalha com o Ensino fundamental I na escola da comunidade, declara que “tenho contato (com os dialetos italianos falados na Itália) por meio da mídia”.

Em vários momentos da entrevista, os moradores da comunidade se mostraram preocupados com o possível desaparecimento da língua italiano do Pinho. Então, perguntamos a eles se realmente eles acreditam que isso seja possível.

Tabela 31: Crença de que a língua italiana está desaparecendo do Pinho de Baixo (Q – P26)

Informante	Acreditam que está desaparecendo	Acreditam que não está desaparecendo
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	7	1
Acima de 66 anos	5	3
Total:	20	4

Dos vinte e quatro entrevistados, apenas quatro, 3 com mais de 66 anos e 1 entre 45 e 65 anos, disseram que a língua ainda está bem fixada, mas não argumentaram ou apresentaram hipóteses. Já os outros vinte informantes disseram que a língua trazida da Itália pelos seus antepassados está sendo cada vez menos falada:

Eu acho que mais um tempo ela aguenta, mas a tendência é que ela vá diminuindo cada vez mais... vá diminuindo... (Informante 2, feminino, 59 anos).

Italiano acabou-se, aqui no Pinho tá acabando (Informante 3, feminino, 90 anos).

Tá (desaparecendo) e nós gostaria que fosse mais divulgada, mais... que os mais novo aprendesse um pouco, né, porque é a origem, né? Então porque não aprender um pouco, né? O pessoal aqui acha bonito, mais não pratica (Informante 4, feminino, 75 anos).

Tá desaparecendo, dia por dia, tá desaparecendo... porque os véio tão morrendo e os novo não praticam (Informante 8, masculino, 57 anos).

Aqui se não é o grupo falá, né? Aqui ninguém fala mais... não se vê mais falá em italiano... porque os antigo morreram e nós perdemo o costume, né? (Informante 13, feminino, 77 anos).

Agora com esse grupo deu uma levantadinha, mais não tá nem forte nem fraco, tá médio (Informante 14, feminino, 63 anos).

Olha, infelizmente quem tá ficando com ela é os nossos avós, né? Tá sendo repassado muito pouco (...) ela tá sendo deixada de lado, tá sendo esquecida... muita coisa já se esqueceu (Informante 20, feminino, 32 anos).

A longo prazo sim... porque o grupo de italiano, por mais que a gente quera ser otimista, esse grupo um dia ele vai acabá (...) como eu já sou de outra geração, já aprendi menos, meu filho vai aprendê menos ainda (...) vai diminuir, a longo prazo eu acredito que acabe sim (Informante 22, feminino, 25 anos) .

Sabendo da existência e atuação do Grupo Folclórico Italiano na comunidade, perguntamos aos nossos entrevistados se eles consideram relevante o curso de língua italiana promovido pelo grupo na comunidade. Todos foram unânimes na resposta:

Tabela 32: Relevância do curso de língua italiana para comunidade (Q – P27)

Informantes	Considera importante	Não considera importante
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	8	
Acima de 66 anos	8	
Total:	24	0

Mais uma vez, é preciso enfatizar como os habitantes do Pinho de Baixo desejam manter viva a língua que herdaram dos antepassados. Por isso é tão importante que o curso de língua italiana se consolide na comunidade para que principalmente as crianças contribuam para sua manutenção. Olhemos para as opiniões:

É interessante essa aula, bastante criança aí que nem são de origem italiana também foram e a criança aprende rezá, aprende cantá, aprende lê e escrevê italiano bem facinho, é uma língua... eu acho que é fácil de aprendê, o bem falado, sem sê o dialeto, né? (Informante 7, masculino, 59 anos).

É, porque daí não morre o italiano (Informante 13, feminino, 77 anos).

Na tentativa de saber um pouco mais a respeito da importância da língua italiana para os entrevistados, fizemos o seguinte questionamento: “Você acha que a língua italiana deveria ser estudada nas escolas”? Houve duas opiniões:

Tabela 33: Crença de que a língua italiana deveria ser estudada nas escolas (Q – P32)

Informantes	Deveria ser estudada	Não deveria ser estudada
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	7	1
Acima de 66 anos	6	2
Total:	21	3

Um dos elementos mais questionados nessa altura da entrevista era o porquê de os alunos do Pinho terem que estudar inglês e espanhol, sendo que essas duas línguas nem fazem parte da realidade deles, e deixar de lado a língua da comunidade. Conversando com nossos informantes, discutimos sobre a relevância de eles terem esse contato com as línguas mais faladas e solicitadas em quaisquer situações profissionais. Mesmo assim, vinte e um, dos vinte e quatro entrevistados, reiteraram a que a língua italiana deveria conseguir espaço nas salas de aula:

É, eu acho que deveria, deveria ter uma abertura pra ela, como tem pra inglês, espanhol (...) deveria ter uma abertura pro italiano também (Informante 2, feminino, 59 anos).

Eu acho que sim, ia resgatar muita coisa antiga, né? (Informante 5, feminino, 68 anos)

Deveria sim, por que estudam inglês em toda escola e por que italiano não? principalmente aonde tenha bastante pessoa de origem, né? Digamos aqui no Pinho como é a maioria devia de ter um pouco mais de incentivo pra língua italiana (Informante 7, masculino, 59 anos).

Pra quem tem um pouquinho de origem seria interessante (Informante 10, masculino, 86 anos).

Devia! (...) e daí se vem um de fora, lá da Itália se os brasileiros não sabe falá comé que vão falá? Se vem um padre de lá da Itália se não tem um que compreenda ele comé que vão levar ele na missa? (Informante 11, feminino, 90 anos)

Com certeza... por não ser uma língua difícil e por ser bonita, né? (Informante 16, feminino, 38 anos)

Depende em que sentido, né? Porque deveria... não só o italiano, mas dá oportunidade (...) então, somente se a escola fosse voltada pro italiano, porque a escola hoje ela é uma diversidade, ela tem que abranger a todos... o papel dela é dar o direito à aprendizagem a todos, então não seria favorável você aplicar um curso de italiano pra uma comunidade que tem diversas descendências, né? então seria viável se fosse uma comunidade só italiana, mas numa comunidade onde há diversidade não é viável, né, porque alguns vão ter interesse, outros já não vão ter (Informante 20, feminino, 32 anos) .

Seria interessante como uma atividade extra (Informante 22, feminino, 25 anos).

Eu acho que depende a região, sabe? depende a localidade (...) se fosse onde tivesse descendentes seria interessante (Informante 23, feminino, 45 anos).

Mesmo não fazendo parte da Base Comum Curricular, a língua italiana poderia perfeitamente ser ensinada nas escolas de comunidades como o Pinho de Baixo, já que a maioria massiva da população é descendente de italianos. Embora não se possa cobrar

esse ensino como parte da grade comum, acreditamos que como uma disciplina extra, ou matéria optativa, esse conteúdo seria de extrema relevância para a comunidade.

Alguns entrevistados foram enfáticos ao dizer que esse ensino seria pertinente apenas nas comunidades em que há ligação com essa língua. Logo, em colônias de eslavos, a língua que deveria ser trabalhada como conteúdo extra seria o polonês e o ucraniano, em colônias alemãs, o alemão poderia ser bem viável para fortalecer as tradições e a cultura alemã no Brasil e assim por diante.

Outra pergunta que fizemos em relação à língua italiana foi a seguinte: “Nas relações amorosas, entre o casal, os pais e os filhos, você acha mais carinhosa a língua portuguesa ou a língua italiana? Qual você usa nessas situações?”

Tabela 34: Crença de que há uma língua mais carinhosa que outra (Q – P34)

Informantes	Língua italiana é mais carinhosa	Língua portuguesa é mais carinhosa
Abaixo de 45 anos	4	4
Entre 46 e 65 anos	5	3
Acima de 66 anos	4	4
Total:	13	11

Todos os entrevistados responderam a essa pergunta. Treze deles admitiram considerar a língua italiana mais romântica. Vejamos o que eles disseram:

Ela (italiana) é bem mais romântica (Informante 2, feminino, 59 anos).

Pra mim é a italiana, porque nós como era da mesma origem... então era gostoso, né? Simples e objetiva (Informante 12, masculino, 76 anos).

A italiana tem *amore mio*, tem um charme... é mais charmosa (Informante 16, feminino, 38 anos).

A língua italiana parece que ela é cantada, ela não é falada (Informante 22, feminino, 25 anos).

Onze informantes apreciam mais a língua portuguesa:

Eu acho que a brasileira é mais romântica dentro da conversa, agora das música as italiana são mais romântica (Informante 14, feminino, 63 anos).

Na convivência eu acho que o português é mais interessante (Informante 17, feminino, 31 anos).

Como a gente fala português é o português, mas a italiana também tem uns traços que traz mais vibração, mais emoção (...) tem músicas belíssimas, mas é o brasileiro, não tem jeito (Informante 20, feminino, 32 anos).

A próxima pergunta era “Quando você tropeça em uma pedra ou alguma coisa dá errado, em que língua você xinga? Quais xingamentos você conhece em italiano?” Os informantes se divertiram muito com essa questão. Vejamos:

Tabela 35: Atitude de utilizar xingamentos na língua vernácula (Q – P35)

Informantes	Xinga em português quando tropeça	Xinga em italiano quando tropeça	Não xinga
Abaixo de 45 anos	4	4	
Entre 46 e 65 anos	3	3	2
Acima de 66 anos	2	3	3
Total:	9	10	5

Das três opções de resposta, podemos analisar na tabela que xingar em italiano foi a opção mais aceita somente para os informantes com mais de 66 anos. Para as outras duas faixas etárias houve empate entre os xingamentos em português e em italiano.

Eu gostava de xingar em italiano meu veio, até hoje eu xingo meus piá em italiano (Informante 3, feminino, 90 anos).

Se a pedra for muito... machucar bastante eu digo nome em italiano memo” (Informante 8, masculino, 57 anos).

Os dois... o qual vié primeiro, mas mais em italiano (Informante 16, feminino, 38 anos).

Depende, se tivé com muita raiva vai em italiano... (Informante 17, feminino, 31 anos).

Sobre as atitudes quanto à língua italiana e seus falantes, interpelamos se os moradores do Pinho de Baixo comprariam imóvel em um bairro onde só morassem descendentes de ucranianos e poloneses. Nessa questão devemos ressaltar que a cidade de Irati foi colonizada principalmente por poloneses e ucranianos, e seus descendentes correspondem a boa parte da população da cidade. Averiguemos o que eles responderam:

Tabela 36: Possibilidade de adquirir imóvel em um bairro de descendentes de eslavos (Q – P36)

Informantes	Compraria	Não compraria
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	7	1
Acima de 66 anos	3	5
Total:	18	6

Vinte e quatro pessoas responderam a essa pergunta. Destas, dezoito asseguraram que comprariam tranquilamente uma casa em um lugar em que predominasse outra etnia, já que essa poderia ser também uma oportunidade de interagir e aprender outra cultura. Ressaltamos que todos os entrevistados com menos de 45 anos teriam essa atitude, resultado bem parecido com o da faixa etária 46-65 anos. O grupo com mais de 66 anos se mostrou um pouco mais resistente a essa mudança, o que pode ser consequência de uma série de fatores, como a perda da estabilidade já conquistada e a logística da mudança. As respostas dos entrevistados que morariam em um bairro constituído por eslavos foram basicamente estas:

Ah, eu ia adorá... conversá, conhecê, tentá aprendê (...) eu acho assim que, independente das nossas etnias nós somos todos iguais, né, cada um com seu jeitinho, cada uma com sua habilidade, mas ia ser muito divertido (Informante 20, feminino, 32 anos).

Não faria diferença pra mim... acredito que se as pessoas forem boas e o bairro for seguro não faria diferença pra mim (Informante 22, feminino, 25 anos).

Os outros seis informantes, 5 com mais de 66 anos e 1 entre 46-65 anos, que garantiram que não morariam em um lugar povoado maciçamente por outra cultura, admitiram ser a língua a principal barreira que impediria um bom relacionamento:

Não, porque a gente de repente não se enquadra com a língua porque polonês ensinam mais os filho a conversá em polonês e a nossa língua não (...) não que eu não aceito, só que a gente não vai se sentir bem num lugar que não dá pra entender... mas os polonês tão de parabéns, eles ensinam as crianças falá em polonês (Informante 4, feminino, 75 anos).

Eu acho meio difícil, né? Porque a língua deles já é mais puxada, né? (...) dificilmente a gente ia se acertá (Informante 10, masculino, 86 anos).

Não seria bom, né? Sempre o vizinho é aquele que cê tá se vendo tuda hora né? Aí cê imagine um bairro de ucraino por exemplo... se ele fala na língua dele você acha que ele tá falando mar de você e vice-versa se a gente também falá (...) eu sempre me segurei de não falá na minha língua, a língua italiana perto de gente que não entendesse por causa disso, a pessoa pode entender errado, né? (Informante 12, masculino, 76 anos)

Mantendo-nos na mesma linha da questão anterior, perguntamos se eles morariam em um bairro só de descendentes de italianos. Os resultados são reveladores:

Tabela 37: Atitude de adquirir imóvel em um bairro só de descendentes de italianos (Q – P37)

Informantes	Compraria	Não compraria
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	8	
Acima de 66 anos	8	
Total:	24	0

Todos os informantes asseveraram que seria ótimo, pois para eles não há nada melhor que estarem cercados por pessoas com as mesmas crenças, mesmos valores e mesmos costumes que eles:

Melhor ainda (Informante 1, feminino, 60 anos).

Seria uma alegria (Informante 3, feminino, 90 anos).

Com certeza, é bem mais divertido (Informante 7, masculino, 59 anos).

Ah, melhor ainda... dá-lhe vinho (Informante 16, feminino, 38 anos).

Ah, também, ia sê só polenta e frango todo dia... um vinho também seria bem interessante, né? (Informante 20, feminino, 32 anos).

Quando questionamos se os entrevistados fariam negócios com descendentes de eslavos, alguns sequer quiseram responder, dizendo que uma pergunta dessa nem se faz, já que a descendência da pessoa pouco importa. As vinte e uma pessoas que responderam a essa indagação garantiram que fariam, fazem e farão negócios tranquilamente.

Tabela 38: Atitude de fechar negócios com descendentes de ucranianos e poloneses (Q – P38)

Informantes	Faria negócios	Não faria negócios
Abaixo de 45 anos	7	
Entre 46 e 65 anos	7	
Acima de 66 anos	7	
Total:	21	0

Vamos ver as declarações:

Ah, isso não depende raça, não tem nada a ver (Informante 3, feminino, 90 anos).

Faria, com certeza (Informante 22, feminino, 25 anos).

Nunca pensei nisso, sabe? Mas eu acho que não ia interferir (Informante 23, feminino, 45 anos).

Perguntamos também se as missas já foram realizadas em italiano na comunidade do Pinho de Baixo. Os informantes contaram diferentes versões para esse questionamento, já que a idade dos entrevistados e o conhecimento da história da comunidade varia de pessoa para pessoa:

Tabela 39: Realização de missas e cultos realizados em italiano na comunidade (Q – P39)

Informantes	Sim	Não
Abaixo de 45 anos		7
Entre 46 e 65 anos	1	7
Acima de 66 anos	3	4
Total:	4	18

Para nossos entrevistados há diferentes histórias a serem contadas e uma hipótese para isso é que pode haver uma confusão por parte dos informantes acerca da língua em que as missas eram rezadas. 18 informantes afirmaram que, desde que eles lembram, nunca houve missas rezadas em italiano na comunidade de Pinho de Baixo. 4 informantes mais velhos declararam que recordam-se muito bem das rezas em italiano. O que pode ter acontecido é que algumas missas talvez tenham sido rezadas em latim e como os descendentes que residem na comunidade não conseguiram compreender a língua, pensaram que fosse um dialeto falado na Itália.

No começo do tempo era em italiano, mas foi pouco tempo (Informante 3, feminino, 90 anos).

Eu não lembro, mas acho que só umas duas foram em italiano, o resto é só em português (Informante 5, feminino, 68 anos).

Teve umas três ou quatro missa em italiano, bonito também, mas mais em português (Informante 14, feminino, 63 anos).

Que eu me lembro quando eu era minina, rezava em latim (Informante 11, feminino, 90 anos).

Desde que eu me lembro só em português (Informante 16, feminino, 38 anos).

Tem os canto que o grupo italiano canta (...) só que rezá mesmo em italiano nunca é rezado (Informante 18, feminino, 55 anos).

Quando perguntamos qual língua é a mais bonita entre a italiana, a portuguesa, a polonesa e a ucraniana, todos foram unânimes:

Tabela 40: A língua considerada mais bonita pelos falantes da comunidade (Q – P40)

Informantes	Italiana	Outras
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 e 65 anos	8	
Acima de 66 anos	6	
Total:	22	0

A atitude de considerar a língua italiana como a mais bonita entre as citadas é uma atitude positiva, visível em todas as faixas etárias e reforçada pelos seguintes discursos:

Todas são, mas por eu ser descendente eu acho que a italiana é mais bonita (Informante 1, feminino, 60 anos).

O italiano, porque a gente entende, as outra a gente não entende nada (Informante 6, masculino, 74 anos).

A italiana é mais bonita, porque as outras eu não acho nem bonita nem feia, porque eu não entendo nada mesmo (Informante 8, masculino, 57 anos).

Eu acho a língua mais envolvente e mais fácil de ser entendida... por exemplo do que o polaco e ucraniano, que por favor, é uma freitada, né... e o italiano é uma língua fácil, não precisa de tradução (Informante 16, feminino, 38 anos) .

Bom, como eu sou italiana eu defendo a minha (Informante 22, feminino, 25 anos).

Outra interrogação que fizemos foi se os entrevistados ouvem músicas italianas e participam de festas voltadas a essa cultura. A tabela abaixo nos mostra os resultados:

Tabela 41: Atitude de ouvir músicas típicas e participar de festas voltadas à cultura italiana (Q – P41)

Informantes	Ouve/participa	Não ouve/não participa
Abaixo de 45 anos	8	
Entre 46 3 65 anos	8	
Acima de 66 anos	6	2
Total:	22	2

Vinte e dois entrevistados, principalmente os de 65 anos para baixo, se mostraram animados com a pergunta e declaram que ouvem músicas típicas e ajudam nas festas da comunidade, o que os deixa muito orgulhosos:

Escuto bastante, ainda ontem escutei no programa do Raul Gil, mais que coisa mais linda! (Informante 4, feminino, 75 anos)

Gosto muito de música italiana e ajudo bastante nas festa, principalmente na cozinha (Informante 5, feminino, 68 anos).

Sim, as música italiana são uma recordação... faz lembrá, né? Dos pai, dos vô que falavam bastante em italiano, daí é uma recordação daquelas época boa que não voltam mais, né? (Informante 14, feminino, 63 anos)

Sim, foi isso (festa da polenta e grupo italiano) que reacendeu nossa tradição italiana, senão seríamos apenas meros descendentes de italianos e apenas isso (Informante 22, feminino, 25 anos).

Já dois informantes com mais de 66 anos disseram que já não participam das festas nem se interessam muito em ficar ouvindo músicas típicas.

Com esse resultado, constata-se que mesmo situados em um contexto de transição, onde as atividades da cidade estão se alastrando cada vez mais para o campo, nossos entrevistados têm evitado que os costumes e tradições herdados dos seus antepassados vindos de outra cultura se percam, principalmente entre os mais jovens.

Ao final das entrevistas, ouvíamos sempre muitos agradecimentos por estarmos estudando e procurando conhecer mais sobre a cultura da comunidade. Os entrevistados

se mostravam felizes por estarem no centro de uma pesquisa sobre uma língua e uma cultura que tanto lhes diz respeito.

Embora não tenhamos conseguido o número adequado de informantes para cada variável, acreditamos que nossos objetivos foram alcançados e que a experiência e os aprendizados conquistados fizeram cada minuto de estudo valerem a pena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando tudo o que lemos, ouvimos e percebemos durante esta pesquisa, chegamos a algumas conclusões. Em primeiro lugar, nos convém destacar a importância dos estudos linguísticos para discutir a imprescindibilidade da língua nas relações humanas, em especial a Sociolinguística, pelo papel fundamental que desempenha como a ciência determinada a estabelecer conexões entre a fala das pessoas e os fatores extralinguísticos que constituem esses sujeitos.

As variações linguísticas, que permeiam todas as línguas, traçam um caminho que sempre conduzirá quem o segue a perceber que a identidade de um indivíduo está amplamente imbricada com o meio no qual ele se insere e essa constatação pode levar qualquer pesquisador a enxergar que é a variação linguística usada por aquele falante que o identificará onde ele estiver. Esse ciclo nos remete à constatação de Labov (2008) de que não há como falar de língua sem falar de sociedade e vive-versa.

É por esse mesmo caminho que compreendemos que o estudo do preconceito linguístico, prestígio e desprestígio, lealdade e deslealdade e intolerância linguística recai em um só lugar: as crenças e atitudes linguísticas. É por meio de um conhecimento adquirido com o passar do tempo, fruto do meio em que o indivíduo está inserido, que esse sujeito formulará opiniões, concepções, crenças acerca da língua falada por ele e pelos demais sujeitos ao seu redor. Como decorrência dessas crenças, ele poderá executar ações, boas ou más, externando o que ele acredita. Por outro lado, esse indivíduo pode simplesmente ignorar suas crenças e seguir em frente, de acordo com o que lhe convém.

Neste estudo, pudemos interagir com uma realidade diferente da que estamos acostumados. Nos deparamos com uma comunidade formada predominantemente por descendentes de italianos que vivem em um contexto de transição. Denominamos esse processo de *transição* devido ao fato de grande parte dos filhos de imigrantes já terem morrido e agora os netos e bisnetos têm se conectado com outras culturas, tirando o italiano do centro da comunidade.

Por meio das entrevistas que fizemos, percebemos um grande número de atitudes positivas em relação à língua falada pelos moradores do Pinho de Baixo. Essas mesmas atitudes também foram percebidas em relação à fala dos moradores de Irati e das comunidades vizinhas. Isso indica que nossos entrevistados não demonstram ser preconceituosos. Assim, nosso primeiro objetivo, que era analisar as crenças e atitudes linguísticas desses falantes, foi alcançado, pois conseguimos uma pequena mas representativa amostra dessa população.

Ao dividir os informantes em três faixas etárias, abaixo de 45 anos, entre 46 e 65 anos e acima de 66 anos, percebemos que há muitas diferenças nas concepções desses indivíduos acerca da língua, da cultura e das relações estabelecidas entre moradores da cidade e do campo. Constatamos que os informantes mais velhos têm deixado de lado algumas práticas como conversar e rezar em italiano, alegando terem esquecido as palavras ou não terem com quem conversar. Por outro lado, os informantes mais jovens têm se preocupado em resgatar a cultura dos antepassados por intermédio de atividades culturais, como o grupo folclórico, o museu e a tradicional Festa da Polenta.

De todas as atitudes positivas sobre a língua portuguesa com traços de italiano falada na comunidade, a maioria delas foi manifestada pelos informantes mais jovens, já que eles são os que mais se sentem mais italianos do que brasileiros, acreditam que a língua italiana deveria ser estudada nas escolas, consideram a língua italiana mais bonita do que as outras línguas, ouvem músicas típicas e participam das festas e movimentos culturais voltados para essa cultura.

Não há nenhuma menção à língua falada na comunidade ou em outras comunidades de forma negativa. Em todas as declarações, os informantes se mostraram respeitosos com a sua língua e a dos outros, mas quando perguntados qual é a língua mais bonita, todos afirmaram que é a italiana.

Outra conclusão a qual chegamos foi que a língua italiana que era falada pelos nonos e nonas está sendo substituída pelo português quase que totalmente. É possível ver muitos descendentes falando em italiano em diversas situações. Contudo, de acordo com as declarações dos próprios informantes, não se fala mais em italiano como antigamente.

Apesar de existir um grande desejo de manter ativa a cultura italiana vindo dos idealizadores e membros do grupo folclórico da comunidade, bem como a disposição em se organizar a Festa da Polenta e zelar pelo Museu, não se pode negar que a língua italiana, muito bem-vista pelos falantes do Pinho de Baixo, está caminhando gradativamente para ser somente mais uma estrela nos palcos que receberão seus descendentes, já que os falantes mais jovens não apresentam o hábito de falá-la cotidianamente de forma regular.

Ao encerrarmos este trabalho, deixamos em aberto algumas questões que podem ser estudadas futuramente. Com um levantamento mais criterioso de informantes, é possível analisar quem, entre homens e mulheres, utiliza mais a língua italiana na comunidade, em que contextos e quais palavras mais utilizam.

Pode-se também investigar quais palavras italianas são mais faladas no dia a dia dos moradores do Pinho, como nomes de objetos, xingamentos ou comidas. Além disso, outra possibilidade é entrevistar as crianças da localidade para ver se elas utilizam algumas palavras italianas em seu léxico. Há ainda a possibilidade de analisar as variações linguísticas nos níveis fonético/fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo da língua portuguesa falada pelos descendentes e as marcas do italiano nessas falas. Há um amplo campo para se observar quais variações os entrevistados utilizam e estabelecer relações com o falar dos moradores da cidade de Irati, bem como os de descendentes de eslavos.

Por fim, reconhecendo que independente do trabalho realizado ainda há muito o que observar e aprender com essa comunidade, esperamos que esta pesquisa possa acrescentar dados e informações relevantes para o estudo das Crenças e Atitudes Linguísticas, bem como da Sociolinguística Variacionista e almejamos que, com o passar do tempo, a língua italiana ainda falada na comunidade de Pinho de Baixo, Irati/PR, persista e resista às ações do tempo e das transformações pelas quais as novas gerações estão passando.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélien Cristina da. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. *Alfa*, São Paulo, 58 (3): 703-723, 2014. Disponível em <http://www.Scielo.Br/scielo.Php?Script=sci_arttext&pid=s198157942014000300703&lng=pt&nrm=iso&tlng=en> Acesso em 25 de abr de 2016.

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística. Parte I. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

BACIL, Elizete. **Capela São Sebastião: 100 anos de fé e religiosidade**. Irati, 2012.

BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, M., STUBBS, M., GAGNÉ, G. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002, p.13-82.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BALTHAZAR, Luciana. **Atitudes linguísticas de ítalo-brasileiros em Criciúma (SC) e região**. Curitiba: UFPR, 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. **João 1: 1,2 e 3**. Tradução de João Ferreira Almeida. São Paulo: Geográfica editora, 2009.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná**. Londrina: UEL, 2013, 228 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Setor de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2007.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMELÔ, Rubens. **Reflexões acerca das contribuições de Labov**. 2009. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/reflexoes-acerca-das-contribuicoes-de-labov/16260>> Acesso em 17 de fev de 2017.

CARRARO, Fernanda Priscila. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sobre a língua espanhola como língua estrangeira**. Guarapuava: UNICENTRO, 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Centro-oeste, Guarapuava, 2016.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Tradução de Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Cristiane Maria Nunes da. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação Estilística**. Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012. Disponível em: <http://www.Uel.Br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11378> Acesso em 25 de abr de 2016.

CORBARI, Clarice Cristina; SELLA, Aparecida Feola. *Crenças e atitudes linguísticas no Sudoeste do Paraná: tendências de reação frente às diferentes línguas e etnias*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (1): p. 526-539, jan - abr 2013.

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

DAMKE, Ciro; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. **Volksliedder (músicas populares alemãs) no sul do Brasil: aspectos linguísticos, socioculturais e identitários**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. 244 p.

DIAS, Luiz Antônio Xavier. *Crenças e atitudes linguísticas no uso dos róticos de professores e professorandos de Jacarezinho – PR*. Fortaleza: **Entrepalavras**, ano 4, v.4, n.2, p. 90-104, jul/dez 2014. ISSN 2237-6321.

HORA, Dermeval da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In.: COELHO, Izete lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação Estilística**. Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, 2014.

KALIL, Patrícia. **Dialetos da Itália: sabia que o italiano não é a única língua falada no país?** 2016. Disponível em: <<http://italiaparabrasileiros.com/os-dialetos-na-italia/>> Acesso em 29 de ago de 2017.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. William; LAMBERT, E. Wallace. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LOURENÇO, Dayse de Souza. **Crenças e Atitudes Linguísticas: uma análise sobre o corpus oral mineiro**. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/dayselourenco.pdf>> Acesso em 16 de maio de 2016.

MOMBACH, Clarissa. O governo Vargas e suas implicações na produção literária Teuto-brasileira. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo** – Dossiê nº 10, Setembro de 2012 – ISSN 1679-849X. Disponível em <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie10> Acesso em 07 de nov de 2017.

MASSAROLLO, Ana Maria Bonk. Crenças e atitudes linguísticas: um estudo sociolinguístico sobre o contato linguístico em Santo Antônio do Sudoeste/Brasil. Anais do X Encontro do CELSUL – **Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel-PR. ISSN 2178-775. 2012.

MOLLICA, Maria Cecília. **Linguagem para formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia**. São Paulo: Contexto, 2009.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Língua Brasileira e Outras Histórias**: Discurso sobre a língua e o ensino no Brasil. Campinas/ São Paulo: RG Editores, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Linguística**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Atitude, imaginário, representação e identidade linguística: aspectos conceituais*. **Cadernos do CNLF**, Vol. XVI, Nº 04, t. 1 2012 – Anais do XVI CNLF, pág. 362.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Entrevista. **Cadernos de Tradução**, nº 33, p. 397-410, Florianópolis - jan/jun 2014. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p399/27519>> Acesso em 14 de jul de 2017.

SEVERO, Cristine Gorski. **Estilo, variação linguística e discurso**. In.: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Variação Estilística**. Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Coleção Linguística. V.3. Florianópolis: Insular, 2014, páginas..

SILVA, Rita do Carmo Polli. **A Sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: IBEPEX, 2009.

SOUZA, Elizete Cristina de. **Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha, sobre variação linguística**. Brasília, 2012.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

TRUDGIL, Peter. **Sociolinguística** – Linguagem e sociedade. In: Sociolinguistics: an introduction. Penguin Books, 1974.

ANEXOS**ANEXO 1:****FICHA SOCIAL****Nome:** _____**Endereço:** _____**Sexo:** () Feminino () Masculino**Idade:** _____**Etnia:** _____**Profissão/Ocupação:** _____**Local de nascimento:** _____**Mora no Pinho de Baixo desde que nasceu? Se não, quando veio para essa localidade?**

() Sim () Não _____

Já morou na cidade de Irati ou em outra cidade?

() Sim () Não

Origem/etnia dos pais:

Pai: _____

Mãe: _____

Profissão dos pais:

Pai: _____

Mãe: _____

Origem/etnia do marido/esposa: _____**Profissão do marido/esposa:** _____**Escolaridade:**

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Analfabeto

Já estudou na cidade de Irati ou em outra cidade?

Sim Não

Fala quantas línguas?

Quais? _____

Como as aprendeu? _____

Você conhece a origem do seu sobrenome italiano?

Sim Qual? _____

Não

Que língua fala:	italiano	português
Com os avós	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os irmãos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os filhos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com os amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Com o marido/esposa/namorado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Locais em que usa a língua italiana:

Família	<input type="checkbox"/>
Trabalho	<input type="checkbox"/>
Escola	<input type="checkbox"/>
Igreja	<input type="checkbox"/>
Festas da comunidade	<input type="checkbox"/>
Curso de dança italiana	<input type="checkbox"/>

Qual o nível de conhecimento da língua italiana:

Só entende	<input type="checkbox"/>
Entende e fala	<input type="checkbox"/>
Entende, fala e escreve	<input type="checkbox"/>

Você conhece a língua padrão falada na Itália?

Sim Não

Você gosta de falar/ouvir italiano?

Sim Não

Quando você era criança, seu pais falavam com você em dialeto italiano, português ou outra língua? _____

Você aprendeu a rezar em italiano?

Sim Não

Ainda reza em italiano hoje em dia?

Sim Não

Qual é a sua religião? _____

Você gostaria que seus filhos/netos falassem em italiano?

Sim Não

Você se sente mais brasileiro ou italiano ?

Data da realização da entrevista: _____

ANEXO 2:**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

A pesquisa *Crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes italianos de Pinho de Baixo/Itati, Paraná*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, da UNICENTRO, tem como objetivo registrar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de falantes descendentes de imigrantes italianos nascidos e criados em Pinho de Baixo, município de Itati/Pr. Esta pesquisa é desenvolvida pela pesquisadora Rosana Taís Rossa sob a orientação da Professora Doutora Loremi Loregian-Penkal e as entrevistas serão posteriormente utilizadas para descrições sociolinguísticas diversas. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio de literatura especializada e eventos científicos, porém, os informantes não serão identificados. Esta pesquisa possui caráter acadêmico e não representa qualquer dolo para o informante que participa voluntariamente com a gravação da sua fala e respondendo aos questionários.

Assim, eu, _____
portador(a) da cédula de identidade nº _____ e do
CPF nº _____ estou ciente e de acordo
com os termos da realização desta pesquisa. Dessa forma, aceito participar
voluntariamente e autorizo a divulgação de dados relacionados à minha oralidade e aos
questionários escritos.

Assinatura do entrevistado

Rosana Taís Rossa - Pesquisadora

Loremi Loregian-Penkal - Professora Orientadora

Itati, _____ de _____ de 2016.

ANEXO 3: TABELAS COM OS DADOS DAS ANÁLISES:

Tabela 4: Relação de línguas faladas pelos informantes (FS – P3)

Informantes	Português	Italiano	Outras (inglês)
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	(16) (23)	(20) (21)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	(1) (7) (8) (9) (14)	
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)	(3) (4) (6) (12)	
Total:	24	11	2

Tabela 5: Língua materna dos falantes (FS – P4)

Informantes	Língua portuguesa	Língua italiana
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (8) (15) (18)	(7) (9) (14)
Acima de 66 anos	(4) (5) (6) (10) (11)	(3) (12) (13)
Total:	18	6

Tabela 6: Informantes que conhecem a origem do seu sobrenome italiano (FS – P5)

Informantes	Conhecem	Não conhecem
Abaixo de 45 anos	(16) (21) (23)	(17) (19) (20) (22) (24)
Entre 46 e 65 anos	(8) (14) (15)	(1) (2) (7) (9) (18)
Acima de 66 anos	(4) (6) (10) (13)	(3) (5) (11) (12)
Total:	10	14

Tabela 7: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana (FS – P8)

Informantes	Só entende	Entende e fala	Entende, fala e escreve
Menos de 45 anos	(17) (19) (22) (23) (24)	(20) (21)	(16)
Entre 46 e 65 anos	(2) (9) (14) (18)	(7) (8)	(1) (15)
Acima de 66 anos	(5) (6) (10) (11) (13)	(3) (4) (12)	
Total:	14	7	3

Tabela 8: Conhecimento que os falantes afirmam ter da língua italiana falada na Itália (FS – P9)

Informantes	Conhecem	Não conhecem
Abaixo de 45 anos	(16) (20) (21)	(17) (19) (22) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (15)	(2) (7) (8) (9) (14) (18)
Acima de 66 anos	(4) (5) (6) (12) (13)	(3) (10) (11)

Tabela 9: Descendentes de imigrantes italianos que aprenderam a rezar em italiano (FS – P12)

Informantes	Aprendeu	Não aprendeu
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (20) (21) (22) (23)	(19) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (14) (15) (18)	(7) (8) (9)
Acima de 66 anos	(3) (6) (10) (12)	(4) (5) (11) (13)
Total:	15	9

Tabela 10: Descendentes que rezam em italiano (FS – P13)

Informantes	Reza	Não reza
Abaixo de 45 anos	(16) (21) (22) (23)	(17) (19) (20) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (15)	(7) (8) (9) (14) (18)
Acima de 66 anos	(6)	(3) (4) (5) (10) (11) (12) (13)
Total:	8	16

Tabela 11: Identificação dos informantes como brasileiros ou italianos (FS – P15)

Informantes	Brasileiro	Italiano	Meio a meio
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (20) (23)	(21) (22) (24)	(19)
Entre 46 e 65 anos	(1) (8) (9) (14) (15) (18)	(7)	(2)
Acima de 66 anos	(10) (11) (12) (13)	(3) (4)	(5) (6)
Total:	14	6	5

Tabela 12: Emprego da língua italiana em situações do dia a dia (Q – P1)

Informantes	Emprega	Não emprega
Abaixo de 45 anos	(20) (21) (22)	(16) (17) (19) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (7) (8) (15)	(2) (9) (14) (18)
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (12)	(6) (10) (11) (13)
Total:	11	13

Tabela 13: Língua mais falada no Pinho de Baixo de acordo com os informantes(Q – P2)

Informantes	Português	Italiano	Meio a meio
Abaixo de 45 anos	(19) (20) (21) (22) (23) (24)	(16)	(17)

Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (9) (14) (15)		(7) (8) (18)
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)		
Total:	19	1	4

Tabela 14: Percepção das diferenças na fala do interior em relação à cidade de Irati (Q – P3)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (14) (15) (18)	(8) (9)
Acima de 66 anos	(3) (5) (10) (13)	(4) (6) (11) (12)
Total:	17	7

Tabela 15: Juízo de valor sobre a língua falada no Pinho em relação a Irati (Q – P4)

Informantes	Moradores do Pinho de Baixo falam melhor	Moradores de Irati falam melhor	Não há superioridade nas formas de falar
Abaixo de 45 anos	(19)	(24)	(16) (17) (20) (21) (22) (23)
Entre 46 e 65 anos	(7)		(1) (2) (8) (9) (14) (15) (18)
Acima de 66 anos	(6)	(4) (11)	(3) (5) (10) (12) (13)
Total:	3	3	18

Tabela 16: O falar dos jovens em relação ao dos mais velhos (Q – P6)

Informantes	É igual	É diferente
Abaixo de 45 anos	(17)	(16) (19) (20) (21) (22) (23)

		(24)
Entre 46 e 65 anos		(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)
Acima de 66 anos	(3) (5) (6) (11)	(4) (10) (12) (13)
Total:	5	19

Tabela 17: Mudanças na fala dos jovens (Q – P7)

Informantes	Sim	Não
Abaixo de 45 anos	(16) (19) (20) (21) (22) (24)	(17) (23)
Entre 46 e 65 anos	(2) (7) (8) (14) (15)	(1) (9) (18)
Acima de 66 anos	(3) (4) (6) (11) (12) (13)	(5) (10)
Total:	17	7

Tabela 18: Percepção das diferenças entre a fala de homens e mulheres (Q – P8)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença
Abaixo de 45 anos	(16) (19) (20) (21) (22) (24)	(17) (23)
Entre 46 e 65 anos	(2) (18)	(1) (7) (8) (9) (14) (15)
Acima de 66 anos	(11)	(3) (4) (5) (6) (10) (12) (13)
Total:	9	15

Tabela 19: Percepção das diferenças na fala de descendentes de italianos de comunidades vizinhas (Q – P9)

Informantes	Percebe diferença	Não percebe diferença	Não conhece
Abaixo de 45 anos	(20) (21) (22) (24)	(16) (23)	(17) (19)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (9) (15)	(8) (14)	

	(18)		
Acima de 66 anos	(5)	(3) (4) (6) (10) (11) (12)	(13)
Total:	11	10	3

Tabela 20: Consideração de que há falares feios ou esquisitos (Q – P10)

Informantes	Há falares feios	Não há falares feios
Abaixo de 45 anos	(16) (24)	(17) (19) (20) (21) (22) (23)
Entre 46 e 65 anos	(8) (15)	(1) (2) (7) (9) (14) (18)
Acima de 66 anos	(3) (11)	(4) (5) (6) (10) (12) (13)
Total:	6	18

Tabela 21: Crença de que a fala de uma pessoa representa quem ela é (Q – P12)

Informantes	Acredita que representa	Acredita que não representa
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (20) (21) (22) (24)	(19) (23)
Entre 46 e 65 anos	(2) (7) (8) (9) (15) (18)	(1)
Acima de 66 anos	(4) (6) (12) (13)	(5) (10) (11)
Total:	16	6

Tabela 22: Possibilidade de um falante ser reconhecido por sua fala (Q – P13)

Informantes	É possível	Não é possível
Abaixo de 45 anos	(16) (19) (20) (21) (22) (24)	(17) (23)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (8) (9) (15) (18)	(7) (14)
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (12) (13)	(11)
Total:	19	5

Tabela 23: Comportamento dos entrevistados em relação à própria fala (Q – P15)

Informantes	Já sentiu vergonha	Nunca sentiu vergonha
Abaixo de 45 anos	(17) (19) (22) (24)	(16) (20) (21) (23)
Entre 46 e 65 anos	(2) (14) (18)	(1) (7) (8) (9) (15)
Acima de 66 anos	(12)	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (13)
Total	8	16

Tabela 24: Tentativa de fala monitorada em alguma situação comunicativa (Q – P16)

Informantes	Já falou de forma monitorada	Nunca falou de forma monitorada
Abaixo de 45 anos	(17) (20) (22)	(16) (19) (21) (22) (23)
Entre 46 e 65 anos	(1) (8) (14) (15) (18)	(2) (7) (9)
Acima de 66 anos		(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)
Total:	8	16

Tabela 25: O falar do Pinho de Baixo é igual ao dos apresentadores de TV (Q – P18)

Informantes	É igual	É diferente
Abaixo de 45 anos		(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (8)	(2) (7) (9) (14) (15) (18)
Acima de 66 anos	(4) (6) (12)	(3) (5) (10) (13)
Total:	5	18

Tabela 26: Há mistura de português e italiano na língua falada na comunidade? (Q – P19)

Informante	Há uma mistura	Não há mistura

Abaixo de 45 anos	(16) (21)	(17) (19) (20) (22) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(7)	(1) (2) (8) (9) (14) (18)
Acima de 66 anos	(6)	(3) (4) (5) (10) (12) (13)
Total:	4	18

Tabela 27: Concepções acerca da língua portuguesa falada no Brasil (Q – P20)

Informantes	A língua portuguesa é fácil	A língua portuguesa é difícil
Abaixo de 45 anos	(17)	(16) (19) (20) (21) (22) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(7) (8) (9) (15) (18)	(1) (2) (14)
Acima de 66 anos	(4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)	(3)
Total:	13	11

Tabela 28: Entendimento da função mais importante da língua (Q – P21)

Informantes	Conhecer as regras e falar certo	Conseguir se comunicar
Abaixo de 45 anos		(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (23)
Entre 46 e 65 anos	(7) (9)	(1) (2) (14) (15) (18)
Acima de 66 anos	(3) (10)	(4) (6) (11) (12) (13)
Total	4	18

Tabela 29: Juízo da beleza da língua italiana falada no Brasil (Q – P22)

Informantes	É bonita	É feia
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	

Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)	
Total:	24	0

Tabela 30: Conhecimento dos informantes acerca dos dialetos falados na Itália (Q – P24)

Informantes	Conhece	Desconhece
Abaixo de 45 anos	(20) (21) (23)	(16) (17) (19) (22) (24)
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (8) (14)	(7) (9) (15) (18)
Acima de 66 anos	(6) (10) (12)	(3) (4) (5) (11) (13)
Total:	10	14

Tabela 31: Crença de que a língua italiana está desaparecendo do Pinho de Baixo (Q – P26)

Informante	Acreditam que está desaparecendo	Acreditam que não está desaparecendo
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	(1)
Acima de 66 anos	(3) (4) (10) (11) (13)	(5) (6) (12)
Total:	20	4

Tabela 32: Relevância do curso de língua italiana para comunidade (Q – P27)

Informantes	Considera importante	Não considera importante
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	

Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)	
Total:	24	0

Tabela 33: Crença de que a língua italiana deveria ser estudada nas escolas (Q – P32)

Informantes	Deveria ser estudada	Não deveria ser estudada
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	(1)
Acima de 66 anos	(4) (5) (6) (10) (11) (12)	(3) (13)
Total:	21	3

Tabela 34: Crença de que há uma língua mais carinhosa que outra (Q – P34)

Informantes	Língua italiana é mais carinhosa	Língua portuguesa é mais carinhosa
Abaixo de 45 anos	(16) (19) (22) (24)	(17) (20) (21) (23)
Entre 46 e 65 anos	(2) (7) (8) (9) (15)	(1) (14) (18)
Acima de 66 anos	(4) (6) (11) (12)	(3) (5) (10) (13)
Total:	13	11

Tabela 35: Atitude de utilizar xingamentos na língua vernácula (Q – P35)

Informantes	Xinga em português quando tropeça	Xinga em italiano quando tropeça	Não xinga
Abaixo de 45 anos	(20) (22) (23) (24)	(16) (17) (19) (21)	
Entre 46 e 65 anos	(2) (9) (14)	(1) (7) (8)	(15) (18)
Acima de 66 anos	(5) (10)	(3) (6) (12)	(4) (11) (13)
Total:	9	10	5

Tabela 36: Possibilidade de adquirir imóvel em um bairro de descendentes de eslavos (Q – P36)

Informantes	Compraria	Não compraria
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	(2)
Acima de 66 anos	(3) (5) (6)	(4) (10) (11) (12) (13)
Total:	18	6

Tabela 37: Atitude de adquirir imóvel em um bairro só de descendentes de italianos (Q – P37)

Informantes	Compraria	Não compraria
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (10) (11) (12) (13)	
Total:	24	0

Tabela 38: Atitude de fechar negócios com descendentes de ucranianos e poloneses (Q – P38)

Informantes	Faria negócios	Não faria negócios
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (15) (18)	
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (11) (12) (13)	
Total:	21	0

Tabela 39: Realização de missas e cultos realizados em italiano na comunidade (Q – P39)

Informantes	Sim	Não
Abaixo de 45 anos		(16) (17) (19) (20) (21) (23) (24)
Entre 46 e 65 anos	(14)	(1) (2) (7) (8) (9) (15) (18)
Acima de 66 anos	(3) (4) (12)	(6) (10) (11) (13)
Total:	4	18

Tabela 40: A língua considerada mais bonita pelos falantes da comunidade (Q – P40)

Informantes	Italiana	Outras
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	
Acima de 66 anos	(4) (5) (6) (11) (12) (13)	
Total:	22	0

Tabela 41: Atitude de ouvir músicas típicas e participar de festas voltadas à cultura italiana (Q – P41)

Informantes	Ouve/participa	Não ouve/não participa
Abaixo de 45 anos	(16) (17) (19) (20) (21) (22) (23) (24)	
Entre 46 e 65 anos	(1) (2) (7) (8) (9) (14) (15) (18)	
Acima de 66 anos	(3) (4) (5) (6) (12) (13)	(10) (11)
Total:	22	2